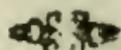
# JORNADA,
QUE
ANTONIO DE ALBUQUERQUE
COELHO,
Governador, e Capitaõ General da Cidade do Nome de Deos de Macao na China,
*Fez de Goa atè chegar á dita Cidade no anno de 1718.*
Dividida em duas partes.
*Escrita*
PELO CAPITAÕ
JOAÕ TAVARES
DE VELLEZ GUERREIRO,
*E DEDICADA*
AO DUQUE,
por
D. JAYME DE LA TE, Y SAGAU.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina da MUSICA.

M.DCC.XXXII.
*Com todas as licenças necessarias.*
Vendese na mesma Officina.

# AO DUQUE.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

ESTA viagem, que me resolvi a imprimir, por me

parecer, que a ſua liçaõ ſerá naõ ſó util, mas agradavel aos curioſos de ſemelhantes noticias, dedico a V. Excellencia, mas o motivo deſta dedicaçaõ naõ he algum daquelles, que o coſtumaõ ſer das outras. Eu naõ pertendo, que o grande reſpeito de V. Excellencia ſirva de eſcudo contra os que quizerem dizer mal da obra; quero ſim, que conheça o publico, que atè os caracteres da minha Impreſſaõ ſabem formar palavras, que podem publicar em toda a parte onde forem entendidas, para teſtemunho do ſeu agradecimento, a honra que V. Excellencia lhes fez. Eſcreveo V. Excellencia as *Ulti-*

*mas*

*mas acçoens de seu Pay* o GRANDE DUQUE D. NUNO, e naõ satisfeito de me honrar a mim, quiz tambem honrar a minha Officina, mandandome, que as imprimisse, e que a grandeza da ediçaõ correspondesse à grandeza da materia, e do Escritor. Para satisfazer ao preceito de V. Excellencia, escolhi os mais perfeitos caracteres, fiz a impressaõ em folha de grande papel, e para que em tudo fosse magnifica, mandou V. Excellencia a Monsieur Quillard, igualmente destro no Pincel, e no Buril, que abrisse em planchas de cobre tudo o que fosse preciso para o ornato do livro, o que

e lhe executou com ſumma perfeiçaõ, pois naõ fallando em vinhetas, letras iniciaes, e remates, abrio para o principio da obra huma eſtampa de admiravel idéa, a que ſe ſegue outra com o Retrato do Duque ſummamente ſemelhante. No meyo ſe vé outra, q̃ repreſenta a pompa militar do enterro, e no fim trinta e tres, que moſtraõ o magnifico Mauſoleo, e todos os adornos funebres de que ſe veſtio a Igreja de Santa Juſta, quando a Irmandade do Senhor lhe celebrou as Exequias; de ſorte, que poſſo affirmar ſem vaidade nem mentira, que a minha Officina deve a V. Excellencia

a glo-

a gloria, de q́ nella se fizesse a ediçaõ mais perfeita, e magnifica, que atè aqui se tem feito na Peninsula de Hespanha.

Em todos os seculos, e em todas as idades se leráõ neste grande livro as acçoens de hũ Principe, que para se fazer Heroe, soube igualar com a grandeza das virtudes a grandeza do nascimento, e que para ser mayor que todos os seus Mayores, alcançou de Deos o alto beneficio de ser Pay de V. Excellencia; mas no mesmo tempo se leráõ impressas na Officina da Musica. A agradecida memoria desta honra se conservará sempre na mesma Officina, para a publicar no

Mundo em quanto nella durarem os caracteres.

Agora desejara eu, Senhor Excellentissimo, huma eloquencia, e huma erudicçaõ iguaes ao meu profundissimo respeito para com a pessoa de V. Excellencia, para que, já que falley no material do livro, podesse tambem fazer hum juizo naõ só da relaçaõ, que V. Excellencia escreveo, mas de todas as mais obras, assim em verso, como em prosa, de que elle se compoem; mas destas bastame dizer, que foraõ compostas pelos melhores Poetas, e Oradores de Portugal, e da relaçaõ de V. Excellencia direy o que diz o ultimo dos Sonetos,

netos, que no meſmo livro ſe imprimiraõ em louvor de V. Excellencia; e ainda que no fim naõ eſtá firmado mais que com as letras iniciaes do nome de ſeu Author, bem ſe conhece, que he feito por hum Padre Caetano.

## SONETO.

A Religioſa, ſingular piedade,
Nas ultimas acçoens mais repetida
Do grande Duque, com que o fim da vida
Fez principio feliz da eternidade.
Com igual eloquencia, que ſaudade,
Deixais, Heroico JAYME, referida,
Porque na muda voz do prélo ouvida,
Viva eſtampada na futura idade.
Eſſa vida que tendes recebido
De hum Pay taõ dignamente venerado,
Oh que bem lha pagais agradecido!
Pois já duas vidas tem por vós logrado;
Huma em voſſas acçoens reproduzido,
Outra em ſuas acçoens eternizado.

Deos

Deos guarde a V. Excellencia muitos annos, e lhe dé todas as felicidades que lhe deseja seu criado

*D. Jayme de la Te, e Sagáu.*

PRO-

# PROLOGO.

NAõ ha melhor meyo para o acertado fim de qualquer heroica empreza, ainda que arriſcada, do que huma apoſtada reſoluçaõ, dirigida de hum natural vivo, prudente, e experimentado. A prudencia ſem reſoluçaõ he puſilanimidade; e a reſoluçaõ ſem experiencia, e prudente ponderaçaõ das conſequencias, he reputada por temeridade. A reſoluçaõ, que tomou o Senhor Antonio de Albuquerque Coelho na jornada, que emprendeo de Goa por terra atè Madraſta, e dalli por mar atè Macao, parecerá temeraria a

quem

quem ſó attender às circunſtancias do tempo, o mais incómodo naquellas partes pelas continuas chuvas, e trovoadas; aos riſcos dos caminhos por terra de barbaros, e infieis, onde neceſſariamente ſe havia de atraveſſar o Reyno de Sunda, cujo Senhor andava em differenças com o Eſtado da India; ſe haviaõ avançar rios impetuoſos com as inundaçoẽs das chuvas, e arrebatados com as enchentes das aguas; ſe haviaõ de paſſar braços do mar, cuja paſſagem he tanto mais difficultoſa de empréder, quaõ menos ſeguro o modo de a effeituar; ſe haviaõ encontrar innumeraveis tigres, que infeſtaõ

taõ aquelles montes; se havia de expor às invasoens de deshumanos, e atreiçoados ladroens, que impedem aquelles caminhos. E o que he mais, a pessoa de hum Governador do Serenissimo Rey de Portugal, se havia de aventurar a ser, ou descortezmente tratada, ou afrontosamẽte reprezada com menos decoro da reputaçaõ Portugueza. Mas quem tambem advertir, q̃ a natural viveza, e prudente experiencia de quem se expunha a taes perigos, sabia nas occasioens dar talho às difficuldades, e nos repẽtes engenhosamente vencer os obstaculos, naõ reputará por temeridade o que era assentada

da

da reſoluçaõ; confiada naõ menos na proſpera fortuna de Ceſar, que na prudente experiencia de Cataõ. O qual bem moſtrou o ſucceſſo, como ſe verá no diſcurſo deſta Relaçaõ.

Vale.

LICEN-

# LICENÇAS
## DO SANTO OFFICIO.
### EMINENTISSIMO SENHOR.

LI a Relaçaõ, que quer reimprimir D. Jayme de la Té, e Sagáu, e nada contèm contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. Lisboa Occidental 10. de Julho de 1730. *D. Antonio Caetano de Sousa.*

VIsta a informaçaõ, póde-se imprimir a Relaçaõ de que trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 11. de Julho de 1730.

*Fr. R. Lancastro. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.*

## DO ORDINARIO.

POde-se imprimir, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa Occidental 12. de Julho de 1730. *Gouvea.*

# DO PAÇO.

## SENHOR.

POr ordem de V. Mageſtade vi a Jornada, que Antonio de Albuquerque Coelho fez de Goa á Cidade de Macao, e nella naõ achey couſa, que ſeja contra o ſerviço de V. Mageſtade, que mandará o que for ſervido. Neſta Caſa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 23. de Agoſto de 1730.

*D. Joſeph Barboſa,*

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará à Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 26. de Agoſto de 1730.

*Pereira. Teixeira. Bonicho.*

TAxaõ eſte livro em dous toſtoens em papel, para que poſſa correr. Lisboa Occidental, 28. de Mayo de 1732.

*Pereira. Teixeira. Rego.*

# PRIMEIRA PARTE.

## Deſcreve-ſe a Jornada de Goa até chegar ao Reyno de Gior.

## CAPITULO I.

*Couſas ſuccedidas de Goa atè entrar nas terras do Reyno do Canarà.*

INtentando o Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Sebaſtiaõ de Andrade e Peſſanha, Arcebiſpo Primaz, e Go-

vernador dos Eſtados da India, dar Governador à Cidade de Macao, poz os olhos no Senhor Antonio de Albuquerque Coelho; e attendendo, que aſſim o bem temporal daquella Cidade, como o eſpiritual das dilatadas Miſſoens, dependentes da meſma Cidade, e neſtes calamitoſos tempos taõ perturbadas, neceſſitavaõ da aſſiſtencia de tal Governador, como aſſaz experimentado daquelles Paizes, pois tinha por baſtante tempo habitado nelles, determinou fizeſſe logo ſua viagem para aquella Cidade. Eſtavaõ no porto de Goa dous navios, que naquelle

le anno tinhaõ vindo de Macao, hum delles naõ tinha a necessaria expediçaõ para voltar: no outro se assentou embarcasse o dito Governador; e estando as cousas preparadas, na noite dos 22. de Mayo às 7. horas levantou véla o Capitaõ daquelle navio, por causa do vento, que de repente começou fortemente a assoprar, e se fez ao mar sem esperar pelo Governador, que havia de hir para Macao, ou porque julgou devia aproveitarse logo do vento, quando qualquer tardança em tempo, que já começava a invernada, podia ser nociva à sua viagem,

ou porque temeo corresse risco o navio ancorado, sendo mais conveniente o affastarse de terra, ou fosse outro qualquer o motivo expediente às suas conveniencias.

Com este successo parece ficava frustrado o intento do Illustrissimo Senhor Primaz Governador, que era, que o Senhor Antonio de Albuquerque Coelho partisse naquelle anno para Macao; mas a actividade de hum, e outro Senhor remediou este accidente naõ esperado, com a resoluçaõ de que aquella jornada se emprendesse por terra até Madrasta, aonde por todo o Ju-

lho poderia achar embarcaçaõ para alguma das partes confinantes com a China, por ser aquelle emporio dos Inglezes hum dos mais bem providos de toda a Asia, e expedito em despachar navios em qualquer tempo para varios portos. Assentada esta resoluçaõ, expedio o Illustrissimo Senhor Primaz Governador suas ordens, e recomendaçóes assim às Feitorias do Estado, como às outras dos Estrangeiros; e aos 30. de Mayo o destinado Governador de Macao, no cais do Desembargador Agostinho de Azevedo Monteiro, se embarcou na Manchua de D. Christovaõ

tovaõ de Mello, Védor da Fazenda, levando em ſua companhia o Capitaõ Joaõ Tavares de Velez Guerreiro, que eſtava nomeado para a guarniçaõ da Fortaleza da Barra de Macao, e o ſeu Ajudante Ignacio Lobo de Menezes, e no ſeu Balaõ a Joaõ Nunes, e Paſcoal Ribeiro Portuguezes, e cinco Cafres ſeus cativos, e juntamente dous clarins; e fazendo ſua digreſſaõ ao Convento dos Religioſos Capuchos da Madre de Deos, rendeo devota oraçaõ àquella Senhora, que he amoroſa companheira, e fiel guia dos viandantes; e recebendo em ſua companhia a

Fr.

Fr. Angelo de Santo Antonio, e o Irmaõ Benedicto, que ambos eſtavaõ deſtinados para o acompanhar no ſobredito navio até a China, ſe partio daquelle obſervantiſſimo Convento pelas 6. horas da noite, para a Fortaleza de Rachol, aonde chegou pelas 10. recolhendo-ſe em caſa do Senhor D. Luiz da Coſta, General da Provincia de Salſete, e foy hoſpedado com aquelle carinho, e agrado, que pedia a grande amiſade entre ambos contrahida. Foy neceſſario deterſe alli hum dia mais; porque faltando os Deçais de Pódà à palavra, com que tinhaõ

promettido cavallos para a-
quella jornada, por intelligen-
cias, que havia entre elles, e o
Rey de Sunda; o Senhor D.
Luiz da Costa applicou sua di
ligencia, e cuidado a supprir o
com que faltaraõ aquelles De-
çais.

Deo-se principio à jornada
aos 2. de Junho com huma de
vota assistencia, que os dous
Generaes fizeraõ ao sacrosan-
to Sacrificio da Missa, acçaõ
propria da fidalguia Portugue-
za, que costuma começar suas
emprezas pela piedade. Partio
o Governador levado no an-
dor do General daquella Pro-
vincia, com toda a mais comi-
tiva

tiva acima referida, recuſando huma tropa de 20. cavallos, que o General D. Luiz da Coſta lhe offerecera para o acompanhar até Coculim, aceitando ſómente hum Cabo de Eſquadra, e outro Soldado com ordem do dito General para que obedeceſſem em tudo o que o Governador lhes mandaſſe. Fez-ſe o caminho pela Aldea de Chinchini, naõ tanto por ſe aviſtar com o R. Padre Manoel Carvalho, da Companhia de JESU, veneravel Anciaõ, e de ſingular eſtimaçaõ, Vigario daquella Freguesia, quanto por viſitar a devota Imagem de Noſſa Senhora, que

que naquelle lugar he venerada com notavel devoçaõ pelo Povo. E o bom Padre admirado da resoluçaõ do Governador, e ponderando os perigos, e trabalhos, a que se expunha, o exhortou a que se puzesse debaixo do patrocinio da Mãy de Deos, toda fonte de piedade, e misericordia, e norte seguro dos caminhantes, com o qual patrocinio podia esperar felicissimo successo: o que tudo ouvio o Governador com affectuosa ternura, prometteo hum manto à devota Imagem, e partindo pelas tres horas da tarde em demanda da Aldea de Coculim,

lim, chegou lá pelas cinco, el tando o Capitaõ de Infantaria Antonio de Abreu, que alli aſſiſtia de guarniçaõ, aparelhado para hoſpedar o dito Governador; mas eſte rendendo as devidas graças a taõ urbana offerta, ſe foy agaſalhar na Igreja daquelle lugar, em que reſidia por Vigario o R. P. Valentim de Gouvea da Companhia de JESU, accõmodandoſe a mais comitiva em caſa do dito Capitaõ de Infantaria.

Amanheceo o dia ſeguinte, e a primeira couſa, que o Governador fez, foy aſſiſtir à Miſſa com a ſua coſtumada devoçaõ, e piedade; e preparado o neceſſa-

necessario, dispoz a marcha, a qual como foy entrando pelas terras do Sunda, se dividio em fórma de Arrayal, precedendo na vanguarda vinte Lascarins mosqueteiros com o Capitaõ Joaõ Tavares, e os dous Portuguezes, e na retaguarda hia o Governador com os outros Lascarins, seus Cafres, e o Ajudante, levando toda a bagagem no centro, e os dous Soldados de Cavallo lhe guardavaõ as costas. Eraõ aquelles Lascarins da Infantaria do Deçay Nagogi Narque, que por ordem do Illustrissimo Senhor Primaz foraõ deputados para acompanhar ao dito Governador

dor até as terras do Canarà. Nesta fórma chegou o Arrayal à primeira vigia do Rey de Sunda, que constava de sessenta Lascarins, e logo lhes foy intimado, quem passava, para onde, e a que fim. Continuouse a marcha, e juntamente a chuva, que naõ cessou naquelles dias; pela qual razaõ os caminhos eraõ huma continuada alagoa, e com grande trabalho se chegou às cinco horas da tarde à Aldea de Parurá, que está ao Sul de Cabo de Rama, onde se aquartelou o Governador na barraca da vigia, que constava de cinco Lascarins, que arrebatados do medo, largaraõ

garaõ o poſto, fiando dos pés a ſua ſegurança; mas dandolhe ſeguro, que nem elles, nem os da Aldea ſeriaõ moleſtados, com condiçaõ, que de noite nenhum chegaſſe ao deſtricto do Arrayal, ſobpena de morrer arcabuzeado, ſe ſocegaraõ. No dia ſeguinte ſe proſeguio a jornada com moleſtia da chuva do Ceo, e alagos da terra; e a poucos paſſos andados ſe encontrou hum braço do mar, cuja largura era pouco menos, que hum tiro de piſtola. A neceſſidade obrigava a a traveſſallo a pé, pois naõ havia alli nem ponte, nem embarcaçaõ alguma, nem quem ſou-

ſoubeſſe , que fundo tinha. Foy hum aventureiro a obſervarlhe a altura , e achou naõ paſſar da cintura para cima , e retirando-ſe para a praya, de tal ſorte creſceo a agua com o quebrar das ondas , que o hia arrebatando para o mar,e com grande difficuldade ſe ſalvou.

Ficou a gente ſummamente intimidada à viſta do caſo , e deu por impoſſivel a paſſa gem ; mas o Governador ſocegou a todos, e com ſua natural viveza obſervando aquelle ſyntoma , e ſegredo da natu reza, advertio, que de nove em nove ondas creſcia , e decrecia com taõ grande improporçaõ, e em

e em taõ breve eſpacio de tem po aquella nova marè, que naõ chegaraõ a deſcobrir, nem Ariſtoteles, nem Plinio: e fei ta eſta obſervaçaõ, acabada a nona onda, o paſſou com toda a gente, ſem que peſſoa algũa perigaſſe. Tanto val em ſeme-lhantes occaſiões haver huma cabeça ſagazmente advertida, que ſaiba prudentemente eſ-pecular, e deſcubrir os ſegre-dos da natureza para aſſim po-der cortar pelas difficuldades! Fica eſte braço de mar logo à entrada da praya de Galipan, a qual he huma lingua de area, que vay dar no rio Quilipican, e eſte ſahe ao mar pela dita lin-

gua

gua de area, e corre taõ arrebatadamente, que pareceo até ao meſmo Governador ſer impoſſivel ſua paſſagem. Havia alli Almadias grandes, mas naõ coſtumavaõ paſſar naquelle poſto, e ſó huma legua mais dentro, aonde a corrente he menos furioſa. Naõ ſe achou o Governador com fleuma de hir buſcar mais longe a paſſagem, e mandou conduzir quantos peſcadores ſe achaſſem, e com promeſſa de aventajada paga (movel, que coſtuma imprimir forças a ſemelhante gente) à força de multiplicados remos ſe venceo a corrente, e puzeraõ da outra

parte. Vencida eſta difficuldade, logo deraõ noutra naõ menos arriſcada, que era o rio Lolipigan, que ſe havia de paſſar em duas unicas Almadias, taõ rotas, e deſmanteladas, que pareceria grande temeridade arriſcar nellas tanta gente; mas como a fortuna ajuda aos animoſos, paſſaraõ todos à outra parte com deſprezo dos perigos. Continuouſe a marcha por terra raſa, e dilatada em vargens, que por ſer tal, em tempo de tantas chuvas, eraõ ſeus caminhos muy arriſcados. Finalmente já quaſi noite ſe chegou à Aldea Seovençar.

He eſta Aldea de reſpeito, e conſideraçaõ, aſſim por haver nella huma Fortaleza baſtantemente grande, fabricada de pedra, e cal, com cinco baluartes, e algumas peças de pequeno calibre, preſidiada de cem Soldados; mas muito mais por eſtar alli templo dedicado a Deos, com reſidencia dos Religioſos da Companhia de JESU, em que aſſiſtia o P. Manoel Botelho da meſma Companhia. Mandou o Governador fazer a marcha por dentro da Povoaçaõ a ſom de clarins, e com a melhor pompa, que pode, ficando os do lugar cheyos naõ menos de ad-

miraçaõ, que de medo, e se foy agasalhar à Igreja. Era esta em tudo Apostolica, naõ só pela pobreza, e estreiteza, pois era tecida de palha, e de quatro varas de comprido, e tres de largo, como tambem pela exemplar vida, e grande zelo das almas daquelle Religioso. Alli expoz o Governador as Imagens de Nossa Senhora da Penha, e de Santo Antonio, seus fieis, e indivisos companheiros em todas as viagens, e emprezas, e que lhe serviaõ igualmente de fomento à sua devoçaõ, e de confiança a seu animo, e o Padre entoou as Ladainhas de Nossa Senhora,

a que o Governador, e os mais devotamente refponderaõ. Entre tanto os da Fortaleza eftavaõ paffados de medo: fecharaõ as portas, e com rigorofa fentinella fe puzeraõ com as armas na maõ; porque lhes remordia a confciencia, quando de alli tinhaõ hido alguns Sol dados ajudar ao Sambagy na entrada, que poucos mezes antes tinha feito nas terras de Salfete. Mas nada fuccedeo de parte a parte, porque o Governador fó attendia à fua via gem; e os da Fortaleza fe davaõ por muy fatisfeitos fe os deixaffem em paz. No dia feguinte, cinco do corrente mez,

foy taõ grande a chuva, e cresceo tanto a agua pelos caminhos, que chegava a dar pelos peitos; mas naõ foy bastante este incommodo a que se interrompesse a jornada.

Passadas poucas horas daquelle dia, se emprendeo vencer huma grande difficuldade, qual era a passagem de Chitacola, que he a boca da enseada das Galès, naõ tanto pelas encrespadas ondas causadas dos grandes ventos, e tempestades, quanto pela resistencia, que a vigia daquelle posto intentou fazer, impedindo as embarcaçoes da passagem. Constava aquella vigia sómente de dés

Las-

Lascarins, hum pouco resolutos; mas acharaõ quem os vencesse na resoluçaõ; porque o Governador, ainda que naõ queria exasperar a gente daquelle Reyno, conforme nas presentes circunstancias pedia a prudencia, julgou com tudo naõ devia dar o minimo indicio de medo, para que a demasiada cautela de naõ os offender, naõ degenerasse em desprezo de sua pessoa; pelo que denodadamente lhes mandou intimar, que senaõ desistiaõ de seus intentos, os mandaria a todos açoutar. Foy bastante esta intimaçaõ, para que largassem livre a passagem.

Vencida a Serra de Argapeite, cuja ſobida, e deſcida foy hum pouco moleſta, ſe fez aſſento já quaſi noite na Aldea do Aurſia, e foy neceſſario fazer quartel no alpendre de hũ grande Pagode, que eſtava cheyo de muita gente; pela qual razaõ mandou o Governador fechar as portas, e fazer ſentinella. Seriaõ nove, ou dez horas da noite, quando aquelle Tartareo, e vil ajuntamento começou hum triſte, e deſcompoſto deſcante, com o toque de tamboris, campainhas, e gaitas; e ſabendo o Governador, que aquillo era querer dar principio às ſuas diabolicas

rezas,

rezas, com imperio, e authoridade lhes fez dizer, que desistissem daquella acçaõ, e doutra sorte, à força de crueis bofetadas, que os seus Cafres lhes dariaõ, seriaõ lançados fóra do Pagode: e bastou isto para ser obedecido à risca. Tanto pòde o zelo Christaõ, animado da efficacia de hum generoso espirito, que aterrou, e confundio aquelles miseraveis, e enganados escravos de Satanás, e impedio o obsequio, que se queria fazer ao diabo com dispendio da honra Divina!

Amanheceo o dia sexto de Junho, e juntamente se dirigio o Arrayal para a Aldea de Ancolá,

celá, com menos chuva, que os dias paſſados, mas naõ com menor difficuldade; quando a pouca diſtancia do alojamento daquella noite, ſe deſcobrio no mar hum laſtimoſo eſpectaculo. Era hũ navio, que ſó tinha ſundado toda a ſua eſperança de ſe naõ perder totalmente em hũa ancora, contra quem eſtavaõ apoſtadas a inchada furia dos mares, e petulante tempeſtade dos ventos; e o eſperava aquella brava coſta, para deshumanamente o receber em pedaços, e o entregar àquelles barbaros, a cujo Rey (conforme o coſtume, ou abuſo de quaſi toda a India) per-

tencem os bens dos naufrapamos. Moveofe o Governador a compaixaõ, e temendo foſſe o navio de Macao, em que tinha determinado embarcarſe, deſejava de algum modo ſoccorrello, mas como naõ diſtava muy longe a Aldea de Ancolá, onde havia de jantar, e alli podia de alguma ſorte prover ao neceſſario, continuou a jornada, deixando dous homens da ſua companhia cõ ordem, que foſſem à praya, e alli fizeſſem toda a diligencia para ſaber, que barco era, e de tudo lhe foſſem dar noticia. He Ancolá hũa das melhores, e mayores Povoações do Rey-
no

no de Sunda, assim pelo lugar em que está, como pela bem lançada Fortaleza, com que he defendida, lavrada de pedra de cantaria, disposta com bons baluartes, e levantada em muy bella situaçaõ. Poz-se o Arrayal em ordem, e caminhou a marcha para o Bazar; e reconhecendo o Governador grande aballo em todos os visinhos daquelle Povo, para os livrar do susto, lhes mandou dizer, que o guiassem até a Igreja, aonde residia o R. P. Joseph Pereira da Companhia de JESU, sogeito de conhecidos, e aventajados talentos, o qual recebeo ao Governador, ajun-

ajuntando com a moderaçaõ Religiosa, huma decente grandeza no jantar, que lhe offereceo de cousas muy boas, effeito de sua economica providencia para semelhantes occasioens, e juntamente o proveo para a viagem de varios doces, frutas, e outros regalos.

Como nesta Igreja ouvisse dizer, que se sospeitava ser de Mascate aquelle navio, que arriba se fallou; e que os Mouros da terra o esperavaõ, e os homens, que tinha deixado para o exame do dito navio, nenhuma cousa certa disseraõ, se resolveo a partirse, especialmente sendo obrigado a fazello,

zello, aſſim por lhe dizer o Padre Joſeph Pereira, que o lugar dos confins entre o Sunda, e Canará, ſó diſtava duas horas de caminho, como tambem por elle Governador temer, que a ſua detença foſſe cauſa, que o Rey de Sunda, cuja Corte naõ diſtava muy longe, aſtutamente lhe armaſſe alguma emboſcada, em que correſſe perigo ſua peſſoa. Pelo que moſtrando ſeu animo agradecido àquelle Religioſo Padre, ſe deſpedio delle, e poz a caminho, que foy bem moleſto, e mais comprido do que convinha, por cauſa do guia, como com baſtante fundamento

damento ſe ſoſpeitou, por quanto elle moſtrou queria ficar em Ancolá. E ſe confirmou eſte fundamento; porque chegados ao rio, que divide o Reyno de Sunda das terras do Canará, ſe achou a paſſagem ſem Almadias, as quaes todas eſtavaõ na outra parte do Canará, e chamandoſe, nenhuma quiz vir. Vendo o Governador as couſas neſta fórma, ſem moſtrar perturbaçaõ em ſeu animo, começou a diſpor o neceſſario para a ſua ſegurança. A primeira couſa foy prender o guia na barraca da vigia daquelle lugar, e junta mente dous homens da meſma

vigia,

vigia: mandou tambem recolher à dita barraca todos os Bigarins dos Andores, pondo alli duas ſentinellas de confiança; e como aquella paragem era deſerta, deo ordem ſe cortaſſem eſtacas, com que ſe intrincheirou em tal ordem, que podeſſe acodir a huma, e outra parte do caminho, guarnecendo a eſtancia com vinte homens, e pondo os outros no monte, que ficava a tudo eminente; e diſpoſto tudo com notavel preſſa, e melhor modo que pode ſer, ſe paſſou a noite com vigilante ſocego.

CA

## CAPITULO II.

*Proſegue-ſe a jornada atè enveſtir o caminho dos Gates.*

ALvejou a manhaã ſeguinte, e logo o Governador obrigou aos dous vigias do lugar, a que conduziſſem as Almadias da paſſagem, o que elles fizeraõ com naõ menor diligencia, que medo; e foy tal a expediçaõ, que pelas ſete horas da manhãa todo o Arrayal ſe achou nas terras do Reyno do Canará. Aqui deſpedio o Governador o guia, e a eſquadra dos Laſcarins do

Deçay de Dongrim com cartas para o General da Provincia de Salſete, e ſeus Procuradores; reſervou porém a companhia de Coculim, contra as ordens do Illuſtriſſimo Governador Primaz, conjecturando prudentemente o que lhe havia de ſucceder. Foy o caſo, que Segunda feira ſete do dito mez de Junho, depois de vencer as difficuldades das grandes chuvas, e as eſpeſſuras de eſpinhoſos matos, aviſtada a Fortaleza de Mirizen, primeira do Reyno do Canará, ſe alojou alli o Governador pelas duas horas da tarde, para expedir as ſuas cartas para Goa.

Naõ

Naõ faltou neste passo o Governador do lugar com as suas cortesias, offerecendo a taõ nobre hospede hum presente das cousas da terra, que constava de hum ramo de figos, huma Jaqua, Betele, e manteiga, que tudo obsequioso recebeo o Governador, apremiando ao portador com dous Rupiàs, e mandou dizerlhe, que a mayor graça, que delle poderia receber, era expedirlhe as Almadias para a passagem do rio, que no outro dia muito cedo pertendia fazer; mas como esta expediçaõ pertencia à jurisdiçaõ do Avaldar, foy necessario, que o Go-

vernador de Macao deſpachaſſe dous homens da ſua guarda a fazer ao dito Aval dar aquelle requerimento.

Era eſte de condiçaõ ſoberbo, e homem, que attendia mais aos lucros do Telonio, do que à authoridade dos paſſageiros, e com a capa do culto aos ſeus monſtruoſos Pagodes, tirava prata a quem a neceſſidade obrigava a paſſar aquelle rio. Reſpondeo elle diſſimuladamente, que ficava de aviſo. Rompeo a Aurora do outro dia, e logo o Governador foy marchando para a paſſagem; e quando os da vanguarda ſe perſuadiraõ, haviaõ

de achar expeditas as Almadias, experimentaraõ tudo pelo contrario, porque estas estavaõ da outra parte: deraõ aviso ao Governador, o qual mandou saber do Avaldar a causa, e este respondeo, que em quanto o Governador naõ mandasse toda a sua gente a tomar marca para passarem, e pagar cada hum o que era costume para os Pagodes, naõ havia de dar Almadias. Justo motivo para ferver o nobre sangue do Governador, quando sem o devido respeito à sua pessoa, o queriaõ reduzir aos foros da gente ordinaria; mas muito mais justo, quando com

menoſcabo da piedade Chriſtaã, que tanto fomentava em ſeu generoſo peito, era demandada, que concorreſſe para o culto dos idolos; levado pois de huma innocente, e Chriſtãa ira, manda a toda a gente inveſtir a caſa do Avaldar, e chegado perto della, ſalta denodadamente do Andor, e com grave imperio lhe intima o caſtigo de fogo; e foraõ taes as vozes, e ruido daquella negra turba de Cafres, e Laſcarins, que a ſom de clarins tocavaõ a degollar, que o Avaldar fugio deſcompoſto, e todo o Bazar ſe deſpovoou.

Acodio neſte paſſo o Capitaõ

taõ da Fortaleza; e quando pa-
receria, que elle com todo o
ſeu poder procuraria defender
aquelle Miniſtro do Reyno,
deſafrontando-o da invaſaõ, q̃
hum forasteiro lhe fazia, foy
tudo pelo contrario; porque
com reverente ſubmiſſaõ; e
inſtancia humilde rogava ao
Governador perdoaſſe àquelle
deſcortez Miniſtro, offerecen
do-ſe ao tomar em ſeus hom
bros, e pollo da outra parte do
rio; e como no roſto, e olhos
do Governador ſcintillaſſe o
fogo de ſua muy nobre colera,
o Capitaõ levantando as mãos
ao Ceo, lhe pedia por amor do
ſeu Deos ſocegaſſe o animo.

Aqui cedeo o Governador, naõ tanto respeitando às submissoens daquelle barbaro, quanto pela reverencia devida ao soberano nome de Deos, do qual aquelle infiel se valera; e com grande estupor daquelle Gentilismo, foy com o dito Capitaõ caminhando até o Bazar, o qual o foy presenteando com varias frutas, e juntamente obrigou ao Avaldar, que em pessoa conduzisse as Almadias, o qual executou naõ menos cheyo de raiva, que de medo, soltando-se em palavras descompostas contra o mesmo Capitaõ, chamandolhe atrevido. Posto da outra parte

parte o Governador, deſpachou para Goa a eſquadra dos Laſcarins, reſervando ſó dous, que lhe ſerviaõ de lingua.

Deſte lugar ſe foy caminhando, ou para melhor dizer navegando, tanta era a agua, que inundava os caminhos, que em algumas partes obrigava aos carreteiros dos Palanquins a levallos ſobre a cabeça. A's oito horas da noite deraõ abrigada ao Governador na Igreja, que eſtá junta da Fortaleza de Onor. E no dia ſeguinte, ouvida a Miſſa da Novena de Santo Antonio, que aquelles Chriſtãos muy devotamente celebraõ, ſe proſeguio a jornada;

nada; e vencida a paſſagem de hum rio de quaſi meya legua de largo, ſe foy tomar deſcanſo em Mordeſſar, cuja Fortaleza eſtà em huma ilhota ao mar; e a palhoça de hum pobre Chriſtaõ deo a pouſada ao Governador, que bem ſe deixa entender qual ſeria; e paſſada a noite, por debaixo de copioſa chuva, que cahia ſem parar, ſe continuou a jornada até o rio de Chachinacat, e logo ſe encontrou hum fermoſo Bangaçal; mas os que nelle eſtavaõ, vendo indireitar para alli aquelle naõ eſperado concurſo de Eſtrangeiros, lhe fecharaõ as portas: naõ houve

outro remedio, que buſcar hum Pagode, que eſtava junto, quando naõ apparecia outro lugar de agaſalho. Era eſta eſtancia muy incõmoda, aſſim por ſer aſqueroſa, e hedionda, como pela muita gente enferma, que alli eſtava; pelo que o Governador querendo, que entraſſe dentro o ſeu Andor, para nelle paſſar a noite, o que lhe impediaõ os batentes da porta, os mandou quebrar; mas advertida eſta determinaçaõ pelos Gentios, offereceraõ logo o Bangaçal ao Governador, que naõ deſejava outra couſa; e querendo entrar nelle, o achou cõ as portas fechadas.

Conhe-

Conheceo ſe a ardiloſa traça daquella inurbana, e vil gentalha, que deſta ſorte pertendia excluir de hum, e outro lugar ao Governador; e eſte julgando naõ devia conſentir ſe abuſaſſe de ſua moderaçaõ, e paciencia, mandou ſe quebraſſem as portas do Bangaçal, e aos primeiros golpes as abriraõ os Gentios, e o Bramene, que delle tinha cuidado, fazendo da neceſſidade virtude, começou a eſcuſar a deſcorteſia da ſua gente com o receyo, que ella tivera, de que a fazenda, que alli eſtava recolhida, correria riſco, entrando no Bangaçal os Cafres; e o Governador

dor recebendo eſtas ſatisfações, e eſcuſas reſpondeo, que tomava a ſeu cuidado a ſegurança de tudo; e aquartelado, poz ſentinella ao fato, ficando o Bramene taõ ſatisfeito, que pelas mãos das ſuas mulheres ſe guizou a cea ao Governador.

Deſte lugar ſe continuou a marcha coſteando o mar, e na praya appareceraõ madeiros, deſpojo de alguns navios, que a tempeſtade dos dias antecedentes tinha alli lançado, em ſinal da juriſdiçaõ, que tivera naquelles mares. Pelas onze horas daquelle meſmo dia, ſe venceo a paſſagem do rio de Barçalor, e o Governador ſe

reco-

recolheo na Igreja, aonde achou ainda Missa, que ouvio com especial consolação, por ser aquelle dia Sabbado dedicado a Maria Santissima, doce, e affectuoso alvo de todo o verdadeiro, e fiel Catholico. Alli foy hospedado com muita cortesia, e amor pelo Vigario da Vara daquelle destricto; e como era vespera da festividade do mayor lustre de Portugal, o glorioso Santo Antonio, cujo dia queria celebrar com o obsequio o mais agradavel ao Santo, que era o confessarse, e commungar, fez demora nesta Igreja. No outro dia, depois de satisfazer à sua

ſua devoçaõ, e obrigaçaõ de ouvir Miſſa, pois era Domingo, dirigio ſua derrota para a Igreja de Calianapor: antes de lá chegar, era neceſſario atraveſſar hum rio, cujas Almadias eſtavaõ tomadas para nellas ſe embarcar hum grande Botho, cuja dignidade entre aquelles idolatras correſponde à dos noſſos Biſpos: hia elle cõ grande fauſto de gente, e de gaitas; mas o Governador nenhum caſo fazendo daquelle negro Miniſtro de Satanás, mandou aos ſeus Cafres ſe ſenhoreaſſem das Almadias, e nellas paſſou com toda a ſua comitiva para a Igreja, ficando

do o Botho cheyo naõ menos de confusaõ, do que de raiva. e os gentios trocando a veneraçaõ, que lhe tinhaõ, em espanto, e medo. Naõ estava Paroco na Igreja, mas só hũ Sacristaõ velho, e algum tanto tomado do vinho, o que naõ impedio, que cortez, e devotamente recebesse ao Governador, cantando as Ladainhas, ajudando este taõ devota acçaõ, e alli descançou aquella noite.

Seguio-se o dia quatorze daquelle mez, horrivel pela grande tempestade de chuva, e molesto pela difficultosa passagem de tres rios, que com abun-

abundancia das aguas corriaõ ſoberbamente furioſos. No atraveſſar o rio Moliquim ſuccedeo, que tendo paſſado a mais gente, ficou o Governador com hum Portuguez, dous Laſcarins, e os ſeus Cafres, e eſtando já para ſe embarcar, chega hum Gentio, que moſtrava ſer peſſoa de reſpeito, pois vinha ſeguido de ſeis homens que o acompanhavaõ armados de eſpada, e rodela. Perguntou o Governador, quem era aquella perſonagem, e lhe foy reſpondido pelos paſſageiros, que era da preſença do Rey, e que vinha da Corte de Bedrul. Logo em chegan-

do aquelle Gentio à praya, a gente da ſua guarda pertendeo ſe embarcaſſe, a que ſe oppoz o Governador, allegando ter chegado primeiro, mas ella atrevidamente ſem reſpeito à peſſoa, que ſe lhe oppunha, ſoltando-ſe em palavras de zombaria, ſaltou dentro da embarcaçaõ. Naõ pode neſte paſſo o Governador refrear a colera, e mandou aos ſeus Cafres lançaſſem ao mar aquelles deſcortezes, o que logo ſem dilaçaõ alguma foy executado; mas hum delles animado com a preſença do ſeu Senhor envestio com hum dos Cafres, e o maltratou, dandolhe hum
pe[...]

peſcoçaõ. Naõ paſſou ſem caſtigo eſte atrevimento, que naõ ſómente foy executado no dito aggreſſor, mas tambem abrangeo aos companheiros, pois por mandado do Governador foraõ todos aquelles negros muy bem ſacodidos à força de Bambus, com que a paſſagem ficou franca, e expedita; o que vendo aquelle fuſco Corteſaõ do Rey, e que o Governador ſe hia embarcando, picado dos ſeus negros brios, levantou a voz, que toda ſe desfez em ameaças contra os pobres remeiros da Almadia, os quaes, como ſe viſſem ſobre ſi hum rayo, ſe lançaraõ a

agua, ficando a embarcaçaõ ſem ter quem a conduziſſe à outra parte. Aqui ſe exaſperou a paciencia do Governador, e julgando devia moſtrar algum ſinal da antiga generoſidade Portugueza, tomou huma reſoluçaõ, ainda que arriſcada, neceſſaria naquellas cir cunſtancias: manda lhe tragaõ pre o aquelle Gentio à ſua preſença, o qual com a agua atè os peitos foy levado à Almadia aonde eſtava o Governador, e hia o pobre taõ paſſado de me do, que ſe desfazia em lagri mas, e chamando pelos remei ros, ſem que os ſeus arrodela dos ſe atreveſſem a abrir a bo

ca, e muito menos desembainhar as espadas: vendo-o o Governador em sua presença, ajuntando a gravidade com a benevolencia, lhe offereceo huma narigada de tabaco, dizendolhe, que o naõ mandara matar, por conhecer em seu semblante, que era bom homem; e posto da outra parte, se encaminhou para a Igreja, onde foy hospedado do Padre Francisco Xavier, Vigario daquella Freguesia, ficando muy consolado de ver huma Igreja no meyo daquelle Paiz infiel, lindamente asseada, e a melhor de todo o Canará.

Deo-se principio à marcha

do dia ſeguinte, tomando o Governador a bençaõ de Chriſto Sacramentado na Miſſa, que com a ſua coſtumada piedade ouvio; e levando o caminho pela praya, encontrou nella ſinais de navios perdidos; eraõ tres Leoens de madeira. Finalmente pelas tres horas da tarde, lhe deu a Feitoria de Mangalor hoſpedagem; foy na verdade muy commoda, e urbana pelo cuidado, e diligencia do Feitor, e Alcaide môr Fernaõ Martins. Eſtavaõ tambem naquella Feitoria os Capitães de Mar e Guerra Alexandre Pinto de Souſa, e Antonio dos Santos, que tinhaõ

nhaõ vindo com ordem do Eſ-
tado a acodir aos roubos da ſua
Chalupa, que ſe tinha perdi-
do naquelle porto de Manga-
lor. Aqui foy neceſſario ao
Governador deterſe dous dias
para preparar o neceſſario em
ordem a atraveſſar os Gates,
por lhe parecer impraticavel
o continuar o caminho pela
borda do mar, aſſim por cauſa
da difficuldade de paſſar os rios
creſcidos com as muitas aguas,
como por razaõ das guerras, e
magotes de ladroens, de que
eſtaõ cheyos os caminhos até
Cochim. Deſpedio pois qua
renta carreteiros de Andores,
e o Bramene Jacinto Franco

de Sá, com cartas para o Illuſtriſſimo Senhor Primaz, e outros amigos, e armou hum Andor pequeno para ſi, e Machiras para o P. Fr. Angelo, e Capitaõ da Fortaleza da Barra de Macao, e Capitaõ de Mar, e Guerra Alexandre Pinto de Souſa, o qual ſe reſolveo a acompanhar ao Governador até Madraſta, para que no caſo, que na Cidade de S. Thomé encontraſſe o Capitaõ, que perdeo a Chalupa, e fogio com o cabedal, que reſtava, uſaſſe da authoridade, e induſtria do dito Governador, para cobrar o que podeſſe.

CA-

## CAPITULO III.

*Succeſſo no atraveſſar dos Gates, até chegar ao Reyno de Maiſſur.*

ERa o dia dezoito de Junho, quando o Governador ſe poz a caminho, acompanhado de menos gente no numero, pois além das Companhias dos Laſcarins, que tinha já deſpedido, ficaraõ doentes em Mangalor o Portuguez Joaõ Nunes, e hum Cafre; mas em ſeu lugar ſe lhe aggregaraõ tres Portuguezes, que eſtavaõ na dita Feitoria de Man-

Mangalor. Naõ ſe achou me-
nos difficuldade nos caminhos,
que por ſerem vallados de var-
gens, e quebrados dos montes,
eraõ tanto mais arriſcados,
quanto mayores eraõ as cor-
rentes das aguas, que os cor-
tavaõ. Aſſim ſe foy cami-
nhando, até que o dia ſeguinte,
Sabbado de Noſſa Senhora, pe-
las dez horas da manhãa, ſe
chegou à Freguesſia do Menino
JESU em Bantual, aonde ain-
da achou Miſſa, que ouvio o
Governador, ſuccedendo lhe à
medida do ſeu deſejo, que era
em ſemelhantes dias, achar oc-
caſiaõ de dar paſto à ſua devo-
çaõ. Foy-lhe neceſſario ficar
alli

alli aquella tarde, naõ tanto para ſe prover de homens de carga, pois os que trouxe de Mangalor, por virem de má vontade, naõ eraõ proporcionados, quanto porque no dia ſeguinte, por ſer Domingo, queria naõ menos ſatisfazer à obrigaçaõ, que à piedade, ouvindo Miſſa, eſpecialmente ce lebrando no tal dia os daquella Freguefia, a ſolemnidade do inviċtiſſimo Martyr S. Sebaſtiaõ.

Arrayou a luz do dia vinte, e celebrada a Miſſa, ſe prepa ravaõ todos para a marcha, e os homens carreteiros do Andor, e Machiras naõ appareciaõ;

ciaõ; porque naquella noite tinhaõ fogido. Entra a triſteza, e confuſaõ em todos, conſiderando-ſe impoſſibilitados para a marcha, quando ſe naõ achava meyo para alugar os homens neceſſarios. Mas remediou eſta falta a prudente eſperteza do Governador. Buſca humas alparcas, e deſcalçando-ſe, as accõmodou aos pès, e ſe poz ſó a caminho, e como o bom exemplo do Capitaõ coſtuma accreſcentar o animo, e alhanar difficuldades, os outros companheiros fizeraõ o meſmo, e foraõ todos caminhando atè Egade, lugar de ſeis ou ſete caſas. Aqui concerta-
raõ

raõ aquelles honrados Portuguezes huma boa Machira para o Governador, mas elle ainda que urbanamente agradeceo taõ grande benevolencia, generosamente regeitou a offerta, querendo ser igual aos companheiros; e só della usava, quando era taõ grande a chuva, que naõ podia sustentar o capote, de que usava para defender aquella pequena, e leza porçaõ do braço direito, que antigamente lhe foy cortado. Naõ foy menos difficultosa, que perigosa a continuaçaõ da jornada, por causa da passagem dos rios, especialmente nos de Obar, e Maçamuti,

muti: ambos muy caudalosos. Constava a ponte, por onde se haviaõ de atravessar aquelles rios, de huns Bambus, amarrados entre si, e estribados nos ramos das arvores, que estavaõ de huma parte do rio, e se continuavaõ até os ramos das arvores, que estavaõ da outra parte, obra tanto mais sutil, quanto menos segura.

Vencidas as difficuldades dos rios, se seguiraõ outras naõ menos difficultosas de sofrer, que foy o mao agasalho para passar a noite, e a falta do necessario para a cea. Hum Pagode igualmente asqueroso pela imagem do diabo, que nelle

nelle ſe reverenciava, que pela hediondez de ſeus immundos atavios, deu lugar para o deſcanço da noite aos que com o trabalho do caminho do dia eſtavaõ baſtantemente moleſtados: para a cea nada ſe encontrava, ſenaõ algumas galinhas, que os barbaros habitadores de alguns caſaes, que alli havia, deſcortez, e iniquamente naõ queriaõ vender, mas como a neceſſidade era grande, mandou o Governador tomar as que eraõ neceſſarias. Seguioſe o tumulto dos Gentios para vingar a que elles chamavaõ violencia; mas pagaraõ com bofetadas, que receberaõ dos Cafres,

Cafres, aſſim o atrevimento de ſe quererem amotinar, como tambem a injuſtiça de negarem as galinhas, que á neceſſidade juſtamente ſe deviaõ; e juntamente foraõ ſatisfeitos com o juſto preço das ditas galinhas. Daqui ſe foy proſeguindo a jornada com as coſtumadas, e quotidianas moleſtias das continuas chuvas, e arrebatados rios, até que veſpera de S. Joaõ Bautiſta já de noite ſe chegou a hum Pagode, onde naõ faltaraõ fogueiras, e tambem vinho para os poucos homens de carga, que hiaõ na companhia.

Seguia-ſe o mais difficulto

ſo,

ſo, e arriſcado da paſſagem dos Gates, q̃ o Governador queria vencer naquelle dia, dedicado à ſolénidade do Naſcimento do mayor dos Santos, em cujo patrocinio confiado, ſe promettia toda a felicidade naquelle paſſo o mais perigoſo, contra o parecer dos guias, a quem naõ abrangiaõ os impulſos ſuperiores, que moviaõ ao Governador. Saõ os Gates huma cordilheira de montes, que no principio do Reyno do Mogor corre da parte do Norte para o Sul, e vay acabar no Cabo de Comorim, e divide huma, e outra coſta do mar. Deo-ſe principio à marcha da-

quelle dia , e logo ſe encontrou hum rio taõ ſoberbamente rico de aguas , quam furioſamente deſpenhado em ſua corrente , que ſe precipitava em hum valle,naõ menos fechado de denſos arvoredos , que cerrado com a eſpeſſura do tempo nublado , e chuvoſo. Duas horas ſe gaſtaraõ em paſſar a ponte daquelle rio , e logo ſe emprendeo a ſobida dos Gates , levando ſempre o rio à maõ direita : e ſe encheo o dia inteiro naquella bem moleſta ſobida , que a fez mais trabalhoſa huma enfadonha praga de ſanguexugas em tanta quantidade , que toda a eſtrada cor-

ria

ria em ſangue. Seriaõ quatro horas da tarde, quando apparecem tres Laſcarins armados de catanas, a quem ſeguiaõ duas mulheres: mandalhes o Capitaõ de Mar e Guerra, que hia diante, ſe afaſtaſſem do caminho, e elles confiados, naõ menos nas armas, que no ſeu atrevimento, ſenaõ quizeraõ deſviar, e o Capitaõ com deſprezo os empurrou; mas hum delles impacientemente levou da catana, e enveſtio o dito Capitaõ, que naquelle tempo naõ tinha ſenaõ o baſtaõ; mas o Capitaõ da Barra Joaõ Tavares, que vinha pouco atraz, com ſumma diligen-

cia, e presteza acudio com a espada desembainhada, e castigou a audacia daquelle Lascarim com duas valentes cutiladas, que lhe atirou; e sobre tudo isto foraõ todos os tres condemnados a entregarem as catanas. Chegaraõ, assim os tres Lascarins, como a noticia do caso ao Governador, que vinha na retaguarda, e lhes mandou viessem com elle até a primeira Povoaçaõ, onde constando, que naõ eraõ ladrões, se lhes restituiriaõ suas armas; mas elles desappareceraõ avistada a Aldea de Beulscans, confessando com a sua fugida, a profissaõ, q̃ tinhaõ do latrocinio. Nes-

Neſta Aldea ſe refez algum tanto com o deſcanço da noite, o grande trabalho do dia antecedente; e logo pela manhaã entregando-ſe ao coſtumado exercicio de caminhar, experimentaraõ menos aſpereza nos caminhos; mas a que faltava neſtes, ſobejava nos habitadores daquelles lugares, os quaes appareceraõ armados na Povoaçaõ chamada Vihunzy, mas como ainda era cedo, pois naõ paſſava das tres horas da tarde, o Governador, e companheiros continuaraõ ſeu caminho. Teriaõ caminhado meya legua, quando pelo alto dos outeiros ſe começou a

ouvir o ſom de trombetinhas, eſfeito, que o Governador attribuhio ao ſucceſſo dos Laſcarins do dia antecedente. Bem diſcorreo elle, que os Gentios da terra, para vingar o afrontoſo caſo dos companheiros, ſe poriaõ em armas; pelo que para evitar algumas ruins conſequencias, pertendia meter-ſe nas terras do Reyno de Maiſſur, que ſe perſuadia eſtar muy perto, como na verdade eſtava, e no dia ſeguinte experimentaraõ, pois naõ diſtava de caminho mais de duas horas; mas os guias, ou perturbados com o medo, ou movidos de outro qualquer im-

impulſo diſſeraõ, que atè às terras do dito Reyno diſtavaõ mais de tres dias de caminho. Neſte aperto o Governador vendo, que o lugar em que ſe achava, por ſer embaraçado com a eſpeſſura das arvores, naõ era a propoſito para nelle ſe defender, ſe expedio com a ſua gente, e poz em ſitio livre, e deſembaraçado; e mandando fazer alto, eſperou a ver a reſoluçaõ daquelles negros armados, que jà neſte tempo em magotes coroavaõ os montes.

Reſolveo-ſe finalmente aquella naõ menos fuſca, que confuſa turma de bandoleiros,

a dar huma enveſtida, e pertendendo aviſinharſe mais huma eſquadra, que conſtaria de 100. homens, com ſua bandeirinha vermelha, o Governador poz em ſegura guarda, aſſim os homens de carga, como o pouco fato, que traziaõ, e tocando os clarins, expeditos os bacamartes, repartida a polvora, e bala, deſembainhadas as catanas, ſe foy a reprimir o impeto daquella tumultuante eſquadra, que advertindo em taõ generoſa reſoluçaõ, ſuſpendeo naõ menos o paſſo, que a determinaçaõ, que levava. O que vendo o Governador, lhes mandou

dou intimar pelo interprete, que ſe pertendeſſem paſſar a diante, tiveſſem por certo, que todos acabariaõ nas bocas dos bacamartes, ou aos fios das eſpadas, e catanas; pelo que do meſmo lugar em que eſtavaõ, mandaſſem dizer o que pertendiaõ, que ſendo conforme à razaõ, ſe lhe con cederia. Neſte tempo outra eſquadra ſe poz em fórma de querer enveſtir; mas o Governador expedio quatro cafres bem armados contra ella, mas naõ a poderaõ alcançar; por que quando vio aquelle pequeno, mas terrivel eſquadraõ hir contra ſi, valendo-ſe dos

pès

pès, ſe retirou para o mais alto dos montes, pertendendo, ou fazerſe forte naquella eminencia, ou para dalli eſperar melhor occaſiaõ, em que com mais ſegurança fizeſſem ſua enveſtida.

Vendo o Governador as couſas neſta fórma, e que ſe vinha aviſinhando a noite, fez o ſeguinte arrezoado aos Capitaens, e mais Portuguezes: *Amigos, e fieis companheiros, naõ menos no trabalho, que na honra, que delles nos ha de ſeguir, a nenhum de nòs ſe eſconde, que eſtes Negros, como ladroens atreiçoados, vem a tentar a noſſa reſoluçaõ, para que conforme ella, tomem a determi*

*terminação mais conveniente aos ſeus latrocinios. Se virem que damos, ainda o minimo ſinal de medo, tomarão animo, e brios, para que com grande numero de gente de que abundão, fação de nòs o ultimo exterminio. Se houvermos de obedecer aos impulſos do ſangue, e valor Portuguez, não duvido, que desfaremos aquella confuſa multidão com morte de muitos delles; mas deſta acção que ſe ha de ſeguir, ſe não o ſermos avaliados por ladrões, e exaſperar os mais, que vivem eſpalhados por eſtas Aldeas, que certamente ſe unirão para vingar as mortes dos ſeus compatriotas? E quando eſtamos em terras alheas, e de barbaros, não temos donde eſ-*

*perar ſoccorro, mais que de nòs meſmos: amparo naõ o podemos achar, ſenaõ neſtes campos, e montes, huns eſcondrijos de Tigres na natureza, outros habitaçaõ de féras na condiçaõ, que ſe virem, que ao deſcuberto nos naõ podem arruinar, haõ de buſcar traças, com que aleivoſamente nos acabem. Temos chegado a termos, em que he mais neceſſaria huma prudente aſtucia, do que hum generoſo valor, quando aquella ha de ſupprir, o que eſte naõ pòde executar. Pelo que julgo, que naõ devemos romper com eſtes Negros, mas armados, e em fórma de batalha eſperar ſua determinaçaõ, que ella nos enſinarà o que devemos obrar, eſpecialmente, que nos*

*nos casos repentinos mais engenho samente costuma sahir a verdadeira valentia.*

Assim discorria prudentemente o Governador, quando neste tempo chega humCaciz, muy venerado daquella gente, porque todos com notavel summissaõ se lhe inclinavaõ, e beijavaõ os pès; e fallandolhes com grande authoridade, os exhortou à paz, dizendo, que o deixassem hir a fallar com o Governador, que elle faria medianeiro, e mandou pedir licença ao dito Governador, para que podesse apparecer em sua presença, e fallar com elle, o qual lhe concedeo o que pedia

pedia com condiçaõ, que trouxeſſe comſigo huma ſó peſſoa. Alcançada a licença, chegou o Caciz, e no ſeu modo, e fallar tremulo, moſtrou ſeu animo ſervil, e apoucado. Toda a força da ſua embaixada conſiſtio em dizer, que a Cabeça, que governava aquellas terras, pedia toda a boa amiſade com taõ honrados paſſageiros, e que para eſte fim convinha, que ſem embargo da queixa, que os tres Laſcarins offendidos tinhaõ feito, foſſe ſua Senhoria, e os mais companheiros com elle ao lugar aonde reſidia o Regente, que elle Caciz lhes aſſegurava todo o bom ſuc-

ſucceſſo, e commodo agaſalho, eſpecialmente que naquellas partes naõ havia outro lugar capaz para o deſcanço daquella noite. Bem advertio o Governador as difficuldades, que havia em qualquer das reſoluções, que tomaſſe; porque o ſeguir o que o Caciz lhe requeria, era hir meterſe na boca do lobo, eſtribado ſomente na palavra de hum infiel; ficar naquelle lugar rodeado de tantos barbaros, armados mais dos ſeus maos, e aleivoſos animos, do que do ferro, era exporſe a que com a eſcuridade da noite aſſim elles, como os Tigres tomaſſem

a ou-

á ouſadia de os acometer, e maltratar. Pelo que o Governador, perguntando aos guias ſe era certo, que naõ havia outro lugar commodo de agaſalho, mais do que aquelle, que o Caciz dizia, e reſpondendo elles, que era certo, ſe reſolveo a ſeguir o dito Caciz, com condiçaõ, que ſe retiraſſem todos os que eſtavaõ pelos outeiros, a qual reſoluçaõ tomou, levado principalmente do motivo, que era moſtrar, que naõ tinha medo.

Muy contente, e ſatisfeito ficou o Caciz, e hindo dar parte aos ſeus, os fez retirar, e voltou com ſó vinte peſſoas para

guiar o Governador. Chegaraõ finalmente ao lugar, em que reſidia o Cabeça, Regente daquellas Aldeas, o qual recebeo o Governador com moſtras de agrado, e urbanidade, e juntamente deu aſſaz a entender o goſto, e admiraçaõ, que tinha de ver o modo, e ordem daquelle, ainda que pequeno, mas bem diſpoſto Eſquadraõ. A principal materia da converſaçaõ, foy informarſe do caſo dos tres Laſcarins, e o dito Cabeça pertendeo eſcuſallos, e finalmente ſe reſolveo a pedir ſe lhes reſtituiſſem as catanas, e que o Governador lhes déſſe alguma

couſa para ſe curarem, porque eraõ pobres, e dignos de compaixaõ. Naõ deixou o Governador de reparar, que aquella reſoluçaõ era moſtra de quem punha Leys, e dava ſentença, mas cedendo prudentemente a ſoberania à neceſſidade, veyo em reſtituir as catanas, e dar alguma couſa a titulo de curar as feridas, quando neſta acçaõ tanto oſtentava de deſapegado, quanto de obſequioſo àquelle de quem ſe tinha fiado. Se teria gaſtado huma hora de eſpacio neſta materia, e outras boas converſaçoens comendo Betele, quando aquelle Cabeça ſe

despedio do Governador, determinando para seu agasalho, e mais comitiva, o Pagode em que foraõ recebidos; e ordenou aos da Aldea acodissem com o necessario para a cea; e os Cacizes offereceraõ de mimo, leite, ovos, manteiga, e huns doces a seu modo fritos em manteiga, e a todos correspondeo o Governador liberalmente com seus premios, e ao Cabeça mandou huma peça de Naoceri. Este fim teve aquelle bem arriscado caso, a que taõ felizmente acodio a prudencia do Governador, vendo-se aqui verificada a sentença do outro Sabio: Que

melhor conclue a madura viveza de huma boa cabeça ſem braços, do que a forte valentia de muitos braços ſem cabeça.

## CAPITULO IV.

*Paſſagem do Reyno de Maiſſur, até entrar nas terras do Mogor.*

ERa Sábbado vinte e ſeis do mez, quando logo pela manhãa ſe continuou a marcha, e a poucos paſſos andados ſe entrou no Reyno de Maiſſur, na paſſagem do qual naõ houve couſa de conſideraçaõ; aſſim por ſer eſte Reyno pe-

pequeno, e pobre; pois está no meditullio daquella grande lingua de terra, que corre até o Cabo de Comorim, onde pela mayor parte só os Reynos, que estaõ beira mar, por razaõ do contrato, e dos muitos Mouros, de que abundaõ, tem alguma riqueza; como porque aquella gente como vil, e pusillanime, se dava por satisfeita, com que aquelles hospedes passassem sem lhe fazer mal algum, o que elles guardavaõ, levados do respeito, que tinhaõ ao Governador. Vencidos cinco dias de caminho pelas terras daquelle Reyno, chegaraõ à Corte de Maissur,

a que chamaõ Serigapataõ, e como era Povoaçaõ mayor, e mais abundante, foy necessario fazer alli detença de hum dia, no qual se fretaraõ cavallos, e acodio ao provimento, de que havia necessidade. Mas naõ quizeraõ os guardas daquella Povoaçaõ, que algum dos passageiros entrasse nella, e como se disse, ou sospeitou, por causa do medo, ou receyo, que tinhaõ. Onde, se era verdadeira aquella causa, he de admirar a vileza daquelles mise raveis escravos do demonio, de tal sorte sojugados de taõ cruel senhor, que ainda no lugar do seu mayor poder, e for-

ça, temiaõ huma taõ pequena eſquadra, que naõ chegava a ter vinte homens, dos quaes nem ainda ametade eraõ brancos. Caſtigo na verdade de ſua cegueira, e peccado de infidelidade!

Madrugou a Aurora do ſegundo dia do mez de Julho, mais alegre, e commoda para os noſſos peregrinos, pois todos montaraõ a cavallo, e foraõ a repouſar à Povoaçaõ de Mailure. E daqui ao outro dia ſe dirigio a marcha pela Praça de Dungo, Fortaleza de mayor importancia, que governava, com outras de menor cõta hũ Deſſay, feudatario

do Rey de Maissur. Nesta Povoaçaõ por secreta ordem do dito Dessay, se usou de alguma industria, para que o Governador se detivesse alli, sendo para isto induzido o guia, o qual começou a descobrir difficuldade no caminho, que naquelle dia se devia fazer, de tal modo, que os arrieiros, ou subornados, ou levados de suas sinistras intençoens, tambem declararaõ a repugnancia, que tinhaõ à expediçaõ da viagem. Mas o Governador naõ fazendo caso de taõ futeis pretextos, mandou tocar a montar; porém a esta disposiçaõ se oppoz a repugnancia, assim dos guias, como

como dos arrieiros: o que vendo o Governador, moſtrando igualmente coragem, que deſprezo, naõ menos de perigos, que daquella vil gentalha, lançou a maõ às barbas de hum dos guias, e lhas arrancou, e naõ foy neceſſario mais, para que ſeus intentos naõ paſſaſſem a diante.

Finalmente a derrota ſe proſeguio naquelle dia até a Aldea chamada Dorincuthe. Dalli ſe foy continuando o caminho pelo territorio do Deſſav de Magnicote, naõ menos ſoſpeito, que o paſſado; ſendo proprio daquelles Senhores eſtar junto com a pequenhez

do

do mando, a vileza de ſuas ac-
çoens. O Governador, naõ
querendo ficar paſſando a noi
te no deſtricto daquelle Deſſay,
apertou o paſſo com intençaõ
de entrar nas terras do Mogor;
mas naõ ſendo baſtante ſua
grande diligencia, e actividade,
lhe anoiteceo muito antes
de chegar ao termo que
pertendia. Hia-ſe engroſſan-
do a eſpeſſura da noite, o Ceo
cerrado de nuvens, naõ dava,
nem ainda o minimo ſinal de
eſtrella alguma, a eſtrada to-
da aſſombrada eſpantava os
cavallos, e confundia os Caval-
leiros de tal ſorte, que ſe naõ
conhecia, nem diſtinguia hum

ao outro; o medo dos precipicios perturbava a fantesia. Naõ houve outro remedio senaõ desmontarem todos, para que a cahida em algum barranco fosse menos perigosa; naõ apparecia indicio de casa, e muito menos de fogo; pelo que o Governador mandou aos arrieiros, que chamassem a voz alta, quando já que os olhos em tanta escuridaõ nada serviaõ, as vozes, e os ouvidos remediassem de algum modo a grande necessidade, em que se achavaõ. Fez-se por algumas vezes o que o Governador mandou, até que finalmente foraõ ouvidos por huns

Camponezes já alta noite, mas era o lugar tal, que foraõ todos obrigados a dormir no campo, excepto o Governador, que com os dous Capitaens, e o Padre Capucho ſe recolheo em hum pequeno Pagode, que alli havia, taõ immundo, e de mao cheiro, que foy neceſſario por muitas vezes queimar grande quantidade de feno, com que ſe rebateſſem aquelles hediondos, e malignos vapores. Infeliz ſorte de gente, que naõ conhecem a hediondez de ſua Religiaõ, bem manifeſta no immundo culto de ſeus idolos, e Pagodes!

A ma

A manhãa do dia ſeguinte, pelas oito horas, fez patente aos olhos dos noſſos caminhantes a muy linda Praça de Benguelur. He ella a ultima, que ſituada na fronteira do Maiſſur, faz roſto às terras do Mogor, bem fortificada, e com bella guarniçaõ de Cavallaria, e Infantaria: e ſobre tudo delicioſamente apraſivel com a variedade de arvores, viſtoſo das hortas, e deleitavel de muitos jardins. Naõ ſe permittio ao Governador, que entraſſe dentro da Povoaçaõ, mas lhe foy determinado ſe aquartelaſſe em hum fermoſo boſque de Mangueivas, e no meyo ſe le-

van-

vantava huma bem lançada fabrica de hum grande Pagode com ſeu, naõ menos eſpaçoſo, que bem ornado tanque de agua, que igualmente recreava os olhos, e ſervia de refrigerio aos caloroſos membros. Aqui foy o Governador viſitado de todos os Cabos militares, e gente principal com ſingulares demonſtraçoens de agrado, e agradaveis termos de politica, aos quaes correſpondeo, naõ faltando ás devidas regras de urbanidade, o qual foy obrigado a ficar hum dia na dita Praça, para mudar de carruagem, e ao dia ſeguinte, ſete do mez, continuou a jor-

jornada, acompanhado de dous Cabos principaes, montados a cavallo, que o cortejaraõ até o ultimo termo do destricto da Praça, e do Reyno de Maissur, e foy dormir aquella noite à Povoaçaõ de Tannely, pertencente ao Reyno do Gram Mogor.

Daqui até chegar à Fortaleza de Carpaute, naõ houve cousa digna de memoria. Seriaõ quatro horas da tarde, do dia nono, quando atravessada a Povoaçaõ da dita Fortaleza, chega hum mensageiro do que governava aquella Praça, a perguntar, quem era o que passava, e para onde: e dando se-

do-ſelhe a repoſta conforme a pergunta, foy o Governador proſeguindo ſeu caminho; mas replicando o dito menſageiro, lhe pedio mandaſſe juntamente com elle hum homem de ſua comitiva , que eſta era a vontade do ſeu Mayor , o qual eſtava à viſta em huma muy linda caſa de recreaçaõ. Annuhio a eſte poſtulado o Governador, e expedio hum Laſcarim de ſua companhia, mas naõ interrompeo a jornada. Quando a poucos paſſos andados volta o dito Laſcarim com grande preſte za , e ex poem hum recado daquelle Lugar-tenente do Mogor, em
que

que cortezmente declarava o deſejo, que tinha, que elle Governador lhe fizeſſe a honra de ficar aquella noite em ſua caſa, eſpecialmente, que era já tarde, e eſtava o Sol proximo ao occaſo: outra Povoaçaõ capaz donde repouſaſſe, naõ a havia perto: o caminho, que reſtava, era naõ menos inculto, e agreſte por cauſa dos eſpeſſos matos, que povoado de muitos Tigres; todas razoens, que obrigaraõ ao Governador a aceitar taõ urbana offerta, aſſim para ſe naõ moſtrar incivil, como para attender à ſua conveniencia, e dos companheiros.

Voltando pois para a caſa daquelle Capitaõ, foy recebido com todas as moſtras de carinhoſa affeiçaõ, e banqueteado com opipera grandeza, a qual abrangeo a toda a comitiva. Era eſte Infiel dotado de animo docil, e condiçaõ alegre; informado do caminho que levava o Governador, com generoſa liberalidade, e com repetidas inſtancias lhe offereceo dous até tres mil Pagodes, dizendo que lhos ſatisfaria quando, e como quizeſſe: mas o Governador moſtrando ſe todo obſequioſo no agradecimento, urbana, e deſapegadamente os regeitou, ſignificando

nificando naõ neceſſitava del-
lés; e no outro dia offerecen
dolhe hum mimo, ſe deſpedio;
mas elle continuando com ſeus
primoroſos termos, o acompa-
nhou com hũa eſcolta de vin
te homens de cavallo, por eſpa
cio de hum quarto de legua, e
finalmente ſe voltou obrigado
das repetidas petiçoens do Go-
vernador, que reverentemen
te agradecido naõ quiz conſen-
tir ſe continuaſſe taõ obſe-
quioſa cortezania. A Fortale-
za de Sagdor deo termo à jor
nada daquelle dia; mas como
dentro ſe naõ achaſſe commo-
do baſtante, barracas levanta
das no campo ſerviraõ para o
 deſ-

deſcanço daquella noite.

Sahio a luz o dia onze de Julho, no qual chegados à Fortaleza de Grenupen, quiz o Avaldar, ou Alfandegueiro ſe regiſtaſſe o fato; mas o Governador lhe mandou dizer, que tudo o que alli levava, era do ſeu uſo, e que naõ ſe coſtumava fazer tal diligencia com os Portuguezes, e muito menos com as peſſoas de ſua qualidade. Naõ ſe deu por entendido aquelle cobiçoſo Teloneario, e proſeguindo-ſe no exame, ſe pertendeo abrir hũ baulſinho, em que hiaõ algumas couſas de devoçaõ, pertencentes ao Governador. O qual

qual vendo as cousas chegadas a taes termos, julgou naõ devia passar sem castigo tal atrevimento, e que era necessario ao credito do nome Portuguez, mostrar àquelles Mogores, que ainda havia na India, quem conservava nas veas o generoso sangue dos antigos Almeidas, Castros, e Albuquerques, que encheraõ de assombro a toda a Asia. Salta do cavallo com a espada desembainhada, o mesmo fizeraõ os mais companheiros, assim Portuguezes, como Cafres, animados com o exemplo do seu Capitaõ, e sobindo pela escada da varanda, em que estava aquelle bar-

baro descortez, se poz diante delle com voz de trovaõ, e espiritos de rayo, e lhe perguntou se o conhecia. Neste passo, o triste Avaldar, banhado em suores frios, e todo trespassado de medo, naõ fez mais, que abraçar ao Governador, e pedir, que lhe perdoasse, pois tinha peccado por ignorancia, e inadvertencia. Naõ foy necessaria outra cousa, para que o Governador abrandasse a coragem, e sem dizer palavra, se voltou, e montou a cavallo, mostrando nesta acçaõ, que bastava o braço esquerdo ajudado de generosos brios, para supprir o que faltava no braço direi-

direito. Encheo-ſe o reſtante do dia até chegar à Praça de Velur, que foy theatro de grandes glorias para o Governador, e nome Portuguez, como ſe verà nos Capitulos ſeguintes.

## CAPITULO V.

*Succedido na Praça de Velur.*

HE a Praça de Velur huma das mais fortes, viſtoſas, e apraſiveis daquelle tracto de terra, q̃ corre pela Coſta de Choromandel atè Bengala, a qual governava Baçar Sarbà, ſobrinho do Nababo,

debaixo de cuja juriſdiçaõ ſe comprehende todo aquelle territorio. Adiantouſe o Governador aos companheiros, e poſto fóra da dita Praça, ſe deteve eſperando a comitiva, e entre tanto notou de vagar o muito,que havia em que reparar naquelle grande emporio; por quanto a Fortaleza ſe moſtrava inexpugnavel, naõ tanto na obra bem lançada, e de pedra de cantaria, com ſeus torreões, com muy bella pro porçaõ, e em ſitio defenſavel por arte, e natureza, como pela boa guarniçaõ, que tinha de muita Cavallaria, e Infantaria, toda muy luzida, e ſobre tudo

tudo pela grande, e eſpaçoſa cava, q̃ a rodeava, chea de muitos lagartos, o mais ſeguro, e forte defenſivo, com que ſe fazia incontraſtavel. Aſſim eſtava o Governador naõ menos obſervando, que admirando aquella fabrica, quando chegaõ os companheiros, e juntamente alguns Mouros da terra, que movidos da curioſidade, e novidade dos hoſpedes, ſe moſtravaõ agradaveis, e alegres, e diſſeraõ, que alli aſſiſtia hum Europeo, do qual ſignificavaõ eſtar ſatisfeitos. O Governador com tal informe, deſejoſo de ſaber quem foſſe aquelle Europeo, mandou fazer

zer diligencia por elle; o qual passado pouco tempo, e certificado de quem era o que o procurava, e desejava ver, apparece em hum galhardo cavallo, ricamente vestido à Mourisca.

Era aquelle Cavalleiro Joaõ Bautista de Santo Hilario, Francez de naçaõ, mas de muitos annos morador na India, e casado na Costa, com mulher de sangue Portuguez, de que elle se prezava muito, e de ser fiel, e leal vassallo do nosso Serenissimo Rey de Portugal, do qual já fora premiado com a lustrosa, e veneravel insignia do Habito de Christo: que esta, e ou-

e outras honras elle merecia, naõ tanto por ser insigne na arte de Medicina, e Cirurgia, com a qual tinha feito notaveis curas, e grangeado bom nome em toda aquella terra, mas principalmente, porque com seu singular zelo, agradavel talento, e grande aceitaçaõ, adquirida daquelles Mouros, assim pequenos, como grandes, ajudava muito aos Religiosos da sagrada Religiaõ da Companhia de JESUS, que occupados por toda aquella Costa no divino emprego da salvaçaõ das almas, necessitaõ de quem sollicite seus negocios diante daquelles Mahometanos,

nos, que tem a ſeu cuidado aquelles lugares, e tambem dos moradores de S. Thomé, ou Meliapor; e elle o fazia com taõ boa graça, e feliz ſucceſſo, que eſtavaõ aquelles Religioſos Miſſionarios muy ſatisfeitos delle. E entaõ eſtava actualmẽte occupado em procurar, que ſe déſſe liberdade a hum Religioſo da meſma Companhia de JESUS, Miſſionario da inſigne, e trabalhoſa Miſſaõ de Maduré, glorioſo campo, em que muitos Confeſſores de Chriſto derramaraõ ſeu ſangue pela Fé, ao qual os Gentios tinhaõ metido em prizaõ ſoterranea, e nella

eſtava

eſtava ſepultado havia já mais de hum anno, e finalmente paſſados poucos dias, foy ſolto pela agencia do noſſo Joaõ Bautiſta de Santo Hilario; a quem com razaõ ſe pòde dar o titulo, e honra de Miſſionario, pois naõ menos ajudava a Miſſaõ com ſuas interceſſoens, que os Religioſos com ſuas Prégaçoens.

Muito ſe alegrou o Governador cõ o encontro de tal ſogeito; e feitas de parte a parte as devidas, e correſpondentes ſignificações de urbanidade, e tomados os neceſſarios informes daquelles caminhos, e lugares, ſe reſolveo a continuar

a jorna-

a jornada a pequena parte,que ainda reſtava de dia. Naõ ſofreo, nem levou a bem eſta reſoluçaõ o affectuoſo, e benevolo animo de Joaõ Bautiſta; mas com grande ahinco, e perſuaſaõ pedio ao Governador, lhe fizeſſe a honra de ſe hoſpedar aquella noite em ſua caſa, eſpecialmente, que os companheiros eſtavaõ cançados, e os cavallos incapazes de proſeguir a marcha. Deo-ſe por obrigado o Governador a ceder, levado naõ tanto das razoens de ſua commodidade, e dos companheiros, quanto da devida correſpondencia ao benevolo, e primoroſo affe

cto

cto de quem o convidava. Foyſe a ſua caſa, na qual cõ toda a alegria, decencia, e limpeza foy hoſpedado, moſtrando o bom Joaõ Bautiſta nas obras exteriores, qual era o intimo do ſeu affecto; o qual tambem ſe eſtendeo aos outros companheiros, e mais gente. Eſtando elle occupado neſta naõ menos caritativa, que honrada acçaõ, lhe chega recado do Governador da Praça, do qual era chamado. Affligio-ſe com eſte recado, conſiderando-ſe obrigado a deixar taõ honrado hoſpede, qual era o que tinha em ſua caſa; e voltando-ſe para elle, lhe diſſe: Senhor, mui

to

to me peza ſer chamado neſtas circunſtancias, em que neceſſariamente hey de ſer privado da honra, e alegria, que tenho com a preſença de voſſa Senhoria; mas como já eſtou de poſſe a levar ſemelhantes moleſtias, por naõ faltar ao ſerviço de Deos, e delRey noſſo Senhor, pois por eſta cauſa eſtou fóra de minha caſa, e mulher, ſogeitandome a aſſiſtir, e obſequiar ao Governador deſta Praça, por iſſo me naõ ſerá agora taõ moleſto privarme deſta conſolaçaõ: pelo que peço a voſſa Senhoria licença, para hir onde ſou chamado.

Com

Com ſignificaçoens de cortezia, e affecto lhe deu o Governador a licença, que pedia, e juntamente o louvou dos grandes ſerviços, que fazia a huma, e outra Mageſtade, Divina, e humana, aſſegurandolhe de huma, e outra parte as devidas retribuiçoens. Pouco tempo ſe deteve com o Governador da Praça Joaõ Bautiſta de Santo Hilario, e voltando para caſa, aſſim fallou ao ſeu honrado hoſpede: Senhor, o Mouro, que governa eſta Praça, tambem eſtende ſua juriſdiçaõ pelas Fortalezas, e Lugares circumviſinhos, e he hum deſtes o Lugar, e Forta-

leza de Grenupen; e como todos os dias ſe lhe dá parte do que ſuccede pelos Lugares do ſeu deſtricto, ſabe do ſucceſſo com o Avaldar da dita Fortaleza de Grenupen, e ficou admirado naõ menos da generoſa reſoluçaõ com que V. Senhoria ſe houve, mas tambem da gente, Cafres, e clarins; e perguntando-me, que homem era, donde vinha, e para onde hia, lhe reſpondi conforme a verdade pedia, e a V. Senhoria he devido: e o Mouro ouvida a minha repoſta, mandou logo huma aſpera reprehenſaõ ao dito Avaldar, e virando-ſe para mim, diſſe: de-
ſejo

ſejo ver taõ nobre, e honrado Portuguez, e agora eu o hiria buſcar a voſſa caſa, ſe naõ foſſe contra o eſtylo dos que governaõ eſta Praça, que naõ podem ſahir da Fortaleza ſem expreſſa licença do Nababo; pelo que vos peço, acabeis com elle, me faça o goſto de vir a eſta Fortaleza. Aſſim me declarou ſua vontade eſte Governador; por tanto peço a V. Senhoria, faça eſte obſequio àquelle Mouro, de quem tanta dependencia temos os Portuguezes, que vivemos neſtas terras.

Ouvio attento o Governador tudo acima referido, e

confiderando os inconvenien-
tes, que havia em fatisfazer ao
que aquelle Mouro pertendia,
fe efcufou, expondo algumas
difficuldades, que lhe occor-
reraõ, com as quaes ficando
de alguma forte fatisfeito Joaõ
Bautifta, foy dar repofta ao
Governador da Praça, e vol-
tando logo para cafa, declarou
feu fentimento, proftrando-fe
aos pés do noffo Governador,
com grande dor do feu cora-
çaõ, a qual lhe accrefcentava
efficacia às palavras, perorou
defta forte:, Senhor, ha pou
co tempo, que eu em nome
do que governava efta Praça,
pedi a V. Senhoria fe dignaf-
fe

ſe viſitallo; agora tem chegado eſta materia a taes termos, que naõ ſou eu o que hey de ſer orador, mas o ſerviço de Deos, e delRey noſſo Senhor, a honra do nome Portuguez, e a neceſſidade das Chriſtandades de toda eſta Coſta. He eſte Mouro ſobrinho do Nababo, e herdeiro forçado de todos os ſeus Eſtados; a authoridade, e aceitaçaõ, que tem com o dito Nababo, he a mayor, que ſe póde conſiderar; o bem, e mal, que póde fazer, aſſim aos Portuguezes, como aos mais Chriſtãos de todo o deſtricto do Nababo ſeu tio, he couſa a todos patente, e manifeſta;

nifesta; o desejo, e empenho, que mostra de se avistar com V. Senhoria, eu o naõ posso explicar; o desprazer, que tomará, se V. Senhoria lhe faltar a este seu desejo, declara bem a condiçaõ destes Mouros, que tanto he mais humana, tratada com modo obsequiosamente cortez, quanto mais se enfurece em lhe entrando qualquer ciume, de que suas pessoas ficaõ ainda levemente vilipendiadas. O naõ condescender V. Senhoria ao gosto deste Mouro, ha de ser por elle attribuido, ou a pouquidade, e baixeza de animo Portuguez, ou a menos decoro,

ro, do que aquelle, que se deve à sua pessoa; de qualquer sorte que o tome, corre grandes quebras o serviço de Deos, e delRey nosso Senhor, a honra do nome Portuguez, e o que requere a necessidade destas Christandades; porque se o attribuir ao primeiro motivo, he natural, que despreze a naçaõ Portugueza; e que estimaçaõ, e que patrocinio poderàõ nelle achar os Portuguezes, sendo em seu animo avaliados por baixos? Se o deitar ao segundo motivo, necessariamente procurará a vingança, que lhe será muy facil o tomalla em V. Senhoria, em mim,

e em todas as Chriſtandades das terras de ſeu tio. E com que cara poderey apparecer diante delle? como ſe acabará de effeituar a liberdade, que eu ando negociando para aquelle Religioſo Miſſionario, que poſto em muy aſpera prizaõ, eſtá proximo à morte? Pelo que na maõ de V. Senhoria eſtá atalhar taõ terriveis conſequencias, attender ao ſerviço Divino, e Real, impedir o mal, que pòde vir a nòs todos, augmentar o affecto, e benevolencia, que eſte Mouro moſtra aos Portuguezes, aviſtando-ſe com elle, e ſatisfazendo ao deſejo, e empenho,

que elle tem de ſe ver com V. Senhoria.

Deſta ſorte perorava aquelle ſolicito zelador, aſſim do ſerviço Divino, como da honra Portugueza, e o Governador naõ deixava de ſe penetrar da força das ſuas razoens. Mas ponderava mais em ſeu animo hum prudente medo, de que aquellas viſtas cõ o Mouro naõ teriaõ a ſatisfaçaõ, que elle deſejava, e daria materia para que os emulos achaſſem motivo às cavilaçoens; pelo que reſpondendo brevemente às razoens taõ fortemente allegadas, concluhio, que eſtava prompto para fazer a viſita, que

que com tanto ahinco pertendia, e desejava; porém que havia de ser com estas condiçoens: primeira, que havia levar as bandeiras com Armas Reaes, e com ellas arvoradas, havia de entrar atè o lugar, onde fosse a descançar. Segunda, que havia de acompanhallo o seu Padre Capucho, até à presença do mesmo Mouro. Terceira, que o Capitaõ Tavares lhe havia em sua companhia fazer corpo da Guarda, com as mais ceremonias necessarias à tal funçaõ. Estas condições apontou astutamente o Governador, persuadindo-se, que por parecerem impraticaveis

ticaveis,dariaõ por terra cõ architectada machina das vistas, com o que governava aquella Praça; porque quanto à primeira, além de que naõ haviaõ as taes bandeiras, se inclinava, a que o Mouro naõ levaria a bem, que as Reaes insignias de Portugal levantassem cabeça em sua presença, conciliandose o respeito, e veneraçaõ dos vassallos do Gram Mogor. Quanto à segunda, se persuadia, que aquelle soberbo Mahometano naõ quereria exporse a ser obrigado a reverenciar o humilde habito de S. Francisco, vindo taõ honrado na companhia do Governador.

No

No tocante à terceira, duvidava se lhe concedesse usar dentro daquella Praça preeminencia taõ grande.

Com esta resoluta reposta foy o nosso Joaõ Bautista de Santo Hilario ao Governador Mouro; e era tal o desejo, que este tinha de se avistár com o Governador Europeo, que veyo em todas aquellas condiçoens: antes accrescentou, que era sua vontade, e gosto, que elle fizesse a sua entrada com o mayor fausto, e pompa, que podesse ser; e a este fim deu todos os seus poderes, e commissoens ao dito Joaõ Bautista, para dispor a fórma da entrada,

da, a contento do Governador. Além disto passou ordem, que o Elefante do seu estado se expedisse, e armasse com duas charolas, huma para o Governador, outra para o seu Padre Capucho, e juntamente outro Elefante ricamente sellado para o Capitaõ da Guarda Joaõ Tavares; e determinou Pintores, que com toda a diligencia puzessem em fórma as bandeiras. Com taõ ampla licença, e faculdades se voltou para casa Joaõ Bautista, expondo ao Governador a vontade, e benevolencia daquelle Mouro; e naõ perdendo ponto, que julgasse necessario para o animar,

mar, lhe tornou a pedir pelo amor de Deos, e ſerviço Real, naõ deſprezaſſe aquella occaſiaõ de tanta honra, e gloria para a naçaõ Portugueza, que ſerviria naõ menos de admiraçaõ, do que de enveja aos Francezes, Inglezes, Hollãdezes, Dinamarquezes, que aſſiſtem pelas Fortalezas daquella Coſta, coſtumados ſómente a ver Portuguezes, ou fugitivos de Goa, largando o ſerviço del-Rey, ou attentos ſó aos intereſſes de ſuas conveniencias. Chegado a eſtes termos o negocio, e empenho daquelle Mouro, julgou o Governador, que já naõ podia reſiſtir, e que ſe

ſe fizeſſe o contrario, ſeria avaliado por idolatra de ſeus caprichos, e deſprezador dos augmentos do credito Portuguez; pelo que deu o ſeu beneplacito, e logo ſe começou a diſpor o neceſſario para a entrada.

## CAPITULO VI.

*Deſcreve-ſe a entrada, que o Governador fez na Fortaleza de Velur, e o mais que paſſou.*

HAvia já muitos annos, quando depois que por noſſos peccados, que mereceraõ tal caſtigo, ou por falta

ta de valor Portuguez, cançado do muito, que tinha obrado na India, e para melhor dizer deliciosamente gastado nos ultimos tempos, se perdeo a Cidade de Meliapor, ou S. Thomé, antigamente naõ menos rico emporio do contrato, que glorioso teathro de Varoens singulares, assim em virtudes religiosas, e Christans, como em heroicas acçoens militares; havia digo naquellas terras notavelmente descahido a estimaçaõ do nome Portuguez; pois em Meliapor os poucos Portuguezes, que restavaõ, opprimidos naõ menos da pobreza, que dos Governadores

dores Mahometanos, pouco, ou nada conſervavaõ dos ſeus antigos brios, eſpecialmente fazendolhe ſombra as naçoens eſtrangeiras, que nos lugares viſinhos ſe tinhaõ fortificado, e em particular os Inglezes, que com ſeu ſingular eſtudo, e deſtreza no contrato, tanto tem levantado cabeça. Chegou finalmente tempo, em que a Divina Providencia, diſpondo as couſas a ſeus proporcionados fins, quiz honrar, e fazer glorioſa a naçaõ Portugueza entre aquelles Barbaros, para que os Eſtrangeiros entendeſſem, que a eſtimaçaõ do nome Portuguez naõ eſtava de todo ſe-

pultada naquellas terras.

Era o dia doze de Julho, dedicado ao grande Joaõ Gualberto, insigne naõ tanto pela illustre nobreza de seu sangue, e generoso valor de seu animo, quanto pela mais gloriosa acçaõ, com que hum Heroe Catholico pòde sahir, qual foy perdoar a seu inimigo, homicida de seu irmão, ao qual taõ generosamente tem imitado o nosso Governador, tanto assim, que nem seus emulos o poderàõ com verdade negar; pela qual acçaõ parece o quiz Deos premiar, dando-lhe neste dia tanta gloria, e honra: seriaõ tres horas da tarde, quando preparado,

do, e diſpoſto tudo o que era neceſſario para a ſahida do Governador, deſceo eſte a hum grande pateo, onde o eſtava eſperando huma bem compaſſada ordem de atabales, e outra naõ menos ſuave de frautas, acompanhadas da uniforme diverſidade de outros muitos inſtrumentos muſicos, que todos por ſua ordem deraõ principio aos applauſos do Governador. Appareceo elle acompanhado de Fr. Angelo, Joaõ Bautiſta de Santo Hilario, o Capitaõ Joaõ Tavares, e mais quatro Portuguezes, e juntamente os ſeus Cafres, todos lindamente veſtidos. Defronte da porta daquel-

le pateo, se dilatava huma espaçosa praça, em que estavaõ preparados seis Elefantes, e se estendiaõ duas muy numerosas alas, huma de Cavallaria, e outra de Infantaria, ambas lustrosamente armadas, não fallando da grande multidaõ de Povo, que concorreo a ver este acto. Logo os Cabos militares postos em ordem, e com notavel gravidade, e destreza fizeraõ suas cortezias ao Governador, que consistiraõ na sua costumada zumbaya; as quaes acabadas, se dividiraõ em duas alas, a Cavallaria pelo lado direito, e a Infantaria pelo esquerdo, deixando no meyo espacio desembaraçado.

Feita esta funçaõ, chegaraõ junto ao Governador com o Elefante de estado, e fazendo-o ajoelhar, sobio pelos estribos Joaõ Bautista de Santo Hilario, para levar de maõ, e ajudar a sobir ao Governador, que ao som de todos os instrumentos musicos, e vivas de grande multidaõ de Povo, que presente estava, montou naquelle Elefante, e se sentou em huma alta, e bem ornada charola; e logo o Capucho Fr. Angelo sobio ao dito Elefante, e se sentou noutra charola, que estava atraz de menor fabrica. Seguiose o Capitaõ da Guarda Joaõ Tavares, tambem em seu Elefante,

galhardamente ſellado : neſte tempo Joaõ Bautiſta de Santo Hilario, montado em hum cavallo Arabico, linda, e fermoſamente ſoberbo, ſe chegou ao Governador, e com grande reverencia lhe offereceo hum alfange deſembainhado, cõ guar niçoens de ouro, ſinal de grande poder, e inſignia dos Governadores de mayor ſuppoſiçaõ no Mogor, para que o levaſſe levantado na maõ; e logo com ſuas ceremonias ſe deu ſinal, para que o Elefante ſe pozeſſe em pè, e ſe deu principio àquella pompoſa marcha na fórma ſeguinte.

Hia em primeiro lugar hum

Elefante com duas bandeiras roxas, a que acompanhavaõ muitas gaitas ſuavemente ſonoras. Seguiaſe outro com dous grandes atabales de eſtado: occupava o terceiro lugar o terceiro Elefante, que ſuſtentava duas bandeiras verdes. A eſte ſeguia o quarto Elefante, carregado de inſtrumentos muſicos, que a ſeu modo fazia muy plauſivel aquelle acto. Todos eſtes Elefantes hiaõ rodeados de gente armada, com lanças guarnecidas de prata, e caſcaveis do meſmo metal, e entreſachadamente ſe ouvia o ſom de diverſas gaitas, e tamboris. Logo ſe ſeguiaõ dous Cafres do Governador,

montados em cavallos ricamente ajaezados, que tocavaõ clarins; e atraz destes appareciaõ dous Portuguezes, tambem a cavallo, gravemente vestidos, que levavaõ as bandeiras Reaes arvoradas em lanças compridas, aos quaes rodeavaõ seis Cafres armados de catanas, e mais dous Portuguezes em briosos cavallos, com bacamartoens na maõ, pistolas no cinto, e espadas largas, e cobertos os lados, alèm da Cavallaria, e Infantaria desfilada, dos Archeiros do Governador Mouro, que todos eraõ de Languinatas. Seguiase, fazendo de si vistosa ostentaçaõ, Joaõ Bautista de Santo Hilario, vestido

do de huma cabaya de tèla, e cabarbanda, toda repassada de ouro, com hum alfange na maõ guarnecido de prata, com o qual esgrimia à Mourisca, e repetidamente a poucos passos andados, se voltava para o Governador, que immediatamente se seguia, como quem queria receber suas ordens. Guardava as costas do Governador o Capitaõ Joaõ Tavares, levantado no seu Elefante, e rematavase esta luzida cavalgata com todos os Cabos da Cavallaria, que toda com taõ linda ordem, e disposiçaõ fazia huma muy recreativa vista, e vistoso divertimento.

Desta

Desta ſorte ſe foy caminhando eſpacio de hum quarto de hora, acclamãdo o Povo ao Governador com vozes honorificas, que ſignificavaõ: Viva o grande Portuguez; e chegados ao portal da Praça, fizeraõ alto as alas militares, e ſó entrou dentro o que fica deſcrito ſe achava no centro deſte luſtroſo acompanhamento. Ao paſſar do Governador pela primeira porta, lhe deu todo o Povo tres vivas; e paſſando mais duas portas, todas chapeadas de ferro com grandes eſpigoens, chegou à praça do Caſtello, aonde eſtava tanta multidaõ de gente, que impedia a paſſagem, e era ne-

ceſſario, que os Archeiros uſaſſem violentamente das Languinatas contra aquella multidaõ, para fazer expedito o caminho. Chegando neſta fórma à porta do pateo do Governador Mouro, ſe apeou do Elefante o noſſo Governador, a quem deu a maõ o dito Joaõ Bautiſta; e apeados tambem os outros dous o Padre Capucho, e Capitaõ Tavares, foy cortejado, e conduzido dos Mouros mais graves, e principaes da Praça atè à porta do jardim, que juntamẽte ſervia de pateo ao Manjalés; e neſta porta eſtava eſperando em pé o Governador Mouro, acompanhado dos Mouros do
ſeu

ſeu conſelho, e recebendo com muito agrado, e cortezia ao noſſo Governador, o levou ao lado direito, atè entrar no Monjalés, onde ſe ſentaraõ ambos em iguaes coxins.

Aqui naõ faltaraõ urbanas, e primoroſas correſpondēcias de parte a parte. O Mouro declarou o goſto, que tinha de ſe aviſtar com taõ nobre Portuguez, de quem tinha ouvido grandes louvores: ouvio com attençaõ os ſucceſſos do caminho, e fez outras perguntas, de que recebeo as repoſtas à ſatisfaçaõ do ſeu deſejo. O Governador ſe desfez em louvores da bem lançada fabrica da Fortaleza,

leza, e da luzida gente, que a guarnecia: da grande benignidade, juſtiça, e aceitaçaõ, com que governava os Povos, e doutras couſas ſemelhantes, de que naõ pezava ao Mouro; e contando cada hum algumas novidades, pertencentes às Cortes dos ſeus Reynos, ſe paſſou aos brindes, que ſe fizeraõ com variedade de bebidas conforme o coſtume daquelles Mouros. Aſſim ſe levou boa parte do tempo; e querendo-ſe deſpedir o Governador, o Mouro lhe pedio, que ceaſſe com elle aquella noite, e ficaſſe ao menos tres dias deſcançando das moleſtias do caminho, e o exprimio com

taõ carinhoſas palavras, que bem moſtrava o grande affecto do ſeu animo. Mas o Governador naõ ficando atraz nas affectuoſas ſignificaçoens de ſeu animo agradecido, ſe eſcuſou lançando a culpa ao tempo, que naõ podia ſofrer demoras, quãdo a viagem, que lhe era neceſſario fazer para a China, neceſſitava de ſua preſença em Meliapor o mais cedo, que podeſſe ſer, pelo que ficava com grande pena, por naõ poder gozar inteiramente de tantos favores.

Satisfeito o Mouro com eſta repoſta, entrou com outro lanço de primoroſa offerta, e foy rogar ao Governador ſe ſerviſ-

ſe,

ſe, que o ſeu eſtado o acompanhaſſe atè a Cidade de Saõ Thomè; mas elle julgando naõ devia aceitar, agradecidamente cortez regeitou a offerta, ainda que o Mouro repetidamente lhe inſtou aceitaſſe; e o Governador para moſtrar que naõ deſprezava ſeus favores, ſe deu por obrigado a aceitar os Palanquins, e hũa eſquadra de quinze cavallos, e trinta peoens. Antes do Governador ſe partir da preſença do Mouro, julgou naõ devia perder a occaſiaõ de empenhar a benevolencia, que elle lhe moſtrava, e aſſim rendendo-lhe as graças pela grande honra, que lhe tinha feito, lhe diſſe:

disse: Senhor, naõ ha quem naõ conheça, e confesse a grandeza, e benignidade de vosso animo, com que fomentais aos Portuguezes, e em especial aos Religiosos Missionarios destas terras; pelo que eu em nome de todos vos rendo as graças, reconhecendome obrigado a ser pregoeiro de vossas heroicas, e singulares virtudes em qualquer parte do Mundo, que me achar. O que resta he, que continueis com as demonstraçoens de vosso benevolo animo, cousa taõ propria de huma nobre indole, qual he a vossa, e especialmente vos empenheis a concluir a liberdade daquelle bom

Religioſo, que taõ iniquamen te os Gentios prenderaõ, e querem acabar à força de moleſtias, e por quem vos tem rogado voſſo leal ſervidor Joaõ Bautiſta de Santo Hilario, ao qual tenho exhortado, que continue nos devidos obſequios à voſſa peſſoa, e tenho por certo naõ faltarà a obrigaçaõ taõ juſta.

Ouvio o Mouro com moſtras de contentamento eſta pratica; e reſpondeo com ſignificaçoens de ſatisfeito, e de que preſto ſe concluiria a liberdade do Religioſo, que pertendia, como na verdade ſe concluhio; e acompanhando o Governador

atè à porta, e despedindose, lhe offereceo huma cabaya, touca, e cabarbanda, tudo muy rico, e de grande valor, e preço; e o Governador lhe correspondeo com algumas curiosidades, que o bom Joaõ Bautista tinha pre parado para este fim; e feitas as cortezias, e ceremonias devidas nas despedidas, se voltou com o mesmo acompanhamento, e pelo mesmo caminho, e continuandose os vivas, e applausos daquelle obsequioso Mourismo, se recolheo a casa de Joaõ Bautista, que naõ acabava de explicar a alegria, que tinha de taõ feliz successo, e honra, que naquelle dia recebera o Gover-

nador,

nador, e nelle a naçaõ Portugueza; e naquella noite banqueteou ao Governador, e mais comitiva, naõ menos com grandeza de animo liberal, do que de affecto carinhoſo.

## CAPITULO VII.

*Parte o Governador para a Cidade de Saõ Thomè, e dalli vay a Madraſtapaõ, e o que lhe ſuccedeo neſſes lugares.*

SAhio da Praça de Velur o Governador aos 13. de Julho, e dirigio o caminho para Saõ Thomè com o meſmo acompanhamento, com que no

 dia

dia antecedente tinha hido a visitar o Mouro Governador daquella Praça; e só houve a differença, que em lugar dos dous Elefantes, em que foraõ o Governador, o seu companheiro Capucho, e o Capitaõ Tavares, substituiraõ Palanquins ricamente ornados, e o do dito Governador, alèm de ser de mayor pompa, era guarnecido de prata; e tendose caminhado por espacio de meyo quarto de legua, despedio todo o acompanhamento, que era proprio do estado do Governador Mouro, fazendo os Cabos da milicia nas despedidas suas cortezias militares. Hia disposto o arrayal do

Gover-

Governador nesta fórma. Precediaõ dous Cafres montados a cavallo, tocando clarins: seguiaõ-se dous Portuguezes tambem a cavallo, com as bandeiras Reaes despregadas, e arvoradas em lanças altas, a que guarneciaõ os outros Portuguezes, e Cafres, postos nos seus cavallos, e armados; e logo os demais se seguiaõ, levados nos seus Palanquins, e de huma, e outra parte as esquadras Mogoras de quinze cavallos, e trinta peoens. Desta sorte se foy caminhando, e passou pelo arrayal do Nababo, que governa aquellas terras, e por averiguaçaõ, que fez o Governador, constava aquelle

arrayal de trinta mil cavallos, e cincoenta mil ſoldados de Infantaria, e vinte Elefantes. Paſſando o Governador, os Cabos do dito arrayal lhe fizeraõ toda a honra, e cortezias devidas.

Aqui ſe deſpedio do Governador Joaõ Bautiſta de Santo Hilario; e não tendo aquelle vozes, nem palavras baſtantes, com que declarar ſeu animo agradecido, e ſe eſprayar nos louvores devidos às Catholicas, e zeloſas agencias de varaõ taõ benemerito no ſerviço de Deos, e Sua Mageſtade Portugueza, ſe deſpedio tambem delle, aſſegurandolhe da Divina bondade o premio a ſeus merecimentos, e da

e da ſua parte proteſtou de ter huma eterna lembrança delle, promettẽdo ſer em toda a parte certo elogiador de ſuas acçoens. E proſeguindo ſeu caminho, em que naõ houve ſucceſſo de conſideraçaõ, aos dezaſeis do dito mez chegou a aviſtar a Igreja de noſſa Senhora do Mõte, que em lugar eminente faz huma naõ menos apraſivel, que devota viſta aos paſſageiros. Se nos dias paſſados tinha o Governador feito àquelles Mouros oſtentaçaõ de hum muy nobre, e reſpeitado Portuguez, recebendo tantas honras do Mouro Governador de Velur, hoje quiz moſtrar aos meſmos Mouros, e

Gentios ſua grande piedade, e muy Chriſtãa devoçaõ, rendendo as devidas honras, e veneraçoens à Rainha dos Anjos. Foy o caſo, que chegando quaſi meya legua de diſtancia da dita Igreja de noſſa Senhora, manda de repente parar o Palanquim, ſalta em terra, e virado para a parte, onde eſtava ſita a Igreja, ajoelha com toda a reverencia, e ſumiſſaõ, a que advertindo os mais Chriſtãos, naõ podendo reſiſtir à força de tal exemplo, fazem o meſmo; e rezando devotamente a Salve, ſe levantou, e meteo no Palanquim, ficando todos aquelles Mouros cheyos de admiraçaõ. Acçaõ na verda-

verdade, com que ficou mais honrado o Governador, do que com o triunfante applauso, com que foy cortejado na Praça de Velur.

Finalmente, pelas oito horas da noite daquelle mesmo dia entrou na Cidade de Saõ Thomè, onde achou lindamente preparada para seu agasalho a casa de Joaõ Bautista de Santo Hilario, por quanto este hon rado varaõ, naõ podendo assistir com sua presença em Saõ Tho mè ao obsequio do Governa dor; quando estava occupado em Velur no serviço do Mouro Governador daquella Praça, tinha expedido com toda a dili gencia

gencia aviso a sua casa, com ordem, para q̃ se assistisse promptamente com tudo o necessario ao dito Governador, que na verdade tudo executou com summo cuidado aquella muy devota, e honrada familia. Conserva ainda a Cidade de S. Thomé alguns vestigios da sua antiga grandeza, pois alli reside a Sé Episcopal, que entaõ estava vacante, e cuidava daquelle Bispado hum Governador, posto pelo Illustrissimo Primaz de Goa. Tem seu Capitaõ môr, que governa aquella pequena, e pobre Republica, com seus Officiaes, e se vem ainda nella algumas familias, que procuraõ,

como

como podem, fomentar o luſtre Portuguez. Por induſtria, e diligencia de Joaõ Bautiſta de Santo Hilario, tinhaõ neſta Cidade retumbado os eccos das honras, com que fora recebido em Velur o Governador, pela qual razaõ eſtavaõ muy contentes os Cidadãos della; e aſſim como elle chegou, foraõ logo todos os principaes, aſſim Eccleſiaſticos, como ſeculares, a viſitallo, e darlhe os parabens não menos da ſua chegada, que da honra, e luſtre, que tinha grangeado ao nome Portuguez; e o Governador lhes correſpondia com ſummo agrado, confirmando com ſua preſença, o que

que tinha apregoado a fama.

Tratou logo o Governador de pôr em praxe o seu intento, que era embarcarse para Macao, o mais depressa, que podesse ser. Naõ estava a Cidade de Saõ Thomé com posses para expedir barco; só restava a esperança em Madrasta, distante pouco mais de hum quarto de legua, que com a grande riqueza do contrato, podia facilmente satisfazer ao que o Governador pertendia; por tanto este avisou logo ao Inglez Governador daquella Praça, de como o queria hir visitar, e presentarlhe huma carta do Illustrissimo Primaz Governador da India,

dia; e logo no dia dezanove do mez, acompanhado do Governador do Bispado, e dos principaes Cidadãos, levados em Palanquins, que fariaõ o numero de vinte, se poz a caminho para Madrasta, onde foy recebido pelo Governador daquella Praça com toda a soldadesca formada, e salvas de artelharia, e mais applausos militares, naõ querendo elle ficar atraz ao Governador de Velur nas honras devidas a taõ honrado hospede. Foy recebido na sala pelo Governador Inglez, acompanhado de todos os Conselheiros da Companhia do contrato, com alegres significaçoens de urbanidade;

nidade; e feitos os brindes coſtumados, funçaõ, a que ſe naõ pòde faltar entre aquella naçaõ, ſe leo a carta do Senhor Primaz, que toda ſe dirigia à expediçaõ de navio, em que o Governador ſe podeſſe logo embarcar para Macao.

Mas o Governador Inglez, attendendo mais às razoens de ſua conveniencia, do que às de capricho, declarou naõ eſtar em tempo, que podeſſe executar o que ſe lhe pedia, allegando o ſer já tarde para armar barco, e haver falta de patacas na terra. Cruel ferida para quem naõ tanto olhava para a razaõ da ſua conveniencia, quanto para o cre-

o credito do nome, e reputaçaõ Portugueza! Punhaſelhe diante dos olhos hũa jornada por terra taõ cuſtoſa, e perigoſa, que tinha feito com intuito, de que em Madraſta acharia embarcaçaõ, em que logo podeſſe hir para a China a exercitar o ſeu cargo; e que depois de tantos ttabalhos, e perigos, era obrigado a ficar detido em Saõ Thomé contra a ſua expectaçaõ, e o que tinha promettido em Goa; e concluia, que ficaria abatida naõ menos ſua reputaçaõ, que a do nome Portuguez; pelo que tomou huma reſoluçaõ, que a alguns parecerá de homem temerario, e fantaſtico,

co, mas elle julgou ſer mais neceſſaria naquellas circunſtancias, quando muitas vezes para ſuſtentar a honra, e alcançar os fins, que ſe pertendem, convem uſar de apparencias, ou para melhor dizer eſtribarſe, e con fiar na Divina Providẽcia. Foy a reſoluçaõ pedir ao Governador Inglez, que ſuppoſto naõ haver commodidade de embarcaçaõ para a China, lhe fizeſſe graça de ver ſe havia algum navio capaz; que elle o queria cõ prar, e juntamente Piloto pra tico. Reſolveoſe o Governador a tanto, porque ainda que elle ſe naõ achava com poſſes para fazer aquella compra, como era

homem

homem largo igualmente de animo, que de confiança em Deos, aſſentou comſigo, que naõ faltaria quem attendendo ao credito do nome Portuguez, o ajudaſſe com prata. O que na verdade aſſim ſucccedeo, pois naõ faltaraõ zeloſos, que antes quizeraõ arriſcar a ſua prata, que pôr em perigo a honra da Naçaõ.

Entre tanto, que o navio ſe preparava, largou o Governador as vèlas ao vento Favonio de ſua piedade, e devoçaõ, viſitando os Santos lugares, onde ſe conſerva, e reverencea a pia memoria do primeiro Apoſtolo do Oriente, o glorio-

ſo Saõ Thomè. A primeira romaria, que fez, foy viſitar a Santa Capella, que eſtá na antiga Sé, a qual ſendo Templo dos Idolos, foy dada em premio ao Santo Apoſtolo pela milagroſa facilidade, com que moveo aquelle celebre madeiro, de que fazem mençaõ as noſſas hiſtorias da Aſia. Deſte madeiro ſe conſervaõ ainda algumas obras, principalmente huma porta, da qual recebeo o Governador hum pedaço, e o eſtima por hum grande theſouro; o retabolo da Capella, onde eſtá hum relicario com a ligadura enſanguentada, pano de amarrar a

cabeça, e o ferro da lança com que mataraõ ao Santo Apoſtolo. Memorias todas, que ainda agora movem a piedade dos Chriſtãos, que habitaõ para a parte de Cochim, a hir em romaria à Cidade de Saõ Thomè, tributar os obſequios de ſua devoçaõ. Daqui dirigio ſeu caminho o Governador ao monte pequeno, diſtante da Cidade huma legua, no qual ſe vè o antigo Collegio dos Religioſos da Companhia de JESUS, onde debaixo do Altar môr da Igreja ſe venera a lapa, em que o grande Apoſtolo viveo por algum tempo eſcondido; e nella ſe conſerva

hum Altar, em que dizia Miſ-ſa, e na pedra da meſma lapa ſe vé eſculpida huma Cruz, obra do meſmo Apoſtolo, como tambem huma fonte, que brota do rochedo, que dizem foy aberta pelo dito Santo Apoſtolo, da qual bebeo o Governador, que acompanhado do Reverendo Padre Reytor Franciſco de Vaſconcellos, andou viſitando aquelles Santos lugares, onde tambem ſe vem impreſſos os ſinaes dos joelhos, e mãos do Santo, como tem a pia tradiçaõ.

O monte, que a diſtinçaõ do outro, chamaõ grande, e eſtá diſtante da Cidade duas leguas,

he

he tambem lugar de muita piedade, e veneraçaõ: alli está huma Igreja, em que se conserva a devota Imagem de Maria Santissima, que dizem, era do glorioso Apostolo, e foy pintada pelo Euangelista Saõ Lucas, e obra tantos prodigios, e milagres, que os Gentios, e Mouros recorrem a ella em suas necessidades. Naõ quiz o Governador deixar de render seus piedosos affectos a este Santo lugar, e Imagem, onde vio no Altar môr huma Cruz de pedra, obra daquelle muy zeloso Apostolo, ainda illustrada com alguns sinaes de sangue, que nella saltou do

corpo do Santo, quando foy alanceado no tempo, que prostrado diante da mesma Cruz, estava orando. Certificou o R. P. Pascoal Pinheiro, Governador algum tempo daquelle Bispado, e de presente Parocho daquella Igreja, que por algumas vezes tinha suado a dita Cruz com maravilhoso, e abundante licor, e se tinha observado, que entaõ manava aquelle suor, quando estava para succeder algum grande infortunio ao Estado da India. Bemdito seja Deos, que ainda mostra tanto amor aos Portuguezes da India, que com sinaes exteriores declara o sentimento,

timento, que tem de noſſas infelicidades, cauſadas dos peccados, e deſcuidos, com que nos havemos.

## CAPITULO VIII.

*Embarcaſe o Governador para Macao, e refereſe o que lhe ſuccedeo atè chegar ao Reyno de Gior.*

SAhio a luz do dia cinco de Agoſto, e nelle ſe reſolveo o Governador a dar principio à viagem para Macao. Naõ eſtava o navio ainda de todo aparelhado, porque o Piloto Inglez, que o vendeo por agencia do Governador tambem

Inglez, o entregou taõ mal aviado, e taõ falto do necessario, que até de vélas foy obrigado a provello. Embarcouse pois o Governador naquelle dia, que como era dedicado à festa de nossa Senhora das Neves, se prometteo feliz, e segura viagem; que quando com tal guia, e norte se principia qualquer acçaõ, certo, e seguro se pòde prometter o fim, que se pertende. Esta mesma Estrella do mar lhe serenou, e encheo de confiança o coraçaõ, quando considerando o tempo incommodo por causa das continuas tempestades, e samatras, e o navio naõ muy

seguro,

ſeguro, e forte para reſiſtir aos açoutes das empoladas ondas, e furioſos temporaes, parecia temeridade entregarſe ao mar. E na verdade tinha o animo cheyo de confiança; e com razaõ, pois naquelle dia de manhãa tinha viſitado a Igreja de noſſa Senhora da Luz, cuja memoria ſe feſtejava com grãde ſolemnidade; e depois de ſe confeſſar, ouvir Miſſa, e receber o Diviniſſimo Sacramẽto da Euchariſtia por meyo do Governador do Biſpado o Reverendiſſimo Padre Fr. Antonio das Chagas, Religioſo Capucho, depoſitou nas mãos daquella amabiliſſima Mãy de miſe-

misericordia huma petiçaõ, em que a tomava por Patrona, e Advogada para o bom successo da viagem. Foy-lhe necessario esperar tres dias embarcado pelo Piloto Inglez, que se deteve em terra tratando de suas conveniencias, que finalmente se foy embarcar aos oito do mesmo Agosto, e pelas onze da noite se largou o pano ao vento, que estava bastantemente esperto.

Foy o dia terceiro da viagem notavel com a inclemencia do tempo, e dos mares, os quaes desafiados do vento, se encresparaõ de tal sorte, que pertenderaõ çoçobrar o pobre

baixel,

baixel, que eſtando elle da ſorte que eſtava, pouco baſtaria, ſe o naõ defendeſſe o patrocinio de Maria Santiſſima, debaixo de cuja protecçaõ ſe tinha poſto o Governador, e os que o acompanhavaõ. O vento de repente apanhou as gavias, fazendolhe forte impreſſaõ; e de tal ſorte inclinou o navio, que ſe tiveraõ todos por perdidos, e clamaraõ a Deos miſericordia. O que valeo aos pobres afflictos, foy aplacarſe algum tanto a furia do vento, que a continuar na meſma teſidaõ, era infallivel a ruina de todos. Com tudo o impeto do temporal naõ abrã-

dou

dou desorte, que naõ fizesse grande força no mastro grande, e o rendesse com notavel medo dos que hiaõ no barco. A agua, que este fazia, era tanta, que toda a gente com as bombas na maõ, naõ podia vencer o curso della. Em hũa palavra: todos tiveraõ por certo, e evidente milagre, e especial favor Divino, o escaparem com vida. Esfriada hum pouco a força da tempestade, se foy continuando a viagem com summa vigilancia, e cuidado, porque naõ faltavaõ cada dia as samatras, tres, e quatro vezes, vencendo a paciencia o grande trabalho, que estas

tas causavaõ, atè que finalmente aos vinte e hum do dito mez se aviſtou a cabeça do Achem, e se enveſtio com a boca do eſtreito de Malaca.

He aquelle eſtreito grande exercicio de paciencia para quem navega, pois a calmaria, e malacia do mar consome naõ menos os mantimentos, que o calor dos navegantes; e neſta occasiaõ foy extraordinaria a detença nelle, pois se gaſtou hum mez até chegar a Malaca; e por eſta razaõ foy neceſſario à gente da nao usar de tal parcimonia, q̃ por muitos dias usaraõ de huma só comida, especialmente por lhe

faltar

faltar a agua, valendo-ſe da que chovia, naõ ſendo poſſi vel chegarſe às Ilhas, em que ſe coſtuma fazer. Aos dezano ve de Setembro ſe aviſtou Ma laca, Cidade antigamente dos Portuguezes, onde o grande Affõſo de Albuquerque obrou acçoens taõ maravilhoſas para a ſobjugar ao dominio Portu guez; mas ha já annos por peccados, ou inercia dos meſmos Portuguezes, eſtá ſenhoreada do jugo Hollãdez. Deviaſe paſſar de largo aquelle porto, que para ſe evitar a antiga demanda, elles tem com os Portuguezes, pertendendo, que os barcos deſtes vaõ alli pagar ancora-

gens;

gens; mas o nosso Governador, obrigado da necessidade, e falta de agua, julgou devia experimentar fortuna, e ver se achava cortezia, ou compaixaõ naquelles Hollandezes; e surto à franquia, atirou com huma peça, pedindo embarcaçaõ; foy esta expedida de terra, para saber que barco era, quem vinha nelle, e que pertendia: a esta embarcaçaõ desceo logo o Piloto Inglez com huma carta escrita ao Governador daquella Praça.

Era aquelle Governador Hollandez homem de animo docil, e coraçaõ brando, e lendo o que continha a carta, entendeo

tendeo vinha no barco peſſoa, com quẽ devia uſar de termos honrados; e prevendo, que os do Conſelho da Companhia haviaõ de fazer demanda pelas dividas (como elles dizem) antigas das ancoragens; e querendo atalhar as moleſtias, que por iſſo poderiaõ vir ao Governador Portuguez, tratou com grande affabilidade ao Piloto, e lhe ordenou, que tornaſſe para o navio, que elle proveria do neceſſario. Era ſua intençaõ, que o navio eſtiveſſe expedito com o ſeu Piloto, para que no caſo, que os do Conſelho determinaſſem alguma couſa contra o dito navio

vio podesse dar à vèla, e porse em cobro; mas o Piloto, que parece veyo com intençaõ de ficar no dito porto de Malaca, como disseraõ algũs, começou a tergiversar, e respondeo ao Governador Hollandez, que elle de nenhum modo hiria a bordo sem levar reposta; e naõ obstante, que o dito Governador o tornou a exhortar, que se voltasse para o navio, que elle no outro dia mandaria reposta, o Piloto se ficou, e no seguinte dia foy reprezado, que parece, que he o que pertendia.

Finalmente a reposta, que veyo de terra ao Governador,

foy, que pagasse ancoragens, e que a este fim ficava reprezado o seu Piloto. Pareceolhe a este demanda injusta, naõ tanto pelo que requeria, quanto por ser feita à sua pessoa. A resoluçaõ, que se devia tomar, naõ era facil de comprehender. Por huma parte a necessidade obrigava a esperar, e pedir misericordia, por outra o largar a vèla, era sinal de medo, e confissaõ de estar culpado, o que seria mais indecente, e indecoroso, quando o navio tinha tremolantes as bandeiras Reaes. Intentar a vingança de tal injustiça, e descortezia, parecia temeridade, estando o

navio

navio falto de muitas cousas necessarias, e os Hollandezes abastados, e em sua casa. Que remedio? Tirar forças da necessidade, e fraqueza, e appellar para a fortuna, que ajuda aos animosos. Escreve ao Hollandez resolutamente, que hum Governador do Serenissimo Rey de Portugal, naõ era pessoa tal, a quem se fizesse semelhante demanda; que ou acodisse ao navio com o necessario, ou lhe remettesse o seu Piloto, para que podesse dar à véla. Naõ foy a reposta do Hollandez taõ cortez, e honrada, como devia ser, e tinha sido o dia antecedente; pelo

que o Governador, tomando fogo, lhe tornou a eſcrever cõ alguma aſpereza, lançando-lhe em roſto o que era. Irritaõ-ſe os animos de parte a parte, e depois de ſe fazerem os proteſtos, de que eraõ naçoens, que viviaõ em boa paz, e amiſade, denunciaſe o deſafio, e preparaõ-ſe para a batalha, o Governador pondo em ordem o ſeu navio com os poucos Portuguezes, que nelle vinhaõ, e mais negros, e cinco peças de artelharia de pouco calibre; o Hollandez expedindo cinco chalupas baſtantemente petrechadas; o Portuguez foy o primeiro, que deu moſtra de ſi,
pondo-

pondo-se à vista do inimigo, e convidando-o ao desafio para longe da Fortaleza: o Hollandez fez seu movimento, e volta, mas sempre afastado, e fóra de tiro de peça.

Assim andaraõ alguns dias, até que o Governador impaciente de demoras, desta sorte fallou aos da nao: „ Amigos, „ e companheiros igualmente „ na gloria, que nos trabalhos, „ temos chegado a termos, que „ ou havemos de emprender „ huma acçaõ, que ainda que „ a alguns parecerá temeraria, „ e imprudente, he na verda- „ de gloriosa, e digna do no- „ me Portuguez; ou havemos

,, daqui ſahir com grande deſ-
,, douro noſſo, e expoſtos a
,, perecer todos indecoroſa-
,, mente. O vento naõ nos fa-
,, vorece; a falta de Piloto pra-
,, tico nos impoſſibilita a na-
,, vegar por entre tantos bai-
,, xos: a neceſſidade, quaſi ex-
,, trema em q̃ nos vemos, naõ
,, approva o hirmos acabar
,, ao deſamparo no meyo deſ-
,, te eſtreito: com a noſſa vol-
,, ta, ou fogida eſſes Hollande-
,, zes tomaràõ animo a nos ſe-
,, guir, e eſperar commoda
,, occaſiaõ, em que totalmen-
,, te nos arruinem: pelo que
,, a reſoluçaõ, que devemos
,, tomar, digna do nome Por-
,, tuguez,

„ tuguez, he enveſtir naõ me-
„ nos aquellas chalupas de
„ guerra, que a Fortaleza, do
„ qual ſe ſeguirà, que ou elles
„ à viſta da noſſa reſoluçaõ
„ atemorizados, viráõ no que
„ pertendemos, ou nos mata-
„ remos com elles, deſafron-
„ tando generoſamente noſſa
„ reputaçaõ, quando mais val
„ huma glorioſa morte, que
„ huma vida com deſcredito
„ conſervada. Aſſim levado de
ſeus brios dizia o Governador;
e algũs dos Portuguezes appro-
varaõ a reſoluçaõ, e ſe offere-
ceraõ animoſamente para a
empreza; mas a outra gente
da nao, ſeguindo o exemplo do
 Padre

Padre Capellaõ, a desapprovou, ou por mais temeraria, e imprudente, ou por menos conforme às Leys da Christandade.

Vendo o Governador, que naõ era geralmente approvada sua determinaçaõ, resolveo largar o posto, e hir navegando, como podesse, até achar posto, em que se refizesse do necessario. Tinha elle reprezado huma chalupeta de Malayos dependente de Malaca, em recompensa do Piloto reprezado em terra; pelo que mandou dizer ao Governador Hollandez lhe remettesse o seu Piloto, pois se queria fazer à véla,

véla, e desta sorte largaria a chalupeta; mas naõ se conseguindo effeito algum, se resolveo a largar a dita chalupeta, e dar à véla, especialmente tendo perdido huma ancora. Primeiro que se fizesse à véla, mãdou aviso ao Governador Hollandez, que elle partia a tal hora, e que se mandasse as chalupas em seu seguimento, estava prompto para as receber. Aos vinte e seis do dito mez, dia claro, largou o pano, fazendo sinaes com peças de leva, e foy navegando com grande trabalho; porque como naõ havia Piloto pratico, era necessario, que o mesmo Governa-
dor

dor com a ſua eſtimativa, e com a experiencia, que tinha das vezes, que navegara aquelles mares, ſuppriſſe a falta de Piloto. Aos dous de Outubro ſe embocou o eſtreito chamado do Governador, onde foy neceſſario prepararſe para pelejar com hum navio, que o ſeguia: repartio-ſe a gente a ſeus poſtos, expediraõ-ſe as armas, e mais petrechos bellicos; mas como o dito navio, parece naõ trazia intençaõ de pelejar, ſe meteo no eſtreito de Sincapura, e logo entrou pelo Rio de Gior o do noſſo Governador. Neſte lugar o que paſſou, ſe verá na ſegunda parte.

# PARTE SEGUNDA.

## Refere-ſe o ſoccedido em Gior, e dalli até Macao.

## CAPITULO I.

*Tocaõ-ſe algumas couſas pertencentes ao Reyno de Gior.*

Mprendo agora contar as acçoens do Governador obradas em Gior, as quaes na verdade por alguns, e eſſes bem affectos, ſeraõ attribuidas a valor de animo

no intrepido; e por outros, a quem faltar a affeiçaõ, seraõ avaliadas por pasto, ou de terribilidade imprudente, ou de temeridade bem afortunada. Estes se fundaràõ em q̃ o Góvernador, estribado em hũ barco mal petrechado, e com só doze Portuguezes, os quais eraõ (naõ fiquem sem nome neste escrito, os q̃ nos trabalhos, e nas obras deraõ boa parte para elle) o Capitaõ Joaõ Tavares de Vellez Guerreiro, o Mestre Joaõ da Costa, o Condestavel Domingos dos Santos, Antonio Lopes, Pascoal da Sylva, Pedro Farobo, Ignacio Lobo, Pascoal Rodrigues, Antonio Ro-

Rodrigues, Miguel da Costa, Antonio da Costa, Lourenço Fernandes. Naõ fallando no Reverendo Padre Fr. Thomaz de Saõ Joseph, Capellaõ do navio; e o Irmaõ Fr. Angelo de Santo Antonio, Medico, e de naçaõ Italiano, ambos Religiosos Capuchos da Serafica, e observantissima Provincia de Madre de Deos; e a outra chusma de gente negra, mais proporcionada para tirar pelas cordas, e menear vèlas, do que para atirar com peças, e brandir lanças; com muy poucas bocas de fogo, cinco pecinhas, e essas de menor calibre; finalmente sem o necessario

ſario aparelho pertendeo opporſe a mais de oitocentas barcas de guerra, as quaes, ainda que pequenas, eraõ bem petrechadas, e providas de gente: e emprender outras acçoens arriſcadas em terra alheya; tudo o qual na verdade parece, que argue hum jactancioſo appetite de gloria, mais fundado em a imprudente eſperança da fortuna, do que no maduro conſelho da verdadeira valentia. Mas toda eſſa nota ſe deſvanece, ſe ſe attender ao que os livres de paixaõ conſideraõ, que as generoſas acçoens mais ſe eſtribaõ em huma prudente audacia, acompanhada de boa diſpo-

diſpoſiçaõ, do que em poſſantes forças de braço. Quem pertende ſer alguem, deveſe atrever a alguma couſa, diſſe o outro, naõ menos Orador eloquente, que ſabio Filoſofo. Nunca Alexandre o Magno emprenderia acometer com taõ pequeno exercito todo o Imperio da Perſia, e todas as forças da Aſia, ſe naõ foſſe levado de ſeu brioſo atrevimento. Naõ obraria o que obrou o noſſo Duarte Pacheco, oppôdoſe com taõ poucos Portuguezes às forças do Ç,amori, e dos Reys ſeus aliados, ſe ſeu terrivel, e ouſado eſpirito o naõ animaſſe a tal empreza. Argue

gue vileza de animo o desmayar à vista dos perigos: naõ he temeridade obrar muitas vezes, o que parece ser mais atrevimento arriscado, que prudente valentia, quando as circunstancias, e necessidade o pede. Mas antes que se prove com a praxe do Governador este discurso, que em seu lugar se fará, toquemos algumas cousas pertencentes ao estado de Gior.

O Reyno de Gior, sito no tracto dos Malayos, e na terra firme, opposta à Ilha da Samatra, vay correndo costa mar de Malaca atè Talangane, e juntamente comprehende hũ numero

numero ſem numero de Ilhas, das quaes ſe formaõ muitos eſtreitos, e entre eſtes naõ he o de menor conta o de Sincapura; no fim do qual, à maõ eſquerda, na parte que olha para o Noroeſte, ſe abre a foz de hum grande rio, ou para melhor dizer, a boca de huma enſeada, que dentro ſe reparte em varios canaes, huns mayores, outros menores, formados, e diſtintos com a variedade de Ilhas, ſemeadas por toda aquella enſeada. Deſtes canaes o principal he o que ſe vay dilatando com ſeus gyros por mais de dez legoas atè a principal Povoaçaõ, e Corte
 deſte

deste Reyno, a qual tem sua situaçaõ entre o segundo, e terceiro grao da linha Equinocial para a parte do Norte. E sendo assim, que estando esta terra no centro da Zona Torrida, por boa razaõ devia experimentar excessivos calores, que por causa dos rayos directos do Sol, he natural o fazer este nella mayor impressaõ, soccede pelo contrario, pois he fresca, e aprasivel, gozando das propriedades de huma perpetua Primavera, cousa ordinaria pela mayor parte em todo aquelle tracto de terra; por quanto por causa da muita agua, já dividida em

em varios canaes, já dilatada em grandes lagos, e já despedida de perennes fontes, se levantaõ continuados vapores, que refrescaõ o ar, e lhe moderaõ o calor, e juntamente se resolvem em quasi quotidianas chuvas, que naõ menos refrigeraõ a terra, que a fertilizaõ. Daqui nasce o ser muy viçosa com a variedade, e grandeza de muitas arvores, que com seus compridos, copados, e espessos ramos impedem os rayos do Sol. Com tudo, por causa dos vapores grossos, de que abunda, naõ he muito sadia, especialmente aos Estrangeiros, que naõ fo-

raõ criados em ſemelhantes aguaçaes.

A gente natural da terra nas cores participa huma mediania entre Europeos, e Ethiopes. Os que habitaõ junto do mar grande, parte ſeguem a maldita ſeita Mahometana, atraiçoados por natureza, e de pouca fidelidade. Bom numero dos naturaes, e ſubditos deſte Reyno tem ſeu perpetuo domicilio, ou habitaçaõ em barquinhas: o qual he muy ordinario por toda aquella parte da Aſia atè a China, conſervando ſuas como povoaçoens, com numeroſas familias, no meyo da agua.

A terra de ſi he fertil, mas as muitas guerras, que fomenta entre ſi, a fazem eſteril. Abunda de pimenta, ouro, eſtanho, pao de Aguila, canfora, tartaruga, ninho de paſſaro, pao preto, rotas, aſſim de baſtoens, como finas, marfim, azeite de pao, breu muy barato, madeira, eſpecialmente para maſtros de qualquer ſorte de navios, pois tem paos muy groſſos, direitos, e compridos. Antigamente eſte Reyno de Gior foy ſogeito ao Rey de Siaõ, como tambem foraõ todos os que correm de Teneçari atè a Coſta do Golfo, que propriamente ſe chama de Siaõ. Mas

como aquelle Rey,algum tempo terror de Bengala, Pegu, Laos, e de outros circunvisinhos, descahisse do seu antigo poder, assim por causa da malicia ingenita aos Asiaticos, como principalmente por razaõ dos bandos, e divisoens, que em Siaõ costumaõ haver na morte dos seus Reys, o Reyno de Gior se rebelou, e levantou propria Cabeça, porque se governa; e nestes ultimos tempos se dilatou tanto, que por aquella Costa tẽ mayor espacio de terra, que qualquer dos outros Reys.

Mas como estes Reynos carecem da verdadeira Cruz da Fé,

Fé, que he o que prescreve as certas, e seguras leys da justiça, soccede nelles muitas vezes, que por falta desta naõ ha a devida correspondencia, e subordinaçaõ entre os Principes, e os vassallos. Por esta causa ha já vinte annos foy morto com violencia por seus vassallos o proprio Rey de Gior, ou porque este era menos dotado de entendimento, e razaõ, ou porque o seu governo degenerasse em tyrannia. Por morte do qual foy levantado em Rey o Datubandar do Reyno, Datubandar he dignidade, ou titulo grande, que sempre anda annexo a familias, ou casas de

ſangue Real. Tem a ſeu cargo o governo das Armadas, diſpoem da gente de guerra, e provê os poſtos tocantes a ella com taõ abſoluto mando, que neſte particular he quaſi igual ao meſmo Rey. Do qual provém ter eſte ſua mageſtade muy leſa, e arriſcada a ficar arruinada, como ſoccede a cada paſſo, e ſe vio na guerra, de que em ſeu lugar ſe fará mençaõ. Todos os do Reyno deraõ obediencia a eſte Datu bandar, o qual depois de tres annos, em que governou o Reyno com paz, e quietaçaõ, ou porque era homem de bom entendimento, e conſiderou,
que

que naõ eſtava ſeguro no throno, e naõ queria experimentar a adverſa fortuna de ſeu anteceſſor, ou por outro qual quer motivo, largou o Reyno a ſeu irmaõ, com condiçaõ, que o ſuſtentaſſe, e naõ procedeſſe em materia, que tocaſſe a crime de morte, ſem primeiro o conſultar; no qual bem moſtrava ſer homem de condiçaõ branda, e benigna.

Eſte irmaõ do Rey velho ſe chamava Raiamuda: era homem aſtuto, e de bom entendimento; e logo que tomou poſſe do governo, procurou applicar os meyos neceſſarios, aſſim para a ſua conſervaçaõ, como

como para a ſegurança dos ſeus Eſtados, e ſe fundou em adquirir forças, e riquezas, as quaes chegaraõ a ſer tantas, que dizem excedia nellas a todos os mais Reys da Coſta Malaya. O poder, que ſe pode alcançar, que teria, ſegundo as mais certas noticias, conſtava de mais de cem Galés de porte, naõ fallando no genero das embarcaçoens, a que chamaõ Cacapus, Paraos, que tambem ſe armaõ de guerra; e por tudo excedia o numero de mil embarcaçoens; e neſtas fortificaçoens ſe funda aquella gente, porque como as terras quaſi todas ſaõ alagadiças, e corta-

cortadas de agua, as ſuas guerras todas ſaõ navaes. Abundava de muita artelharia, pois dizem, que tinha mais de mil peças, a mayor parte de bronze, poucas de calibre de doze atè vinte e quatro libras, as mais de duas, tres, e quatro libras. Pedreiros contavaõ mais de dous mil. Dous grandes armazens com varios generos de armas, e petrechos de guerra. A riqueza de ouro parecerá incrivel, pois dizem, que quando eſte Rey Raiamuda fogio, carregara trezentos homens de ouro. A multidaõ de gente, aſſim em terra, como nas barcas, he muy grande: a que tinha

nha de armas na Corte, dizem, que chegaria a cinco mil homens, naõ entrando aqui a guarniçaõ da Armada, a qual pertence à gente maritima, que habita aquellas Ilhas, e terra de beira mar. Mas ſendo tanto o poder, e riquezas deſte Rey, naõ foraõ baſtantes, para que naõ perdeſſe o Reyno, podendo mais a traiçaõ do ſeu Datubandar, que toda a ſua grande cabeça, poder, e riquezas; verificando-ſe aqui o dito; que para conſervaçaõ de hum Reyno, mais val a fidelidade dos grandes, que ricas forças, e fortes exercitos. Mas antes que ſe veja o que ſoccedeo neſ-

ta

ta materia , demos vista à entrada do Governador em Gior , e aos sucessos dos primeiros dias.

## CAPITULO II.

*Entra o Governador em Gior , e o que lhe succedeo nos primeiros dias.*

ENtrado que foy o navio pelo rio,ou canal deGior, soube o Governador , que estavaõ dentro duas embarcaçoens Europeas , huma de Inglezes , outra de Dinamarquezes,que alli vieraõ a contratar; e escreveo aos Senhorios lhe man-

mandassem Pilotos praticos daquelle canal, para que seguramente podesse entrar o seu navio a algum surgidouro accommodado, quando elle naõ levava gente, que soubesse nem baixos, nem altos daquelles lugares. O Capitaõ Dinamarquez expedio logo hum Piloto, que conduzio o navio em quanto os ventos, e enchéte da maré o ajudou; e deixando roteiro do rumo, que deviaõ seguir no resto do caminho, se voltou para o seu navio; e porque na maré seguinte se apartaraõ do dito roteiro, por inercia dos proprios Pilotos, encalhou o navio naõ menos

nos com manifesto perigo de se abrir, do que com notavel medo, e espanto dos que viraõ o fundo em taõ medonho estado, que ficaraõ todos os que nelle vinhaõ embarcados, igualmente admirados, de que trouxessem suas vidas estribadas em taõ fraco fundamento, que agradecidos à Divina bondade, que por sua infinita misericordia os tinha livrado de tantos perigos; e posto em lugar, onde podessem alimpar, e concertar o navio, ficando neste passo confirmado aquillo; que he muitas vezes bem afortunada huma desgraça, e perigo, quando saõ causa de se

ſe evitarem outros mayores perigos; o qual ſe vio bem neſta occaſiaõ, porque tendo dantes o Governador aſſentado comſigo, de examinar, e alimpar o navio, agora totalmente ſe reſolveo a executallo. Finalmente ajudando os dous Pilotos de hum, e outro barco, foy livre o navio do banco, em que ſe achava, e levado a lugar ſeguro, lançou ancora.

No tempo, em que o navio hia fazendo ſua entrada pelo rio, appareceo o Rey de Gior, que acompanhado de muitas embarcaçoens, e cortejado de muita gente, ſe andava recreando, talvez deſcuidado do

que

que paſſados poucos mezes eſtava para lhe ſucceder. O Governador ſabendo que era o Rey, empavezou o ſeu navio de flamulas, e galhardetes, diſpondo em bella ordem a gente, tocando os clarins, e juntamente hum deſtra maõ que trazia da Coſta, fazia docemente ſoar huma arpa; e aſſim que o navio emparelhou com as embarcaçoens Reaes, diſparou cinco peças, ſalvando ao Rey: o qual tudo junto foy naõ menos agradavel aos olhos, que jocundo aos ouvidos, e formou o Rey conceito, que naquelle navio vinha peſſoa de grande ſuppoſiçaõ, e

O foy

foy isto grande causa, para que o Governador fosse depois tratado com tanta honra. Tanto val no principio haverse hum de tal modo, que se concilie veneraçaõ, e respeito; e porque por muitas vezes nas primeiras entradas falta requisito taõ necessario, se seguem ruins effeitos nas emprezas começadas. Mandou tambem naquelle mesmo lugar o Governador visitar ao Rey por hum Piloto, offerecendo-lhe hum regalo de pouca valia, mas de muita estimaçaõ para o mesmo Rey, e huma, e outra cousa recebeo este com grande agrado.

Naõ faltou o Rey com as correſpondencias de cortezia ao Governador, pagandolhe a viſita pelo ſeu Sibandar, com ſeu Real mimo, offerecido ao meſmo Governador. Sibandar he cargo de Miniſtro principal do Reyno, que tem à ſua conta deſpachar navios, regiſtar fazendas, ajuſtar contratos, reſolver o que a eſtes pertence, conduzir os Capitaens dos navios ao Rey, e cuidar de tudo, que he proprio dos Mercadores. Ficara o Rey ſummamente ſatisfeito, naõ menos da bellica conſonancia dos clarins, que do feſtivo, e ſuave ſom da arpa, e mandou pelo meſmo

Sibandar, pedir de merce lhos mandasse a Palacio, porque os desejava ouvir juntamente com suas mulheres, e familia. Muy necessaria he em semelhantes casos a cortezia, mas deve ser acompanhada das regras da verdadeira Christandade, sogeita em tudo às leys da Igreja Catholica. Bem arriscada se representou ao Governador, neste caso, a resoluçaõ por huma, e outra parte; porque ou havia de negar o que se lhe pedia, e era exporse à indignaçaõ daquelle Rey, que como infiel, e poderoso em sua terra, era-lhe facil a vin gança, cousa que ao Gover

nador

nador naõ convinha, pois necessitava delle para concertar o navio; ou havia de satisfazer ao desejo daquelle Principe, e era arriscar o bem espiritual, assim dos dous Cafres, como do Arpista, quando poderia succeder, que elle levado de seu gosto, pertenderia conservar em seu Palacio aquelles instrumentos de recreaçaõ, e divertimento, com evidente risco de sua salvaçaõ: o qual fez grande pezo ao Governador, especialmente sabendo, que no Palacio do Rey estavaõ dous Cafres fogidos, e semelhante gente naquelles lugares, sendo naturalmente ru-

de, e naõ fundada radicalmente nos principios da Fé Catholica, trazem moralmente perdidas ſuas almas.

Movido o Governador deſta razaõ, tomou huma reſoluçaõ naõ menos generoſa, que Chriſtáa, reſpondendo, que naõ podia fazer o que ſe lhe pedia, quando ſe arriſcava, a que os ditos Cafres, e Arpiſta, ou fugiſſem, ou foſſem detidos em Palacio. Naõ ſe indignou oRey com a repulſa, e como tinha grande deſejo de os ouvir tocar no ſeu Palacio, repetio com inſtancia a primeira petiçaõ, dando ſeguro, e empenhando ſua Real palavra, que

os

os restituiria, e faria com que tornassem para o navio. Deose o Governador por obrigado a comprazer àquelle Rey, pelo que os remetteo, e juntamente com elles o Capitaõ Joaõ Tavares de Vellez Guerreiro, para que o visitasse em nome do Governador, e lhe presentasse huma offerta de algumas cousas, que trouxera de Saõ Thomé, e eraõ duas pessas de pano branco da Costa, bastantemente fino, dous frascos de agua rosada, e dous cortes de carmezim. Chegados a Palacio, foraõ o Arpe, e clarins recebidos com grande expectaçaõ, e applauso; e o mesmo

mo Rey os levou ao lugar das mulheres, e Damas mais eſtimadas delle, as quaes como a couſa nova, e inaudita por ellas, ouviraõ naõ ſó com inexplicavel contentamento, mas tambem com notavel admiraçaõ, creſcendo na Corte, e em Palacio o conceito, que ſe fazia do Governador, que trazendo comſigo taõ ſingulares inſtrumentos da recreaçaõ, naõ podia deixar de ſer homem de mayor esféra.

Paſſou iſto aos nove de Outubro; e ſabendo o Rey, que o Capitaõ Joaõ Tavares vinha em nome do Governador a fazer ſua viſita, e appreſentar a offerta

a offerta referida, querendo em honra do dito Governador, e sua, se fizesse a ceremonia com pomposo fausto, e solemnidade, assistindo os Grandes da sua Corte, reservou o acto para o dia seguinte, ficando aquella noite em Palacio o dito Capitaõ Joaõ Tavares, acompanhado dos dous Capitaens dos navios de Dinamarca, e Inglez, e tratado com grandeza. Juntouse no outro dia toda a Corte do Rey, e presente ella em Palacio, foy admittido o Capitaõ Joaõ Tavares, a quem cortejaraõ os dous referidos Capitaens, e em nome do Governador

nador fez ſua viſita, ou embaixada com naõ menos gravidade de ſua peſſoa, que agrado do Rey, e toda a Corte; ficando os dous Capitaens igualmente admirados, que envejoſos, pois naõ tinhaõ recebido ſemelhantes honras, quando elles offereceraõ couſas de mayor preço, e eſtimaçaõ do que as offerecidas em nome do Governador. Mas poderaõ elles entender, que aquelle Rey, ainda que barbaro, ſabia fazer diſtinçaõ de peſſoas, e que como era de bom entendimento, avaliava a offerta naõ pelo preço, que em ſi tinha, mas pelo que recebera

cebera de quem a offerecia.

Succedeo no acto daquella offerta huma cousa, que podendo parecer a alguns temeridade, foy antes causa de mayor respeito, e estimaçaõ da naçaõ Portugueza. Foy o caso, que sendo costume, que o mesmo, que offerece o presente ao Rey, o deve levar na maõ, como o tinhaõ feito os dous Capitaens sobreditos, o Capitaõ Tavares, naõ sómente naõ quiz fazer a tal ceremonia, mas tambem ao Sibandar, que repetidamente lhe instou a fizesse, impaciente, e denodadamente o affastou de si com a maõ, diante de toda a Corte,

e do

e do meſmo Rey, obrigando ao dito Sibandar, a que elle em peſſoa, e na propria maõ levaſſe a offerta, ſendo crime entre elles naõ menos tal acçaõ de impaciencia, e acometimento, como a de faltar àquella ceremonia. Mas quando eſte, que parecia atrevimento, e falta de reſpeito, moſtrava ſer digno de caſtigo, foy avaliado por acçaõ de peſſoa, que naõ eſtava ſogeita às leys dos homens ordinarios: ainda que o Sibandar, dandoſe por offendido, conſervou no animo a raiva, e deſejo de vingança, que depois pertendeo pôr em execuçaõ. Tambem os Capi-

taens dos dous navios quizeraõ oſtentar de cortezes com publicas ſignificaçoens de honra ao Governador, viſitando-o ſolemnemente, e depois convidando-o a banquete nos ſeus navios, o que fizeraõ com magnifica grandeza, e grande eſtrondo naõ menos de ſalvas extraordinarias, que de variedade de pratos, e licores.

CAPI-

## CAPITULO III.

*Referem-se outras cousas succedidas naquelles dias.*

COmo crescia a estimação, que em Gior se fazia do Governador, assim se augmentava o respeito, com que era tratado, ainda do mesmo Rey; pelo que sabendo este, que o Governador queria concertar o seu navio, lhe mandou offerecer, e determinar lugar commodo, em que o podesse encalhar, e concertallo, dando ordem aos seus, que obedecessem ao dito Governador

vernador em tudo o que lhe mandasse; e sominiſtrassem, ſem difficuldade alguma, tudo o que fosse necessario: o qual ſe executou à riſca, ſendo caſtigados os que faltavaõ. Vendo o Capitaõ Inglez, que à ſombra do Governador podia concertar tambem o ſeu navio com mayor commodidade, e menos deſpeza, e pertendendo mais cedo partirſe, pedio ao Governador lhe fizesse o favor de lhe deixar primeiro concertar a ſua embarcaçaõ, e juntamente permittisse mudar o ſeu fato para o dito barco, em quanto ſe tratava do concerto do ſeu navio. Veyo niſ-

ſo

ſo liberal, e benevolamente o Governador, e concluido o dito concerto, querendo o Inglez compenſar o favor, que ſe lhe tinha feito, naõ ſó levou para o ſeu barco o que havia no do Governador, mas tambem com repetidas inſtancias o convidou, que foſſe morar nelle, pondo-lhe diante dos olhos as inconveniencias, e incommodidades, que teria, eſtando no navio em quanto ſe concertava: mas o Governador nunca quiz aceitar a offerta, e ſe ficou no ſeu navio, ainda que com notavel incommodo; porque mais olhava para a honra, que para a commodidade

modidade de ſua peſſoa ; e quando deſcia do navio a ver o concerto,que ſe fazia no fundo, ſahia com guarda de doze peſſoas armadas , ficando ſempre outra guarda no meſmo navio , como era coſtume.

Eſtando por eſte tempo ainda encalhado o navio , e na obra do concerto , ſuccedeo hum caſo , que trouxe comſigo varias conſequencias , que poderiaõ cauſar graves moleſtias aoGovernador,ſe eſte com ſua authoridade , e prudencia lhe naõ acodiſſe, deſprezando o de que outros fariaõ muito caſo. Succedeo pois , que hum marinheiro naſcido na Coſta,

mas casado no Reyno deGior, juntamente com hum Malavar do barco Dinamarquez, compraraõ a hum Portuguez, que vinha no barco do Governador, alguma roupa da Cosca, o qual, feito o preço, e fiado na sua palavra, lha entregou, reservando para outra occasiaõ o receber a prata. Mas passados alguns dias, requerido o Malavar, que pagasse o preço da roupa, naõ quiz, dizendo, que o outro marinheiro tinha levado a dita roupa, e que a elle naõ competia satisfazer o preço. Foy o pleito ao Governador, o qual examinando a causa, achou, que o Malavar

lavar eſtava obrigado a ſatis-
fazer a divida, pelo que pater-
nalmente o admoeſtou, a que
pagaſſe o preço, em que ſe ti-
nha ajuſtado pela dita roupa.
Ouvio eſte a admoeſtaçaõ, mas
attendendo mais às razoens da
ſua conveniencia, do que da
juſtiça, e conſciencia, e fiado,
que o Capitaõ Dinamarquez,
o Sibandar, e gente da terra o
defenderiaõ, naõ ſatisfez ao
que devia. Vendo o Governa-
dor tal reſoluçaõ, e conſide-
rando por huma parte, que ſe-
ria menoſcabo de ſua peſſoa,
ſe diſſimulaſſe, e que abriria
porta, a que o atrevimento da-
quella gente intentaſſe alguma
 couſa

cousa com menos respeito, do que se lhe devia; e pela outra parte prevendo, que se usasse de remedios violentos contra aquelle Malavar, irritaria contra si o Capitaõ Dinamarquez, Sibandar, e outros, fazendo mais caso da honra, do que de consequencias, que elle com sua natural destreza poderia facilmente remediar, se determinou a prendello.

Levado o Governador desta resoluçaõ, manda chamar o dito Malavar, prendeo, lançandolhe machos nos pés, com intimaçaõ, q̃ assim havia de estar atè que pagasse o que devia. A'vista desta execuçaõ se exas-

perou o Capitaõ Dinamar-
quez, e pareceria, que tinha
alguma razaõ, pois era natu-
ral, que naõ levasse a bem,
que o Governador fizesse exe-
cuçoens em homem de sua ju-
risdicçaõ; mas obrigado do
medo, e respeito, se callou; e o
Malavar vendo, que só com a
satisfaçaõ da divida ficaria li-
vre da prizaõ, pagou o que
devia, e logo foy solto. Assim
que o Malavar se vio livre das
mãos do Governador, conside-
randose naõ menos sobrado de
colera, e afronta, que falto da
prata, que tinha pago, procu-
rou tomar vingança: convoca
todos os da sua naçaõ, que naõ

eraõ poucos os que havia em Gior, e juntamente com elles vay a fallar com o Rey, queixandose de que tinha sido injusta, e injuriosamente tratado do Governador, e pedindolhe, que lhe mandasse dar satisfaçaõ. Bem quizera o Rey comprazer à petiçaõ do supplicante, por quanto os da sua naçaõ lhe eraõ de grande prestimo, e lucro no seu Reyno, mas era tal a estimaçaõ, que fazia do Governador, que antes quiz faltar às conveniencias proprias, que ao respeito, que se lhe devia; e assim procurando consolallos, os despedio, dizendo, que lhes naõ podia despa-

despachar sua petiçaõ como pertendiaõ.

Vendo elles, que nada concluiaõ por este caminho, se foraõ valer do Sibandar. Fomentava este em seu peito grande desabrimento contra o Governador, e sua gente, naõ só pelo succedido com o Capitaõ Joaõ Tavares no acto da visita, e offerta ao Rey, como fica referido no capitulo passado, do que desejava vingarse; mas tambem, porque nenhum lucro tinha com o navio do Governador; e como era assaz cobiçoso, naõ levava com bom animo, naõ achar alli as conveniencias, que tirava dos

outros barcos, com os roubos, que lhes fazia; pelo que parecendolhe, que tinha boa occasiaõ para executar a vingança, que pertendia, se foy ao Rey, e lhe fallou desta sorte: „ Se
„ nhor, em huma Magestade
„ naõ fazem boa uniaõ sobera-
„ nia, e brandura; o Principe
„ se quizer ser respeitado, naõ
„ deve mostrarse remisso, dissi-
„ mulando faltas, ou excessos,
„ que cedem em diminuiçaõ
„ de sua authoridade: vay per-
„ dida a soberania, que affec-
„ tando os applausos de benig-
„ na, grangea a nota de menos
„ temida, e respeitada. Che-
„ gou a este porto hum estran-
geiro

„ geiro altivo, e totalmente
„ oppoſto às ceremonias da
„ noſſa ley, naõ menos ambi-
„ cioſo de honra, que deſape-
„ gado dos lucros, e intereſſes
„ dos outros Mercadores: V.
„ Mageſtade com ſua grande
„ clemencia lhe tem feito hon-
„ ras extraordinarias, das quaes
„ abuſando elle, ſe tem tor-
„ nado inſolente naõ menos
„ no deſprezo, com que ſe ha
„ com a noſſa gente, que no
„ modo de tratarſe, com que
„ em terra alhea ſe moſtra in-
„ dependente, e abſoluto. Naõ
„ fallo na ſoberba, e atrevi
„ mento, com que ſe houve o
„ ſeu Capitaõ no acto da viſi-
ta

„ ta, e offerta a V. Mageſtade.
„ Deixo de ponderar a altivez,
„ e arrogancia, com que ſe
„ quer fazer temido naõ ſómẽ-
„ te dos ſeus, mas tambem de
„ nòs meſmos. Sómente digo,
„ que ſe naõ pòde paſſar por
„ alto a authoridade, que uſur-
„ pou, caſtigando ao Malavar,
„ com notavel afronta naõ ſó
„ daquella naçaõ taõ beneme-
„ rita, e neceſſaria neſte Rey-
„ no, mas tambem do Capi-
„ taõ de Dinamarca. Se eſta
„ inſolencia ſe deixa paſſar ſem
„ alguma exemplar demonſ-
„ traçaõ de juſtiça Real, ós
„ brios daquelle inſolente eſ-
„ trangeiro ſe atreveraõ a ma-
yores

„ yores cousas, com que peri-
„ gue o respeito devido à pes-
„ soa de Vossa Magestade. E
„ se Vossa Magestade proce-
„ der ao castigo contra elle, que
„ se pòde temer de quem se
„ fia mais em seu atrevido ani-
„ mo, do que no braço direito,
„ sem o qual naõ ha valentia?

Assim discorria aquelle barbaro, naõ menos cobiçoso, que vingativo; mas o Rey, a quem naõ faltavaõ as prerogativas Reaes com bastante cabeça, e prudencia, naõ fez caso do arrezoado do Sibandar. Este vendo, que naõ era ouvido, procurou semear zizania, e embrulhar o Governador, naõ só

com

com a gente da terra, mas tambem com os de Dinamarca, e Inglez, os quaes lhe naõ estavaõ muito affectos, quando era taõ grande a dessemelhança, que havia entre elles, e o Governador, assim na Religiaõ, e costumes, como no porte de vida, e trato de pessoa. Do que tendo noticias o Governador, desejava dar a conheccer àquelle Sibandar, que cousa fossem Portuguezes; mas naõ podia achar commoda occasiaõ, porque o dito Sibandar naõ costumava vir ao navio do Governador, pois naõ achava nelle o que pertendia, que era furtar; pelo que o Gover-

Governador ordenou à ſua gente, que quando o dito Sibandar foſſe ao barco Inglez, que naõ eſtava longe, o aviſaſſe. Paſſando pois elle hum dia para o dito barco, e aviſado o Governador, o mandou convidar ao ſeu navio. Ficou o pobre paſſado com tal convite, e como lhe remordia a conſciencia, temia apparecer diante de quem conhecia, naõ ſeria cabal a ſatisfaçaõ, que déſſe: mas era neceſſario apparecer. Que remedio? Toma por padrinho o Capitaõ Inglez, e acompanhado delle, obedeceo ao chamado do Governador. Chegado à preſença deſte, ouvio

vio eſtas palavras, ditas com igual gravidade, e reſoluçaõ: *Sabey, que a eſpada Portugueza he muy comprida, tanto aſſim, que póde chegar à Corte do voſſo Rey, ſe for neceſſario.* Baſtaraõ eſtas palavras ditas com a energia, e efficacia, de que ſabia uſar quem as proferio, para que aquelle Malayo naõ foſſe a diante com as embrulhadas, que fazia.

Acabado o concerto do navio a dous de Dezembro, ſahio para o ſurgidouro, e ſe preparou tudo o neceſſario, aſſim para dar à vèla na primeira commoda occaſiaõ, como para eſtar expedito para o que po-

podesse succeder. Mas entre tanto que naõ partia, acontecerão outras cousas, com que o Governador se dava mais a conhecer, e a naçaõ Portugueza. Ha em Gior huma certa casta de Malayos, a que chamaõ Buguys, os quaes em sendo cativos do Rey, se fazem insolentes, opprimindo o Povo, roubando, ferindo, e matando; e como trazem por rodela a sombra do Rey, ninguem se atreve a opporselhe, e fazer mal. Havia hum destes na Aldea chamada Panchor, junto da qual estava surto o navio; e alli se tratava como Principe absoluto, temido, e respei-

reſpeitado daquelle miſeravel Povo. Perſuadioſe elle, que tambem com a gente do Governador poderia livremente moſtrar ſeus atrevidos deſaforos; pelo que em huma occaſiaõ, que hum official do Governador comprava naquella Aldea alguns mantimentos neceſſarios para a gente do navio, chega eſte Buguy; e atraveſſando todo o mantimento apreçado, o levou, e mandou meter na ſua embarcaçaõ, ſem que algum dos que eſtavaõ preſentes, ſe atreveſſe a abrir a boca. Foy logo a toda a preſſa aviſo ao Governador do que paſſava, o qual ſobindo ao

tom-

tombadilho do navio, vio paſ-
ſar ao dito Malayo na ſua em-
barcaçaõ com o mantimento
violenta, e deſcortezmente re-
prezado, e chamando-o, elle
nenhum caſo fez de quem o
chamava. O que viſto pelo Go-
vernador, expede com toda a
diligencia huma embarcaçaõ
pequena em ſeu ſeguimento, o
que advertindo o Malayo, po-
emſe em reſiſtencia, e ferindo
a hum dos Cafres do Gover
nador, manda tocar a rebate
na Povoaçaõ, para a qual in-
direitando a proa, ſe foy a for-
talecer com os ſeus.

Neſte paſſo ſe accendeo a
coragem ao Governador, e

engrossando a gente, que mandou a terra, expedindo a artelharia, que dominava a Povoaçaõ, tocando os clarins a degollar, deo sinal à gente, que tinha em terra, a que envestissem com o Buguy, e todos os mais, que se pozessem em resistencia; o qual Buguy acastellandose em hum Templo de idolos, foy alli acometido, e ferido de tal sorte, que tudo nelle era sangue, ficando os da Povoaçaõ taõ atemorizados, assim do que viaõ executado no Buguy, como do que ouviaõ nos clarins bellicamente sonoros, q desamparando suas casas, se foraõ a pôr em seguro

ro nos matos. Foy o Malayo Buguy levado à preſença do Governador , e hia o pobre mais cheyo de medo, que de feridas; e poſto de giolhos, e levantadas as mãos, pedia miſericordia. Mas o Governador julgando, que devia fazer alguma demonſtraçaõ de terrivel, com que naõ ſó quebrantaſſe os atrevidos brios daquella gente, mas tambem atemorizaſſe os mais, depois de gravemente o reprehender do que tinha feito,lhe aggravou o crime de ter ferido o ſeu Cafre; e pronunciando-lhe a ſentença de morte, fez a ficçaõ de querer enforcallo, mandando

aparelhar os inſtrumentos neceſſarios. Acodem neſte paſſo os dous Religioſos de Saõ Franciſco a interceder por elle, mas o Governador ſe moſtrava huma rocha em naõ querer perdoarlhe. Repetia o Malayo com toda a ſummiſſaõ as preces, e inſtavaõ os Religioſos com a interceſſaõ, atè que finalmente oGovernador moſtrando inclinarſe à piedade, lhe perdoou, e o deixou hir livre a curarſe. Chegou a noticia do caſo ao Rey, e quando alguns ſe perſuadiaõ, que eſte ſe havia dar por aggravado, ſuccedeo pelo contrario, porque mandou dar ſatisfaçaõ ao Governa-

vernador, mostrando,que sentia se lhe fizesse tal descortezia; e juntamente lhe rendeo as graças,por ter ensinado com o castigo ao seu cativo.

## CAPITULO IV.

*Pede o Rey de Gior soccorro ao Governador contra Raiaquichil: referem-se as causas, e o que passou nesta materia.*

NO capitulo primeiro fica tocado brevemente, como o Rey de Gior, chamado Raiamuda, governava por renuncia, que lhe tinha feito seu irmaõ mayor, e que este

fora acclamado por Rey depois da morte violenta, que os de Gior deraõ ao ſeu anteceſſor. Deſte pois violentamente morto, hum filho, ou verdadeiro, ou fingido, fogio para o Rey dos Manacabùs, o qual tem as terras do ſeu dominio na Coſta fronteira a Malaca, e era parente do Rey morto de Gior. Paſſados algũs annos, o Principe fugitivo, que tomou por nome Raiaquichil, pertendeo recuperar o Reyno de Gior, com o pretexto de ſer filho legitimo do Rey violentamente morto; e para eſte fim ajuntou alguma gente, aſſim do Rey dos Manacabùs, como

como do que governava o Reyno de Palimbaõ, que tambem ſe dizia ſeu parente; e como eſta gente era pouca, e naõ tinha Galés, em que a meter, artificioſamente fez huma petiçaõ, juntamente com huma embaixada a Raiamuda, dizendo, q̃ deſejava hir viſitallo, e de caminho inſinuava, que tinha goſto de caſar com ſua filha, e a eſte fim lhe pedia doze Galés. O Rey Raiamuda ou perſuadindo-ſe, que naõ havia artificio da parte de Raiaqui chil, ou deſprezando o receyo, que podia ter, fiado em ſuas grandes forças, e nas poucas, ou nenhumas, que tinha o dito

to Raiaquichil, lhe mandou as doze Galés, que pedira. Mas eſte ſe apoderou logo das ditas Galés, e metendo nellas a gente, que tinha junta, acometeo a Bancules, terra pertencente a Gior, e ſe declarou por legitimo herdeiro, e ſenhor de Gior.

Chegou eſta noticia ao Rey Raiamuda, e vendo, que neceſſitava de porſe em defenſa, e naõ ſe fiando totalmente nas forças dos ſeus Grandes, que conhecia naõ terem verdadeira lealdade, buſcou ſoccorro nos eſtrangeiros; e como eſtava para partir o barco de Dinamarca, meteo nelle hum

Embaixador, para que fosse pedir ajuda a Malaca; mas este já lá achou outro Enviado de Raiaquichil, que tinha hido ao mesmo fim, e nenhum delles achou o que pertendia no Hollandez, assim porque as forças daquella Praça estaõ muy diminutas, como tambem, porque parece julgaraõ astutamente os Hollandezes, que convinha deixar enfraquecer aquelles dous Principes, confórme a politica muy usada entre quem governa, cujo dictame he, buscar augmentos no proprio Estado com as fomentadas dissensoens entre os visinhos. Mas no que se estri-

bou

bou mais o Rey Raiamuda, foy em ſolicitar ſoccorro do Governador; por tanto mandou o Sibandar ao navio, para que da ſua parte lhe pediſſe, que o ajudaſſe com o dito navio, hindo atè a barra, onde déſſe batalha ao ſeu inimigo; e que para eſte effeito promettia dar dez cates de ouro. Ouvida a propoſta, reſpondeo o Governador, que a naçaõ Portugueza naõ era tal, que ſerviſſe por paga a algum Principe, e muito menos, que tomaſſe armas alugada por dinheiro; que na defenſa de ſeus amigos, e de quem ſe valia della, expunha generoſamente a vida

vida ſem eſperança de premio, ou lucro algum temporal; que o ſeu navio naõ havia ſahir daquelle poſto , ſenaõ quando ultimamente déſſe àvèla para hir tomar poſſe do ſeu governo ; mas que eſtiveſſe certo o ſeu Rey , que elle no lugar em que eſtava , faria , que nenhum de ſeus inimigos entraſſe , ſem que primeiro pagaſſe com a vida a ſua ouſadia.

Ficou o Rey Raiamuda com eſta repoſta ſatisfeito, cõſiderando-ſe ſeguro por aquella parte ; e expedio Armada, com que desbarataſſe o inimigo , que lhe ſeria muy facil , ſe achaſſe fidelidade no Datubandar.

dar. Por quanto o Principe Raiaquichil vendo, que naõ tinha poder baſtante, com que acometeſſe a entrar pelo canal, que vay à Corte de Gior, pois naõ ſe achava com mais de trinta Galés, e eſſas muy mal providas de bocas de fogo, ſe deixou ficar por aquelles eſtreitos roubando as embarcaçoens, que podia colher, atè que finalmente o Datubandar de Gior o aviſou ſecretamente, e perſuadio, que levaſſe a diante a empreza começada, promettendo ajudallo; porque como elle cuidava da gente maritima, com que ſe guarneciaõ as Armadas, a qual coſtuma obe-

obedecer ao dito Datubandar, naõ tinha o Principe, que temer o grande poder do Rey de Gior. Animado Raiaquichil com a perſuaſaõ, e promeſſa do Datubandar, foy proſeguindo a empreza, e entrando pela boca do eſtreito de Sincapura. Todos os moradores daquellas Ilhas, inſtruidos com a diligencia, e ordens do Datubandar, rendiaõ obediencia ao dito Principe. Tudo o qual ſabido por Raiamuda, ainda alheyo da aleivoſa traiçaõ do Datubandar, expedio o terceiro irmaõ com huma Armada de ſeſſenta Galés, entrando tres Garabus, que ſaõ embarca-

çoens

çoens Reaes, em que hiaõ tres Cabos, todos parentes muy chegados do Rey, hum irmaõ, outro cunhado, e o terceiro ſobrinho do dito Rey.

Chegados à viſta do inimigo, o enveſtiraõ, confiados no grande poder, que levavaõ; mas contra a aleivoſia naõ ha poder, que reſiſta. Tanto que as duas Armadas ſe enveſtiraõ, a gente da Armada Real ſe lançou à agua, e foy nadando para Raiaquichil; o que vendo os Cabos, pertenderaõ dar fogo às peças, e pedreiros, que baſtavaõ para deſtruir a Armada inimiga; mas nenhuma pegou fogo. E conſiderando-ſe os pobres

pobres perdidos, naõ tiveraõ outro remedio, que procurar ſalvar as vidas, fogindo em barquinhas ligeiras, nas quaes chegaraõ à Corte, levando as triſtes novas ao Rey, o qual ſó entaõ acabou de abrir os olhos, e entender, que nas entranhas da ſua Corte tinha o aleivoſo, que o entregava; pelo que lançando logo maõ do Datubandar, quiz nelle fazer exemplar caſtigo, matando-o. Mas o Rey velho, e irmaõ mayor de Raiamuda, ſe oppoz, levado naõ menos do amor natural a ſua filha, caſada com o dito Datubandar, do que perſuadido de huma pruden-

te

te politica, que era obrigallo com beneficios, para que emendasse a traiçaõ, que tinha ordido; por tanto aconselhou ao irmaõ, que dissesse ao Datubandar, que lhe perdoava o crime da aleivosia, e juntamẽte lhe largaria o governo do Reyno, para que com igual traiçaõ, vendo-se no governo, destruisse o Principe levantado. No qual partido veyo o Datubandar, mas já era tarde, quando o dito Principe já estava muy poderoso.

Estando as cousas neste estado, Raiamuda naõ perdia as esperanças de se poder conservar no governo; e considerando, que

que Raiaquichil naõ ſe apoderando da Corte, nunca poderia ſer abſoluto ſenhor do Reyno, tornou a inſtar ao Governador, pedindo-lhe ajuda, e a eſte fim deſpachou hum ſeu Palaciano, com rico preſente, dizendo, que ſó com ſeu ſoccorro ſe poderia conſervar no Reyno, quando tinha já perdido as forças maritimas. Obrigado o Governador aſſim da neceſſidade do Rey, como do affecto, q̃ lhe tinha moſtrado, ſe reſolveo confiadamente a prometter-lhe todo o favor, e aſſegurar-lhe, que nenhum de ſeus inimigos entraria por aquelle canal a offendello, e

desapossallo do Reyno. Estava já o Principe Raiaquichil fóra da boca do estreito de Sincapura, com muy numerosa, e possante Armada, e pertendia, embocando o canal, fazer sua entrada atè a Corte de Gior; mas julgou devia primeiro espiar o caminho, e a este fim mandou adiante algumas embarcaçoens, as quaes chegando junto do navio do Governador, este lhes mandou dar caça, e tomando-as por força, alguns dos que nellas vinhaõ mandou entregar ao Rey, e a dous, que entendeo o merecia, reservou, e executou nelles a sentença de morte, en-

forcan-

forcando-os, ficando o Rey muy contente com esta execuçaõ, e com esperanças de se assegurar no Reyno; e o Principe levantado com bastante medo, e receyo de que naõ poderia levar ao fim a empreza começada com taõ bons successos.

O Datubandar traidor, que já se fazia com o Senhorio de Gior, pois tinha por si a mayor parte da Corte, e o beneplacito de hum, e outro Rey, velho, e moço, e só se receava do poder maritimo, que elle infielmente tinha entregue a Raiaquichil, vendo a valentia, destreza, e felicidade, com

que o Governador tinha pre-
zo,e caſtigado a gente do Prin-
cipe pertendente, procurou
tambem valerſe do ſeu favor,
e acompanhado de toda a ſua
Armada, ſe foy ao navio a vi-
ſitallo. Recebeo-o o Governa-
dor com toda a gravidade, e
cortezia, fazendo por moſtrar
a pompa,que encheſſe os olhos
daquelle barbaro; e como eſte
exteriormente ſe quizeſſe ven
der parcial de Raiamuda, quã-
do ſeu intento era ver ſe podia
desbaratar a Armada de Raia-
quichil, ou ao menos impedil-
lo, ou dividirlhe o poder, pa-
ra que naõ ſerviſſe de impedi-
mento à poſſe do governo,que
já

já hia tomando, para o que era necessario mandar alguns dos seus confidentes a negcciar com os da Armada, que obedecia ao dito Raiaquichil; e por quanto naõ podia entrar, nem sahir embarcaçaõ algũa, qualquer que fosse, e para onde quer que sahisse, sem que primeiro fosse registrada pelas sentinellas do Governador, e delle recebesse passa porte, sobpena de ser preza, e castigada, assentou com o dito Governador, que as embarcaçoens, que elle mandasse, levassem passaporte, ou cartaz do mesmo Governador, para que na volta podessem segura-

mente paſſar. Aſſim eſtava o Governador, ſenhor de todo aquelle canal; e todas as embarcaçoés com grande medo ſe naõ atreviaõ a andar por alli.

O Rey Raiamuda, vendo-ſe cada vez mais apertado, e conhecendo os favores, que tinha recebido do Governador, mandou ao ſeu Secretario offerecerlhe vinte mil patacas, dizendo, que era para ajuda de cuſto do ſoccorro, que lhe dava; mas o Governador generoſamente as regeitou, e ſómente lhe pedio quatro couſas: a primeira, que déſſe licença para levantar Igreja publica, e que os Chriſtãos podeſſem

deſſem ter lugar, e habitaçaõ em todo o ſeu Reyno: a ſegunda, que lhe enviaſſe todos os Chriſtãos de varias naçoẽs, que tinha cativos; e em eſpecial os dous Cafres fugidos, que eſtavaõ em Palacio: a terceira, que pagaſſe ao Capitaõ Inglez dez mil patacas, que na ſua Corte ſe lhe deviaõ, e naõ queriaõ reſtituir: a quarta, e ultima, que lhe déſſe ſeis peças de artelharia, e oito pedreiros, e baſtante quantidade de polvora, e bala. Iſto o que o Governador pedio, no qual ha muito, que ponderar; porque regeitando ouro, e prata, de que eſtava bem neceſſitado, ſó

pedio aquillo, que era proprio de hum verdadeiro, e fiel Christaõ, e de hum nobre, e generoso soldado; desprezou riquezas, que naquella occasiaõ podia alcançar muitas, e só pertendeo adquirir honra, e nome, negociando o culto do verdadeiro Deos, resgatando almas perdidas, e solicitando a satisfaçaõ de dividas alheas. Se aceitasse o ouro, e prata, que se lhe offerecia, mostraria, que era mercador: pedindo o que pedio, mostrou ser o que era. Só na ultima petiçaõ parece mostrou algum sinal de cobiça; mas quem considerar, que seria stolida im-

pru-

prudencia naõ procurar o que lhe era neceſſario, aſſim para ſe defender do Principe pertendente, a quem tinha offendido, caſtigando a ſua gente, como para aſſegurar aquelle canal, como tinha promettido, naõ duvidará, que foy muy honrada aquella petiçaõ, e livre de toda a cobiça.

Satisfeito o Secretario com a repoſta do Governador, a levou ao ſeu Rey; o qual conſiderando a muita difficuldade, e pouca honra, e ſegurança, com que no Reyno ſe podia conſervar, quando o Datubandar tinha já grangeado para ſi quaſi toda a Corte, tratou de

fazer

fazer huma ſegura retirada ; e perſuadindo-ſe , que no navio do Governador poderia hir ſem medo , nem receyo, atè o Reyno de Pam , ou Talangane,para onde queria fogir com todas as ſuas riquezas , que eraõ mais de duzentos picos de ouro , que fazem a paſſar de ſetecentas arrobas, naõ contando o recheyo de outras muitas couſas de preço , de que ſe carregaraõ duas Chalupas , mandou dizer ao Governador , que vinha em todas as couſas , que pedia ; e como elle pertendia valerſe do ſeu navio , e da ſombra das bandeiras Reaes de Portugal , confiando

ando dellas naõ ſó todas as ſuas couſas , mas tambem ſua peſſoa , lhe pedia licença para ſe ir recolher no ſeu navio ; e ſe acaſo naõ podeſſe iſto effeituarſe, ao menos tomaſſe à ſua conta defender duas Chalupas carregadas de fazenda , e comboyallas atè o Reyno de Pam , ou Talangane , da qual fazenda ſe tiraria o preço das dez mil pataças para ſe reſtituirem ao Inglez. No tocante aos Chriſtãos cativos , peças, pedreiros, polvora, e bala , naõ havia difficuldade, e a eſte fim mandou logo algũs Chriſtãos , parte das peças, que pedira , e boa quantidade de polvo-

polvora, e bala.

Vista a petiçaõ do Rey, julgou o Governador devia darlhe todo o favor, e ajuda, que pedia; e a este fim enviou o Capitaõ Joaõ Tavares de Vellez Guerreiro, com amplas faculdades, e commissoens para ajustar, assim o modo conveniente da retirada do Rey, como os meyos para se satisfazerem as dez mil patacas ao Inglez. Mas como estes pontos se haviaõ de tratar por meyo de hum lingua, ou interprete, insigne embrulhador, e embusteiro, o qual attendia mais às suas conveniencias, e furtos, do que à justiça dos negocios,

gocios, de que ſe fazia mediaɴeiro, e interprete, pela qual razaõ naõ interpretava fielmente as propoſtas, e reſolu çoens, o ponto naõ acabava de ſe concluir à ſatisfaçaõ das partes. Accreſcentouſe a iſto chegar à Corte a nova, que Raiaquichil vinha já entrando pelo canal, e apoderandoſe do que encontrava, e o Datubandar, já como ſenhor da Corte, preparando-ſe para a defenſa; pelo que o Rey tratando de ſe pôr em ſalvo aos quatro de Março de mil ſetecentos e dezoito, entregou ao Capitaõ Joaõ Tavares os Chriſtãos, que reſtavaõ, huma barrica

de

de polvora, seis peças de artelharia, e naquella noite fogio, levando sómente o ouro, que tinha embarcado nas Chalupas, e juntamente hum esquadraõ de trezentos homens de guerra, que mais hiaõ carregados de ouro, do que de armas, e deixando as mais riquezas nas ditas Chalupas, com as listas, que mandou entregar ao Governador, e huma, e outra cousa lhe chegou à maõ, para que este tomasse dellas entrega. Mas logo, que o Rey fogio, os que estavaõ guardando as Chalupas, vendo muy perto a Raiaquichil com todo o seu poder, as queimaraõ com tudo,

tudo o que dentro tinhaõ, para que o inimigo ſenaõ aproveitaſſe dellas; comprindoſe à riſca, que as couſas injuſtamente adquiridas, juſtamente ſe perdem, ſegundo a regra certa da Divina Providencia.

## CAPITULO V.

*Conta-ſe o que paſſou entre Raiaquichil, e o Governador.*

PErdido, e fogido da ſorte que ſe vio o Rey Raiamuda, o Governador entrou em perigos, e lances de mayor conſideraçaõ; porque de huma parte tinha jà à viſta a Raia-

quichil poderoſo, e ſoberbo, com mais de trezentas embarcaçoens de guerra, a quem elle tinha offendido, prendendo, e matando ſua gente, e lhe era muy natural o querer tomar vingança; a fogida, alèm de que era dar ſinal de cobardia, e medo, couſa indigna de ſua peſſoa, e reputaçaõ, parecia impoſſivel, porque havia de ſer pelo meyo do inimigo, que tinha occupado todo aquelle canal com muita gente, e artelharia; e por mais valente, e brioſo que ſeja o Leaõ, naõ pòde prevalecer cercado de muitos rafeiros armados de colera, e dentes; e finalmente

nalmente acaba, ainda que ſe-ja com morte de muitos dos ſeus contrarios: da outra parte, poſto que eſtava o Datu bandar, que ſe lhe moſtrava affeiçoado, naõ havia muito que fiar delle; porque alèm de que o poder era pouco, tinha animo verſatil, e naõ podia haver ſeguro em ſua inconſtancia, e infidelidade. O Inglez, ainda, que Europeo, era mais mercador que ſoldado, e attendia mais às conveniencias do lucro, que aos intereſſes da honra, e tinha poucas forças no barco, e menos em ſeu animo, e nos de ſua gente. No eſtreito de tantas anguſtias fa

cilmente perderia o animo qualquer homem, que naõ fosse o Governador; mas elle naõ fazendo caso dos perigos, que bem via presentes, se preparou naõ menos para impedir o passo do inimigo, que para se defender.

O que faltava de medo no Governador, sobrava no Principe Raiaquichil, quando temia experimentar o mesmo, que nas suas embarcaçoens de espia poucos dias antes se tinha executado. Mas querendo tentar fortuna, escreveo huma carta ao Governador, em que naõ menos dava sinal do medo, que tinha, do que mostrava

trava deſprezallo. Pedia licença para poder entrar na Corte de Gior, e inſinuava, que ſem ella entraria. A eſta carta reſpondeo o Governador a ſeguinte. „ Antonio de Albu-
„ querque Coelho, &c. A
„ Raiaquichil, General da Ar-
„ mada, que dizem eſtar fóra,
„ que li a ſua carta, e conſide-
„ rando em me mandar per-
„ guntar, ſe quero, ou naõ ſer
„ ſeu amigo; porque ſe eu qui-
„ zer ſer, me pede o deixe en-
„ trar a tomar eſte Reyno de
„ Gior; e ſenaõ, que nem as
„ minhas balas poderàõ furar,
„ nem as eſpadas cortar. Reſ-
„ pondo, que eſtou neſte por-

„ to com trato amigavel com
„ o Rey de Gior, esperando a
„ monçaõ para hir para o meu
„ governo da China, que será
„ da qui a hum mez; e o Ca-
„ pitaõ da Fragata Ingleza es-
„ perando a satisfaçaõ do di-
„ nheiro, que neste porto lhe
„ devem: e que advirto a Raia-
„ quichil, que se quizer a mi-
„ nha amizade, a procure por
„ meyos licitos; e que se qui-
„ zer tomar este Reyno, o fa-
„ ça depois de sahirem estes na-
„ vios deste porto, porque em
„ quanto nelle estiver, furaràõ
„ as minhas ballas, e cortaràõ
„ as espadas, como na occa-
„ siaõ, se a houver, o experi-
mentará.

„ mentará. Panchor 3. de Mar-
„ ço de 1718. Esta fielmente a
carta, que o Governador escre-
veo a Raiaquichil, que foy
dous dias antes, que o Rey
Raiamuda fogisse.

A'vista desta resoluçaõ, com
que Raiaquichil mostrava ter
determinado entrar, e senhore-
arse da Corte, tratou o Gover-
nador de se preparar o melhor,
que podesse; e quando as for-
ças, que tinha, na realidade naõ
eraõ bastantes para a Armada
inimiga, julgou devia valerse
de fingidos, e enganosos estra-
tagemas bellicos, industria,
que se lé nas historias, usaraõ
nas guerras os mais insignes

Capitaens. Para eſte fim naquella noite dos quatro para os cinco de Março diſpoz, e adereçou o navio de tal ſorte, que ao outro dia, ao primeiro romper da Aurora, appareceo naõ menos viſtoſo, que terrivel aos que naõ ſabiaõ da cautelosa induſtria com q̃ eſtava preparado. Tocavaõ duas caixas de guerra ageitadas de dous atabales, ſoavaõ dous clarins, e hum tiro de peça de mayor calibre, que era de quatro, ſaudou a Alva, que vinha deſpontando. Moſtrouſe logo o navio todo empavezado de bandeiras, e galhardetes, que naõ menos deſafiavaõ o vento,
que

que o inimigo; corria bataria aberta de popa a proa, guarnecida de artelharia: duas peças pelo espelho da popa, e duas pela proa, que por todas mostravaõ ser dezaseis: mas a verdade he, que cinco eraõ de pao, mas taõ artificiosamente lançadas, que enganavaõ os olhos; oito pedreiros, granadeiros nas gavias, e barris nos lais, fingidamente fabricados, porèm dentro area, e por fóra breo: bons caixoens de fogo no tombadilho, e castello da proa, guarnecidos de quinhentas lanças de arremeço (que se tinhaõ tom[illegible] às embarcaçoens, de que no capitulo passado se fez

 mençaõ)

mençaõ, ) e fechados de boa arrombadas, cubertas de pavezes de tal ſorte, que naõ ſó cauſou terror, e eſpanto aos barbaros daquella terra, mas tambem notavel admiraçaõ aos Inglezes, que viſinhos eſtavaõ, e naõ podiaõ entender, como, e donde appareceſſe fragatinha tambem eſquipada.

Deſta ſorte preparado o Governador, eſperava a Raiaquichil, quando aos cinco de Março, lá pela tarde, apparece eſte com a ſua Armada pertendendo acometer a paſſagem; mas o Governador lhe expedio logo hum menſageiro com intimaçaõ, que naõ paſ-

ſaſſe

ſaſſe a diante, e que de outra ſorte experimentaria o rigor das ſuas balas, e os fios das ſuas eſpadas. A'viſta deſta intimaçaõ abate o Principe o pano, lança ancoras, e envia cautelosamente alguns Cabos principaes da ſua Armada, todos caſta Buguys, ao dito Governador, aſſim para o divertir, e reconhecer ſua peſſoa, e forças do navio, como para que entertendo-o, podeſſem paſſar as primeiras Gales. Foy o Governador aviſado, de que os ditos Cabos vinhaõ com todos os ſinaes de Amouca (que he outra ſemelhante reſoluçaõ à com que os dous Romanos Decios

Decios ſacrificaraõ ſuas vidas à cuſta das mortes de muitos dos ſeus inimigos.) Veſtiaõ cabayas de damaſco azul, cahiaõ-lhe os cabellos da cabeça ſoltos, e largos atè a cintura, cingiaõ-ſe com tres criſes, arma ordinaria daquella gente, traziaõ os olhos eſpantados por cauſa da bebida, que coſtumaõ tomar em ſemelhantes occaſioẽs. Recebeos no tombadilho o Governador, veſtido de tela de ouro, aſſentado em ſua cadeira, e deſcanſavaõ os pés em hum caixaõ de fogo; eſtavaõ em pé dous Portuguezes aos lados com catanas, e rodellas, dous, tambem Portuguezes, à entrada

entrada do meſmo rombadi-
lho com bacamartoens enca-
rados, e apontados, e dous
Laſcarins com ſuas partaſa-
nas, e toda a mais gente com
bella ordem diſpoſta por ſeus
lugares, e poſtos com mechas
acezas: tudo o qual de tal ſor-
te atemorizou aquelles barba-
ros Malayos, que mudando os
primeiros intentos, com que
vieraõ, julgaraõ, que o mais
acertado caminho, era conci-
liar para o ſeu Principe a gra-
ça do Governador; pelo que
com o melhor modo, e mayor
efficacia, que poderaõ, moſtra-
raõ o grande deſejo, que Raia-
quichil tinha de contrahir ami-
ſade,

ſade, e confederaçaõ com ſua Senhoria, e que a eſte fim traziaõ commiſſaõ, e poderes amplos para effeituar a dita confederaçaõ, e amiſade, no modo, que a ſua Senhoria mais agradaſſe.

Neſte tempo o Inglez, cujo navio eſtava junto ao do Governador, começa a gritar dizendo, que as Galés do inimigo pertendiaõ paſſar; e o Governardor à viſta do caſo ſe levanta em pé, e virandoſe para os Malayos com naõ menos acrimonia, que circunſpecçaõ, lhes diſſe, q̃ ſe foſſem logo de ſua preſença, e diſſeſſem ao ſeu Principe, que ſendo elle

taõ

taõ falto de ſinceridade, e verdade, naõ era digno de ſua amiſade, e favor; e dizendo iſto, mandou logo, que ſe aſſeſtaſſem, e diſparaſſem as peças contra as Galés, e começouſe a executar eſta ordem com tal expediçaõ, e artificio, que os Buguys paſſados de medo, e com toda a ſumiſſaõ pediraõ ao Governador ſuſpendeſſe a ordem, que elles aſſeguravaõ, que o ſeu Principe viria em tudo o que ſua Senhoria quizeſſe; e ſaltando nas ſuas embarcaçoens, obrigaraõ às Galés ſe retiraſſem, e tornaſſem atraz, es foraõ a ſurgir com o mais da Armada fóra
de

de tiro de peça. Com acçaõ taõ artificiosa, e prudente se ganhou o Governador tal nome, e estimaçaõ, que naõ sómente se livrou de ficar alli morto, e vencido da multidaõ, mas ficou tido em grande reputaçaõ, assim o tempo, que lá esteve, como ainda agora, o qual testemunhaõ muitos Portuguezes, que este anno passaraõ por Talangane, e vieraõ de viagem a Macao. No dia seguinte veyo o interprete do Principe ao Governador, dizendo em nome de seu Senhor, que supposto Sua Senhoria naõ querer dar licença, para que a Armada passasse, ao menos cõcedesse

cedesse, que algũa gente saltasse em terra, quando disto necessitava muito o Principe. Era quasi noite, e discorrendo o Governador, que esta petiçaõ poderia ser algum ardid daquelle Principe, negou a licença, reservando para o dia seguinte o tratarse daquelle ponto; e assim foy despedido o interprete.

Amanheceo o dia setimo de Março, quando o Principe impaciente de demoras, fez huma volta com grande parte da Armada, e desembarcando com bastante gente, pertendeo dar principio a huma Fortaleza em lugar eminente, e fron-

tei.

ro do navio; e mandou dizer ao Governador, que emprendia aquella obra, para nella se fortificar contra seu inimigo o Datubandar, que naõ sómente lhe pertendia fazer resistencia, mas tambem acometello. Bem entendeo o Governador os intentos daquelle Principe, que eraõ fortificarse naquelle lugar, naõ tanto contra o Datubandar, quanto contra elle Governador, e dalli fazer escala, para que com o seu Exercito podesse acometer a Corte; pelo que mandalhe logo dizer, que desista da obra, e que naõ dè hum passo, atè que primeiro se naõ assentem os pactos, e

parti

partidos entre ambos. Tinha já o Governador determinado de conceder àquelle Principe passo franco para a Corte, no caso, que elle guardasse amigavel correspondencia; porque por huma parte se considerava livre das obrigaçoens do concerto, que tinha feito com Raiamuda, quando este já era fogido, e largado o Reyno, e naõ podia ter esperanças de o recuperar; por outra parte via, que o Reyno necessariamente havia de cahir nas mãos de Raiaquichil, ou do Datubandar: este alèm de que era indigno de soccorro por ter sido aleivoso, e infiel, e

que naõ tinha direito ao Reyno, era ſem duvida de menores forças; onde julgou ſer menos mal vieſſe o Reyno a Raiaquichil, e que naõ devia impedirlhe a entrada, deixando o, que lá quebraſſe a cabeça com o Datubandar.

Tanto que Raiaquichil entendeo, que o Governador fazia mençaõ de concertos; e que ſem eſtes naõ podia levantar a Fortaleza, lhe mandou perguntar, que partidos queria? E o Governador continuando com a ſua grandeza de animo, e coraçaõ livre de cobiça, reſpondeo, que nenhũa outra couſa queria mais, que

licença

licença ampla, para que no Reyno de Gior ſe levantaſſe Igreja publica, lugar, e habitaçaõ para Portuguezes, e aos Chriſtãos liberdade, para ſe exercitarem nos miniſterios da Religiaõ: alèm diſto, que ſe pagaſſe ao Inglez o dinheiro, que ſe lhe devia na Corte, e o Rey fogido ſe obrigara a reſtituir. Muy contente ficou o Raiaquichil com a propoſta, naõ menos admirando o deſintereſſado animo do Governador, que alegrandoſe de ter jà da ſua parte varaõ de taõ generoſos eſpiritos; e aſſentando-ſe para paſſar o papel do concerto, ſuccedeo, que hum

dos seus Capitaens de grande valentia, e nome entre aquella gente, quiz passar com a sua embarcaçaõ; e mandando lhe o Governador, que se retirasse, o naõ quiz fazer; o que vendo o dito Governador, ordenou se lhe assestasse huma peça de artelharia; e advertindo o Principe naõ menos o teimoso atrevimento daquelle Malayo, que à determinaçaõ do Governador, lança maõ de huma espingarda, e fazendo pontaria àquelle seu Capitaõ, o atemorizou de tal sorte, que o obrigou a retirarse.

Passou o Principe o papel do concerto, e amisade, e o man-

mandou ao Governador por hum dos ſeus principaes Capitaens; e o Governador mandou tambem outro papel de confederaçaõ ao Principe, e de hum, e outro papel ſe verá o theor treſladado fielmente no capitulo ſetimo, fazendo-ſe grandes feſtas de ſalva de artelharia no acto do paſſar os ditos papeis do contrato. No dia ſeguinte paſſou o meſmo Principe outro papel de concerto, em que ſe obrigava pagar ao Inglez dez mil patacas, de que acima ſe fez mençaõ, com condiçaõ, que o dito Inglez havia de ir com o ſeu navio, e gente ajudallo a conquiſtar a Fortale-

za,que diſtava dalli tres leguas, e de que eſtava ſenhor Datubandar, ainda que a reſtituiçaõ das ditas patacas naõ teve effeito, pelas cauſas, que em ſeu lugar veremos. Neſte dia mandou o Principe ſeu preſente ao Governador, que cor reſpondeo com outro, e o Capitaõ, que o levou, e offereceo, foy recebido com eſtrondoſas ſalvas de artelharia. Naõ entrou porèm o Governador no concerto de ajudar em peſſoa ao Principe na conquiſta da Fortaleza, aſſim por julgar naõ convinha aquella empreza à ſua authoridade, como por ſe perſuadir, que entaõ realçaria
mais

mais o ſeu ſoccorro, quando ſendo neceſſario, com bom ſucceſſo o déſſe, naõ ſendo a iſto obrigado, como na verdade aſſim ſuccedeo, e logo ſe verá.

Antes de chegar à Corte, eſtava huma Fortaleza, ainda que de madeira, muy forte, naõ tanto pela tranqueira de groſſiſſimos paos, diſpoſta em ſitio commodo, quanto pela guarniçaõ de boa artelharia, pois tinha quatorze peças, todas de bronze, cujo calibre era de doze, dezaſeis, e vinte e quatro libras; e o rio, que a Fortaleza dominava, era taõ eſtreito, como tiro de clavina, nem podiaõ paſſar as embar-

caçoens, ſe naõ ſucceſſivamente, huma depois da outra; e hum quarto de legua antes de emparelharem com a Fortaleza, lhe endireitavaõ as proas, e chegadas a ella em igual diſtancia, lhes davaõ neceſſariamente as popas. Corria a couraça das peças lançada ao lume da agua, e ſobia a tranqueira atè meyo monte, que logo ſe cõtinuava atè o cume, cerrado todo de mato. Da outra parte da terra fronteira à Fortaleza ſe eſtendia huma linha de quatro Chalupas bem armadas, huma com doze peças de calibre de quatro atè doze libars; outra Chalupa, que jogava dez

peças; e as outras duas, cada huma tinha ſeis. Alèm diſto eſtavaõ por ſua ordem diſpoſtas vinte e quatro Galès, baſtantemente petrechadas de armas, e gente: e todo eſte poder, aſſim da Fortaleza, como das embarcaçoens, obedecia ao Datubandar, que ſe tinha declarado Rey de Gior, e inimigo de Raiaquichil, a quem antes tinha elle ajudado. E na verdade as forças para ſe defender, e impedir ao inimigo, eraõ baſtantes, pois ſó da Corte trouxe mais de quatro mil homens de armas; mas como lhe faltava o animo, e a induſtria militar, pouco a proveitaraõ.

Por causa da dita Fortaleza, Raiaquichil temia muito, e julgava por impossivel aquella passagem, e por esta razaõ desejava, que o braço, e forças Europeas o ajudassem, e muito mais as do Governador, o qual por justas razoens, naõ quiz entrar na tal empreza. O Inglez com o desejo de arrecadar as suas dez mil patacas, ainda que bem contra a sua von tade, se hia aventurar, depois de significar por muitas vezes o desejo que tinha, de que o Governador o acompanhasse, posto que se naõ atreveo a pedillo claramente. Chegada à vista da Fortaleza, assim a Armada

mada de Raiaquichil, como o barco do Inglez, apparece hum mensageiro do Datubandar, com hum recado deste, que dizia: Daria passo livre, e posse do Reyno a Raiaquichil, se désse seguro, que naõ executaria castigos alguns, e perdoaria a todos aquelles, de que se tivesse por offendido. Veyo este facilmente na condiçaõ, e passou logo o seguro, que se lhe pedia, e o despachou. Quãdo de repente apparece tremolando na Fortaleza bandeira vermelha, e logo se dispara huma peça de vinte e quatro, cuja balla fez tal estrago na Armada, que esta se espalhou, e affastou

affaſtou da viſta da Fortaleza, ficando todos naõ menos cheyos de medo, que admirados, naõ ſabendo a cauſa de mudãça no Datubandar: mas logo ſe divulgou ſer a cauſa daquella mudança, ſaber de certo o Datubandar, que o Governador naõ vinha na Armada, e que antes mandara pedir o dito ſeguro, perſuadindo-ſe, que o meſmo Governador em peſſoa hia capitaneando, e animando aquella Armada.

Eſta noticia mandou logo o Principe Raiaquichil ao Governador, que diſtava dalli oito leguas, e juntamente pedia conſelho do que devia fazer;

e o

e o Inglez claramente mandou pedir ſoccorro, dizendo, que ao menos mandaſſe no eſcaler ao Capitaõ Joaõ Tavares de Vellez Guerreiro, de noite com os clarins, que infallivelmente amanheceria a Fortaleza ſem gente. Mas o Governador querendo enſinar àquelles Barbaros a induſtria militar, expedio o Capitaõ Joaõ Tavares ao Principe, mandandolhe dizer, que deſpachaſſe duzentos homens eſpingardeiros a occupar o cume do monte eminente à Fortaleza: o qual occupado, no meſmo tempo de cima os duzentos homens, e debaixo a Armada varejaſſem a Fortaleza

za com repetidas cargas. Pareceo ao Principe, que era bom o conſelho, e deſpachou os duzentos homens, os quaes ſenhoreandoſe daquelle oiteiro, acharaõ plantados doze pedreiros com ſua tranqueira principiada, e fazendo fugir a pouca gente, que acharaõ, deraõ cargas, aſſim dos pedreiros, como das mais bocas de fogo, que levavaõ, contra a Fortaleza, de tal ſorte, que fizeraõ deſpejar a gente, que defendia a couraça; e o Datubandar vendo-ſe de cima, e de baixo apertado, deſamparou tudo, fiando ſua ſegurança da fogida, e o Principe ſe apoderou, aſſim da Fortaleza,

taleza, como da Armada, e logo pelo ſeu lingua de eſtado mandou a noticia ao Governador, e juntamente as graças pelo conſelho, que lhe tinha dado, ſem o qual nada concluiria. Deſta ſorte ficou Raiaquichil ſenhor do Reyno, valendolhe mais a direcçaõ de huma boa cabeça, que todo o ſeu poder.

# CAPITULO VI.

*Relataõ-ſe algumas differenças, que o Governador teve com os Inglezes, e outros.*

NUnca pòde ſer ſolida, e verdadeira a familiaridade, e correſpondencia entre peſſoas de diverſa Religiaõ, e coſtumes; e quando falta a uniformidade nas inclinaçoens, e modo de viver, naõ podem cõcordar os genios entre ſi encontrados. Moſtravaſe o Governador de brios levantados, ſolido, e verdadeiro nas maximas da Religiaõ Catholica, e ini

e inimigo das vis, e baixas acçoens da cobiça, constante defensor da sua authoridade, e grandeza, e em todas as suas obras dava claros sinaes da ingenita nobreza do seu animo. Pelo contrario os Capitaens, e Officiaes dos outros barcos se davaõ a conhecer pelo seu modo de proceder naõ menos humilde, que pouco ajustado às leys da verdadeira Christandade. No negociar por meyos baixos, e vis, procuravaõ suas conveniencias, e os dotes da nobreza, e generosidade pouco, ou nada resplandeciaõ em suas acçoens. Esta differença de huns, e outros,

que ao lume natural, e da razaõ, ainda entre Barbaros, se naõ está totalmente offuscado, se dava bem a conhecer, e o que conciliava de respeito ao Governador, diminuhia de estimaçaõ aos dous Capitães Inglez, e de Dinamarca. Por esta causa o dito Governador, ainda que delles era temido, naõ lhes levava as attençoens do affecto. Accrescentouse a isto a alienaçaõ, que delles teve hum forasteiro, todo reverentemente addicto aos obsequios do Governador.

Morava em Gior hum Grego de naçaõ, chamado Lazaro David, bem quisto, e aceito do

do Rey Raiamuda, o qual lhe tinha dado para conſorte hũa Dama do ſeu Paço, e o occupava em couſas do ſeu ſerviço, naõ menos honradas, que lucroſas. Eſte, tanto que o Governador entrou no porto de Gior, contrahio com elle amiſade, e ſe offereceo para o que lhe foſſe neceſſario, e punha por obra a vontade, que lhe tinha moſtrado, e offerecido de o ſervir; eſpecialmente declarava ao Rey a grande differença, que havia entre Portuguezes, e Inglezes, Catholicos, e Hereges, e louvava muito ao Governador de deſintereſſado, e alheyo dos
 vicios,

vicios, e baixezas dos ditos Inglezes, e Dinamarquezes; e os informes deste Grego foraõ grande causa, para que o Rey Raiamuda fizesse tanta honra, e estimaçaõ do Governador. Naõ ousavaõ os dous Capitaens obrar alguma cousa contra o Grego, mas conservavaõ em seu animo o desejo de vingança, atè que se offerecesse occasiaõ, a qual finalmente teve o Capitaõ Inglez.

Lazaro David, quanto que vio, que Raiamuda naõ podia perseverar no Reyno, e que Raiaquichil se hia apoderando de tudo, procurou de se pôr em salvo, e assegurar sua pessoa,

ſoa, e caſa, quando ſabia muy bem, que com a mudança do governo entre aquelles Barbaros naõ ſó o Rey deſapoſſado experimenta ruina, mas tambem ſeus validos. A eſte fim ſe meteo em huma chalupa de Chinas mercadores, que naquelle porto eſtava junto da Fortaleza, com perto de duas mil patacas, e outros moveis de caſa, com ſua conſorte, e dous criados, julgando, que alli por mais deſconhecido, e eſcondido, eſtaria ſeguro. Mas naõ lhe valeo eſta prevençaõ, porque tomada a Fortaleza, como ſe vio no Capitulo paſſado, os Inglezes querendo a-

proveitarſe da occaſiaõ, ſe pozeraõ a roubar as embarcaçoens, que acharaõ; e como deſſem na dita chalupa de Chinas, encontraraõ, e conheceraõ a Lazaro David, que eſtava muy doente, e de cama; e poſta de parte a compaixaõ, que elle pedia, o prenderaõ, e a mulher, a quem contra as leys da reverencia, e piedade devida àquelle ſexo, furtaraõ as joyas, que tinha, e os levaraõ a todos para o ſeu barco, roubando-lhes o melhor, e mais precioſo, que acharaõ.

Chegou eſta noticia ao Governador, que eſtava tres leguas diſtante, e movido naõ

menos

menos da compaixaõ, e affecto, que lhe merecia Lazaro David, que da deshumana crueldade daquelles Hereges, despachou ao Capitaõ Joaõ Tavares, a que requeresse ao Capitaõ Inglez a entrega de Lazaro David, e suas cousas. Estava o Capitaõ Inglez muy soberbo, assim por causa da vitoria na tomada da Fortaleza, a que elle muy pouco tinha concorrido, quando a principal causa daquella vitoria tinha sido o Governador, como satisfeito, e cheyo naõ tanto da graça do novo Rey, como das prezas das embarcaçoens, que tinha roubado, e respondeo ao

Capitaõ Tavares, que nem trinta Governadores tirariaõ do ſeu barco ao dito Grego. Eraõ onze horas da noite quã-do chegou eſta repoſta ao Governador, o qual conſiderando, que ſobre a razaõ de piedade, e miſericordia, que devia ao afflicto Grego, ſe lhe accreſcentava de novo a obrigaçaõ de deſafrontar ſua authoridade, e peſſoa offendida com tal repoſta, eſteve quaſi com impulſos de levar o navio, e hir em peſſoa caſtigar o atrevimento daquelle Herege; mas moderando os impetos da coragem com os lenitivos da prudencia, julgou devia primeiro

meiro tentar meyos, com que antes conciliasse o novo Rey, e naõ que o irritasse, o qual justamente se poderia dar por offendido, vendo que dentro do seu porto o Governador fazia justiça em hum homem, que o tinha ajudado na tomada da Fortaleza, sem que primeiro lhe désse parte.

Pelo que tomando mais acertada resoluçaõ, envia o Capitaõ Tavares, acompanhado de tres homens, e bem instruido de accommodadas direcçoens ao novo Rey, para que lhe désse noticia de tudo o succedido, e pedirlhe, que naõ levasse a mal, se o Governador

no ſeu porto, e quaſi em ſua preſença caſtigaſſe as deſcortezias, e inſolencias do Inglez. Eraõ duas horas da noite quando o Capitaõ Tavares chega ao Gorabo do Rey, que eſtava dormindo, e os guardas o deſpertaraõ, e lhe diſſeraõ o que paſſava entre o Inglez, e o Governador, e o que eſte requeria. Ficou o Rey aſſuſtado, porque como naõ tinha ainda pacifica poſſe da Corte, naõ queria offender alguma das partes com que engroſſaſſe o partido contrario; mas conſiderando, que lhe era mais conveniente ter da ſua parte antes ao Governador, que ao Inglez, deſpa-

deſpachou a hum Horamcai, titulo grande entre aquelles Malayos, pedindo ao Capitaõ Tavares ſe ſocegaſſe, e aſſegurandolhe, que o Inglez havia de dar a devida ſatisfaçaõ, ſobpena de lhe naõ valer a immunidade do porto: e juntamente deſpachou ordem ao dito Inglez, que entregaſſe ao Capitaõ Tavares o que o Governador requeria, e que eſtiveſſe certo, que fazendo o contrario, elle lhe naõ poderia valer contra a juſta indignaçaõ do Governador.

A' viſta deſta reſoluçaõ do Rey naõ pode o Inglez negar o que ſe lhe demandava, e aſſim

ſim entregou Lazaro David, e ſua mulher ao dito Capitaõ; e como aquelle vinha gravemente doente, o Governador uſou de caridade, procurando que o curaſſem, o que ſe fez quanto o tempo, e lugar permittiaõ. Tratou logo o Grego de recuperar a ſua fazenda, que o Inglez lhe tinha roubado, valendoſe do meſmo Governador, a que ajudava muito a authoridade do Governador. Mas o Inglez vendo, que o obrigavaõ a largar o que já ſe tinha injuſtamente appropriado, procurou malquiſtar ao Rey com o Governador, aſſim por via do ſeu interprete,
como

como por alguns da comitiva do mesmo Rey; e a primeira cousa, que pertendeo, foy como Herege, que era, fazer que o Rey revogasse a licença, que tinha dado, para que no seu Reyno se levantasse Igreja; e a este fim usou de todo o artificio, que pode, desacreditando os Catholicos, e em especial ao mesmo Governador. Chegou a este a noticia do que ordia o Herege, e attendendo, que já naõ hia sómente a restitui çaõ do que se devia ao Grego, e o credito de sua pessoa, mas tambem, e principalmente a honra Divina, e da Religiaõ Catholica, naõ pode dar mayores

yores largas à paciencia. Manda desafiar o Inglez, e logo largar vèla, e levar o navio atè onde estava ancorado o Herege Inglez, que era junto da Fortaleza, o qual com a noticia, e medo de quem vinha sobre elle, lançou a fogir, e se foy meter junto dos Palacios do Rey; para que com a sombra deste naõ podesse ser acometido. Mas se agora lhe valeo a protecçaõ Real, pouco lhe aproveitou passados algũs dias; para que naõ fosse morto violentamente, e o seu navio com a mais gente sentenciado ao Fisco, mas finalmente livre por intercessaõ do Go-

ver-

vernador, como em ſeu lugar ſe verà.

A reſtituiçaõ das couſas roubadas ao Grego, naõ ſe pode totalmente fazer; porque como o roubo tinha ſido entre a confuſaõ de muitos, que em ſemelhantes caſos coſtumaõ acontecer, e cada hum ſe apodera do que acha, naõ foy facil de averiguar em cujas mãos eſtiveſſe a preza. No Capitulo oitavo ſe verà, como pelos ſucceſſos que alli ſe relataràõ, o barco Inglez por ordem de Raiaquichil foy entregue à diſpoſiçaõ do Governador, o qual mandou ſe reſtituiſſe a Lazaro David o que ſe lhe tinha roubado,

bado; e feita a diligencia, se lhe restituio o que alli se achou, que naõ foy tudo o que lhe furtaraõ, mas só o que sem estrondo, e violencia se pode achar, dissimulando o Governador algum tanto com a opprimida gente do Inglez, e naõ querendo accrescentar oppressaõ a oppressaõ.

## CAPITULO VII.

*Toma o Governador solemne posse do lugar para a Igreja.*

OS empenhos do Herege Inglez, referidos no Capitulo precedente, accenderaõ mais

mais a piedade do Governador, e desejo de logo tomar posse do lugar promettido para a Igreja. O que fez aos 25. de Março, como logo veremos, depois de lançar aqui fielmente tresladados os papeis authenticos do contrato, ou concerto entre Raiaquichil, e o Governador. O papel de Raiaquichil dizia assim: „ Em
„ nome de Deos Amen, 1130.
„ annos Amen, aos 7. de Março
„ dia bom, baixo delle, eu El-
„ Rey, servidor de Deos, em
„ seu nome, e meu pay, que
„ sou filho de ElRey Macamo-
„ rom, já defunto, e eu seu le-
„ gitimo herdeiro, criado em

,, casa de ElRey Menancabo,
,, meu avô, em baixo de hum
,, monte verde de ElRey Ma-
,, caduli Rehan de Parituan
,, Hian Satty monte verde, que
,, me mandou de lá, e nave-
,, gando pelo mar, vim em de-
,, manda do Reyno de meu
,, pay, mandado pelo dito meu
,, avô para o meu Reyno, com
,, toda sua Armada, Cabos, e
,, gente, de que se compoem,
,, todos vassallos de ElRey Me-
,, nancabo meu avô, e neste
,, mar obedecido de todos os
,, que habitaõ em suas prayas
,, pela recomendaçaõ, que o di-
,, to Rey meu avô fez à dita
,, Armada, me metesse de pos-
se

,, ſe do dito Reyno de Gior, e
,, Pam, e foſſe por elles acom-
,, panhado aſſim por terra, co-
,, mo por mar; e vindo para eſ-
,, te porto de Gior, encontrey
,, nelle ao Senhor Governador,
,, e Capitaõ General da Cida-
,, de de Macao, ſurto na Povoa-
,, çaõ chamada Panchor, me
,, vali delle, para que me per-
,, mittiſſe entrada, e em tudo
,, me ajudaſſe como a irmaõ, e
,, compadecendoſe de mim, e
,, reconhecendo era eu o legi-
,, timo herdeiro do Reyno, ſe
,, inclinou a favorecerme, pe-
,, dindo-o eu Principe, como o
,, dito Senhor Governador me
,, deixaſſe entrar na Corte de

,, Gior, lhe prometti guardaria
,, amiſade com o ſeu Rey
,, de Portugal, e que lhe dava
,, eſte juramento, como ſe foſ-
,, ſe a meſma peſſoa Real do
,, ſeu Rey, para que o dito Se-
,, nhor General me ajudaſſe em
,, tudo, como valido do ſeu
,, Rey, para que elle tambem
,, ſe obrigava ao meſmo, para
,, com a naçaõ Portugueza, o
,, que tudo juro ao dito Senhor
,, General, como Principe, que
,, ſou, e que naõ ajudaſſe Deos
,, na guerra, nem na paz, a
,, quem eſte juramento que-
,, braſſe; e como eſta he a ali-
,, ança, que prometto ao dito
,, Senhor General, lhe permit-
to

„ to liberdade de ſua Igreja
„ neſte Reyno, e que poderà
„ para o anno mandar Padre
„ da ſua Ley, e eſta he a ſegu-
„ rança, que faço ao dito Se-
„ nhor General por eſta minha
„ chapa Real,&c. „

Atè-qui o papel, que paſſou o Rey Raiaquichil, firmado, e ſellado; ao qual correſpondeo o Governador com o ſeu na fórma ſeguinte: „ Antonio
„ de Albuquerque Coelho, Fi-
„ dalgo da Caſa delRey meu
„ Senhor de Portugal, e ſeu
„ Governador, e Capitaõ Ge-
„ neral da Cidade de Macao, e
„ ſuas Fortalezas no Imperio
„ da China, &c. Pelo trato ami-

„ gavel, com que chegou a ef-
„ te porto do Reyno de Gior o
„ Principe Raiaquichil,herdei-
„ ro do dito Reyno, tendo já
„ conquiſtado a mayor parte
„ delle, por eſtar de poſſe ou-
„ tro Rey, que dizem lhe naõ
„ tocava, achandome eu nelle
„ de invernada, por naõ poder
„ vencer a monçaõ para o meu
„ governo, reſpeitando tanto
„ a minha aſſiſtencia no dito
„ porto, que ſe naõ reſolveo a
„ tomar a Corte do dito Rey-
„ no,em cujo rio eu eſtava,ſem
„ que commetteſſe comigo os
„ partidos ſeguintes, de querer
„ tratar verdadeira amiſade cõ
„ ElRey meu Senhor,promet-
tendo

„ tendo no ſeu Reyno Igreja,
„ e todo ſeu favor, e amparo
„ a ella, e franca paſſagem
„ para os navios Portuguezes,
„ que ao dito ſeu Reyno che-
„ gaſſem, tratando como vaſ-
„ ſallos delRey meu Senhor, a
„ quem promettia verdadeira,
„ e leal irmandade, na fórma
„ que entre peſſoas Reaes ſe
„ coſtuma, tudo a fim que eu
„ lhe déſſe franca paſſagem, e
„ o defendeſſe em qualquer
„ invaſaõ, que os inimigos lhe
„ quizeſſem fazer, em quanto
„ naõ chegaſſe a monçaõ para
„ hir para o meu governo: em
„ conſideraçaõ de tudo o que,
„ e reconhecendo, que ElRey

„ meu Senhor, que Deos guar-
„ de, levaria bem favorecesse
„ eu ao dito Principe, segundo
„ o trato, que promettia pe-
„ la sua chapa, sellada com seu
„ Real sello, de que já fico en-
„ tregue, lhe passey este para
„ firmeza tambem, de que o
„ dito Senhor o aceitará debai-
„ xo de sua Real protecçaõ.
„ Dada no Reyno de Gior, e
„ por mim assinada, e sellada
„ a 7.dias do mez de Março de
„ 1718. &c. „

Estes os papeis dos concer-
tos, passados entre o Governa-
dor, e Raiaquichil, pelos quaes
nem este podia negar o pro-
mettido, nem aquelle deixar
de

de fazer o que devia para cousa, que cedia tanto no augmento da honra Divina, e Religiaõ Catholica; pelo que mandou avisar ao Rey, que queria tomar posse do lugar para a Igreja, especialmente vindose chegando o tempo, em que podia partir para Macao. Nenhuma difficuldade mostrou Raiaquichil, ainda que o Inglez, e outros se oppunhaõ; e cortezmente mandou dizer ao Governador, que lhe perdoasse naõ assistir elle em pessoa com toda a sua Corte à solemnidade da posse, por quanto as guerras, com que ainda estava occupado, lhe naõ davaõ
lugar

lugar a ſe achar preſente, mas que mandava o lingua, e Ca-capo de Eſtado, (embarcaçaõ Real, de que uſa o Rey) no qual o Governador podeſſe commoda, e honradamente deſembarcar; e juntamente mandou determinar o lugar para a Igreja, que o meſmo Governador eſcolheo naõ menos alegre, e recreativo, e com as conveniencias neceſſarias para a Igreja, que proprio, e com as cõmodidades, que requeriaõ os barcos, que alli foſſem; era eſte junto da Povoaçaõ de Giorlama.

Giorlama diſta duas leguas da Povoaçaõ de Panchor, para

a boca

a boca da barra, e desta està quatro leguas. Tem bom fundo, e bastante povoaçaõ. He lugar ameno, naõ menos pela abundancia de boa agua, que pelo aprasivel do terreno, muy fertil, por esta causa antigamente foy Corte dos Reys de Gior; e ainda conserva a cava, que em circuito tem tres leguas, e por onde podem navegar embarcaçoens. Desorte, que aquella porçaõ de terra faz huma Ilha torneada, capaz para nella se fundar huma Cidade, naõ menos fermosa, que forte, pois no meyo tem hum monte, donde mana huma perenne fonte de boa agua, no

qual monte ſe pòde fabricar huma Fortaleza, que igualmente defenda a terra, e o porto. Tem mais eſte lugar huma excellencia, e he, que em todo aquelle dilatado canal, que corre da boca da barra atè a Corte, he o de melhor ſurgidouro, e o mais ſeguro, e capaz, onde qualquer embarcaçaõ, por mayor que ſeja, pòde receber competente carga; por eſta cauſa coſtumaõ os barcos vir da Corte com pouca carga, e tomar alli a mais, de que neceſſitaõ. Tendo pois eſte lugar tantas conveniencias, julgou o Governador, que era o melhor, e o mais accommodado

para nelle ſe fundar Igreja, attendendo naõ ſómente à commodidade do Sacerdote operario, que alli reſidiſſe, mas tambem à conveniencia dos barcos Portuguezes, que lá quizeſſem hir.

Reſplandeceo o feliciſſimo dia 25. de Março, em que o Divino Verbo, fazendo deſpoſorios com a natureza humana, tomou peſſoalmente a deſejada poſſe da perdida terra de Adam, e ſeus deſcendentes para a libertar do cativeiro do demonio, a que eſtava ſogeita, e ſantificar, ajuntandoſelhe com o vinculo mais eſtreito, que podia. Eſte dia julgou o Go-

o Governador ſer o mais proprio, e a propoſito para tomar poſſe daquelle lugar para Deos, e para a Igreja Romana, e ſantificar aquella terra immunda já com os eſpurcos ritos de Mafoma, já com os abominaveis ſacrificios dos Idolos, exaltando nella o Real Eſtandarte da noſſa Redempçaõ, e fazendo ſe offereceſſe o puriſſimo Sacrificio do Immaculado Cordeiro. Neſte dia logo pela manhãa o Reverendo Padre Capellaõ Fr. Thomaz de Saõ Joſeph, Religioſo Capucho da Provincia da Madre de Deos, com o Capitaõ Joaõ Tavares de Vellez Guerreiro, ſe foraõ

a terra

a terra no Cacapo de Eſtado do Rey, e levantaraõ hum Altar com a mayor decencia, que podia ſer, ornando-o de peſſas de ſeda, e finos panos da Coſta, arvoraraõ o Sagrado Eſtandarte da Cruz, e da outra parte a bandeira das Reaes Armas de Portugal; e eſtando tudo preparado, com aſſiſtencia da mayor parte da gente da nao, ſe principiou a Miſſa a ſom de clarins, caixa, e ſalvas de artelharia, o qual feſtivo, e eſtrondoſo applauſo ſe repetio ao levantar da Hoſtia, e Caliz, e no tempo de acabar a Miſſa, reſpondendo igualmente o navio com alegre, e ſonora ſalva.

Aca-

Acabada a Miſſa, ſe diſpoz hũa devota Prociſſaõ, mais viſtoſa pela piedade dos que a formavaõ, do que pelo pequeno concurſo, e variedade de gente, que tinha, e a fizeraõ mais plauſivel os clarins, caixa, e artelharia com ſua varia, e eſtrondoſa harmonia.

Deſta ſorte ſe tomou poſſe daquelle lugar, lançando nelle fundamento hum Catholico, e piedoſo deſejo da propagaçaõ da Fé de Chriſto. Mas dirá algum, cuja inclinaçaõ he mais para notar as Apoſtolicas acçoens, do que para imitallas: E que prudencia he, tomar poſſe daquelle lugar, e deixar nelle

nelle arvorada a Santa Cruz, e ſem baſtante eſperança de que alli ſe levante a Igreja, antes com grande fundamento, de que o Sacroſanto inſtrumẽto de noſſa Redempçaõ ſerá ultrajado daquella infiel, e barbara gente? Principiar emprezas, cujos acertados fins ſe naõ podem prudentemente eſperar, mais he temerario appetite de gloria, do que deliberaçaõ de maduro conſelho. Eſtes, e outros diſcurſos fará quem mais imitar a aranha, fazendo veneno das flores, do que a abelha, que chupando as meſmas flores, as converte em doce mel; e moſtrará, que

degenera do Apoſtolico zelo dos antigos Portuguezes, do tempo do nunca aſſaz louvado Infante D. Henrique, primeiro deſcobridor das Conquiſtas, atè aquelle por anthonomaſia empenho da piedade Chriſtãa D. Joaõ III. dos quaes antigos Portuguezes, huma parte dos generos, que levavaõ nos navios, eraõ Cruzes, que levantavaõ, e deixavaõ nas terras, que deſcobriaõ, teſtemunhando com eſta acçaõ, que a poſſe que tomavaõ daquellas terras, mais era em nome de Deos, e da Igreja Romana, do que do ſeu Rey. Continuem os Portuguezes deſte tempo com o an-

o antigo zelo dos antepaſſados, e levantarſehaõ as Cruzes ſem medo, de que ſe deitem por terra. Mas quando os intentos todos atiraõ a lucros temporaes, e nada aos intereſſes da gloria Divina, e Portugueza, tanto aſſim, que para que aquelles ſe naõ diminuaõ, falta em muitos barcos Capellaõ, com evidente riſco da ſalvaçaõ de muitos, ſe nas terras dos infieis ſe naõ levantaõ, nem deixaõ Cruzes, ficaõ lá em ſeu lugar maos exemplos.

## CAPITULO VIII.

### *Patrocina o Governador os Inglezes, e o ſeu barco.*

SEmpre hum animo generoſo encontra occaſioens, em que faça alarde de ſua magnanimidade, e benevolencia, ſem que offenſas recebidas lhe ſirvaõ de remora. No Capitulo VI. vimos o Governador acceſo em juſta colera contra os Inglezes, neſte o veremos benigno Protector dos meſmos Inglezes. Andavaõ eſtes demaſiadamente fogoſos, procurando arrecadar as dez mil pata-

cas,

cas, que lhe deviaõ: naõ ſe dava da parte dos Malayos a diligencia, que elles queriaõ, quando por huma parte a revolta das guerras, e por outra o apego daquella gente às couſas alheas, ſerviaõ de notavel impedimento à devida ſatisfaçaõ, eſpecialmente, que o Rey fogido Raiamuda, e o ſeu Sibandar tambem fogido, eraõ os que receberaõ, e deviaõ as dez mil patacas; e faziaſe difficultoſo ao novo Rey, ou à ſua gente, pagar o que naõ tinhaõ recebido. Accreſcentouſe a iſto, que Lazaro David, já melhorado da ſua enfermidade, pugnava, e fazia toda a

diligencia dentro da meſma Corte, para que os Inglezes lhe reſtituiſſem tudo o que lhe tinhaõ roubado; e como eſtes naõ déſſem ſatisfaçaõ à parte, ſerviraõ de exemplo aos Malayos, para que tambem naõ reſtituiſſem o que deviaõ.

Eſtando deſta ſorte de parte aparte os animos inquietos, e revoltoſos, era chegado o tempo de o Governador ſe partir para Macao, pelo que aviſou o Raiaquichil da intençaõ, que tinha de logo largar véla para hir tomar poſſe do ſeu governo. O Principe cõ eſta noticia deſpachou o ſeu lingua no Cacapo de Eſtado,

para

para conduzir aoCapitaõ Joaõ Tavares a Palacio, que em nome do Governador havia fazer as deſpedidas do dito Principe, ou novo Rey. Eraõ ſete do mez de Abril, quando o dito Capitaõ Tavares, acompanhado dos Portuguezes Antonio Rodrigues, e Paſchoal de Souſa, e do Grego Lazaro David, baſtantemente preparados para o que podeſſe ſucceder, pois as deſconfianças, e pouca fé dos Hereges Inglezes requeriaõ toda a cautela, encaminhou para a Corte, onde chegado, foy recebido do Rey com notaveis demonſtraçoens de agrado, e cortezia: e logo fa-

zendo a deſpedida em nome do Governador, inſinuou os motivos, que o obrigavaõ a continuar a viagem interrompida, e de caminho naõ deixou paſſar em ſilencio naõ menos os embuſtes do Interprete dos Inglezes, que as deſarrezoadas desconfianças dos meſmos Inglezes. Ao que reſpondeo o Rey com huma oraçaõ mais chea de affecto, e reverencia, do que de eloquencia. „Finalmente (dizia elle) já me quer deſ„ amparar meu irmaõ mayor, „ o Governador: mal poſſo „ declarar meu ſentimento, „ quando vejo me vay fal„ tando o amparo de taõ no-
bre,

„ bre , e fiel amigo , cujo gene-
„ roſo animo hia eu com o
„ tempo cada vez mais conhe-
„ cendo. Oh ſe foſſe poſſivel ,
„ que elle me concedeſſe mais
„ tempo , em que eu podeſſe
„ moſtrar os primores de meu
„ agradecimento ! Juntamente
„ provaria com as obras , que
„ nunca dey credito ao que
„ ſeus emulos me diſſeraõ; mas
„ agora de algum modo moſ-
„ trarey, quaõ alheyo foy ſem-
„ pre meu animo de crer al-
„ guma couſa, que foſſe , nem
„ ainda de minimo deſdouro
„ de meu irmaõ mayor o Go-
„ vernador. „ E dizendo iſto,
mandou , que vieſſe à ſua pre-
ſença

lença o Interprete dos Inglezes.

Chegou o dito Interprete, acompanhado do ſeu Capitaõ, e outro Inglez, e juntamente quatro marinheiros, todos armados; e poſtos na preſença do Rey, começou eſte a reprehender o dito Interprete, afeando-lhe a aleivoſia naõ menos nas obras, que nas palavras, com as quaes pertendera offuſcar a honra do Governador, e obrigar a ſua Real peſſoa, a que lhe déſſe credito; mas o Interprete, que era hum inſigne architecto de embrulhadas, negava tiveſſe dito couſa algũa contra o Governador, e apertado

tado com a relaçaõ das meſ-
mas palavras, que elle tinha
dito, recorria à falta da memo-
ria, dizendo, que ſe naõ lem
brava de ter dito a tal couſa.
Finalmente o Rey depois de
reprehender aſperamente ao
dito Interprete, ſe virou para o
Capitaõ Tavares, e lhe diſſe,
que naõ procedia a mais con-
tra aquelle vil homem, aſſim
porque era prudencia naõ fa-
zer caſo dos ditos de ſemelhan-
te gente, como porque tinha
por certo, que a generoſidade
do Governador ſe daria por
juſtamente offendida, vendo
que por ſua cauſa ſe tomavaõ
empenhos, naõ menos para
averi-

averiguar verdades da boca de hum embusteiro, que para tomar delle a ultima satisfaçaõ; o que entaõ compria era, que supposto ser aquella a ultima despedida, convinha mostrar se naõ esquecia do que promettera ao Governador àcerca de satisfazer ao Capitaõ Inglez as dez mil patacas; mas porque achava naõ ser tanta a divida, quando o dito Capitaõ já tinha recebido algumas cousas em satisfaçaõ, julgava, que na varanda do seu Conselho se tratasse do ajuste, e se determinasse o que se lhe devia pagar: e dizendo isto, assim ao Inglez, como aos demais, mandou

dou ſe ajuntaſſem no dito Conſelho, e ao Capitaõ Joaõ Tavares pedio, que aſſiſtiſſe no meſmo Conſelho, aſſim para que com a ſua authoridade ſe trataſſe o negocio mais pacificamente, e fizeſſe executar a ſatisfaçaõ à divida de Lazaro David, como tambem porque entre tanto queria preparar algum ſinal de ſua lembrança, para offerecer ao Governador.

Deſpedido da preſença do Rey o Capitaõ Joaõ Tavares, ſe encontrou logo a poucos paſſos andados fóra da ſala do Rey com os Inglezes, que o eſperavaõ, e todos juntos tiveraõ

raõ entre ſi varias diſputas; mas o Interprete foy o que ſe adiantou com o Portuguez Antonio Rodrigues; e como de parte a parte ſe accendeſſe a colera, hum Inglez, que junto eſtava, diſparou huma eſcopeta contra o Portuguez, e como ao ferir do fuzil, eſte deſviaſſe algum tanto o corpo, lhe paſſaraõ duas balas a eſpadoa eſquerda. Irritado o Portuguez da dor, que ſentia, tira com toda a preſſa de hum bacamarte, com que em o Malayo, que eſtava mais perto, empregou hum tiro com tal ſucceſſo, que naõ chegou a hum quarto de hora, que naõ mor-

morreſſe. Neſte tempo o Capitaõ Joaõ Tavares tinha baſtante em que ſe occupar, com que naõ pode advertir, e muito menos remediar o que paſſava entre o Portuguez, e o Malayo, por quanto ſe empenhava em reprimir ao Capitaõ Inglez, que hia tirando huma piſtola do cinto. Ao eſtrondo dos tiros acodio a guarda Real, e vendo o Portuguez ferido, foy logo dar parte ao Rey, gritando a altas vozes: Inglezes traidores, matadores da gente do Governador. Altamente penetraraõ eſtas vozes o coraçaõ do Rey, com que accelerado, ou arrebatado ſaltando

tádo do throno, deſembainhou o cris, que tinha na cinta, e chegando à porta da ſala, mandou que todos os Inglezes foſſem mortos, e a gente do Governador levada à ſua preſença.

A' viſta deſta Real ordem ſe levantou huma notavel confuſaõ naquelle labyrintho de animos, e corpos deſaſocegados. De huma parte os Malayos, que pela mayor parte eraõ Cabos militares, terriveis com lanças, catanas, e criſes, e muito mais com o odio contra os Europeos, eſpecialmente Inglezes, clamavaõ ſe dividiſſem os Portuguezes dos Ingle-

Inglezes. Da outra parte os Inglezes, ainda q̃ no animo estivessem divididos dos Portuguezes, entaõ com os corpos se uniaõ á elles, para assim escaparem da morte, de tal sorte, q̃ hũs se naõ podiaõ separar dos outros. Faziaõ os Malayos envestida a algũ, e este se defendia, gritando: General, General, e com taõ bom successo, q̃ logo ficava livre; e vendo todos, q̃ a palavra *General* era o melhor, e mais seguro escudo contra os Malayos, e para livrarem da morte, começaraõ todos a gritar: General, General. Os Malayos perturbados com taes vozes, naõ se podiaõ determi-

nar à execuçaõ da ordem Real, atè que conhecendo ao Capitaõ Inglez, com o qual ſe naõ podiaõ enganar, enveſtiraõ com elle. Eſtava elle abraçado com o Capitaõ Joaõ Tavares, de cujos braços, e protecçaõ eſperava remedio em taõ evidente perigo; nem ſe enganava de todo, porque o dito Capitaõ Tavares naõ menos generoſo, que compaſſivo, fez todo o esforço para livrar da morte ao Inglez, com notavel riſco de ficar juntamente com elle morto. Mas como os Malayos eraõ muitos, com grande força, e violencia, obſequioſos ao mandato do ſeu Rey,

tiraraõ ao Inglez dos braços do Capitaõ Tavares, e o mataraõ a crueis lançadas, ficando só aquella principal Cabeça dos Inglezes sacrificada victima ao furor Malayo.

Morto desta sorte o Capitaõ Inglez, foraõ todos os mais com o nome de gente do Governador levados à presença do Rey, o qual com singulares mostras de sentimento do successo recebeo carinhosamente ao Capitaõ Joaõ Tavares; e vendo logo, e palpando a ferida do Portuguez, se accendeo mais contra os Inglezes, e pronunciou sentença de confiscaçaõ do barco, e fazen-

da Ingleza, e morte da mesma gente. Neste caso o Capitaõ Tavares fazendo alarde de seu animo naõ menos pio, q̃ esquecido de aggravos, pedio com grande instancia ao Rey, suspendesse a execuçaõ de sua sentença, atè q̃ della se désse noticia ao Governador. Porq̃, dizia elle, o affecto, que o Governador merece a Vossa Alteza, pede que esta sentença se naõ dè à execuçaõ, antes de ser revista pelo mesmo Governador, como parte principal, e muy interessada, quando por sua ingenita nobreza, e piedade he obrigado a patrocinar muitos dos sentenciados, assim por inno-

innocentes, ou menos culpados, como por homens da mesma ley, que elle professa; e he justo, que Vossa Alteza naõ cause esta molestia a quem se reconhece taõ obrigada, e affectuosa. Mostrou o Rey custarlhe o haver de suspender a execuçaõ da sentença, mas era lance de animo generoso, e agradecido, o suspendella; pelo que annuindo ao postulado do Capitaõ Tavares, respondeo, que em obsequio de seu irmão o Governador, lhe mandava aviso, e esperava sua reposta; e a este fim expedio o seu lingua de Estado ao dito Governador, para que em

ſeu nome lhe déſſe noticia do ſuccedido, e lhe pediſſe, que déſſe por bemfeito tudo o que ſe tinha determinado em caſtigo do grande atrevimento daquella gente.

Neſte tempo chegaraõ os guardas ao Palacio, trazendo prezo ao Inglez, que tinha feito o tiro acima referido contra o Portuguez Antonio Rodrigues, e juntamente levavaõ a noticia de que o Interprete dos Inglezes ficava morto em huma palhota. O Rey mandou logo, que foſſe morto o dito Inglez; mas intercedeo o Capitaõ Tavares, pedindo lhe fizeſſe o favor de lhe entregar aquelle

aquelle Inglez para o presentar
ao Governador, e veyo nisso
o Rey; e como os Malayos assim
do Palacio, como da Armada,
andavaõ alterados com
o successo, mandou o Rey ao
Capitaõ Tavares, fosse para o
barco Inglez com seu companheiro
Antonio Rodrigues, e
Paschoal de Sousa, e mais gente,
que pertencia ao dito barco,
para que entre tanto, que
vinha a reposta do Governador,
patrocinasse, e defendesse
aos Inglezes contra a violencia
dos Malayos, o qual logo
fez o dito Capitaõ, e achou os
pobres Inglezes taõ quebrados
de animo, e cheyos de medo,

que mal ſe pòde explicar; os quaes quanto que viraõ em ſua preſença ao Capitaõ Tavares, ſe abraçaraõ com elle pedindolhe miſericordia. Foraõ tambem mais de duzentos Malayos a meterſe de guarniçaõ no dito barco, eſperar pela reſoluçaõ do Governador. Tudo iſto atemorizou de tal ſorte ao Piloto Inglez, que julgando devia meter ſua petiçaõ ao meſmo Governador, lhe eſcreveo a ſeguinte carta, treſladada fielmente do original, que dizia aſſim: „ Senhor General. Me vejo em grande tra„ balho: eſpero em V. Senho„ ria, que me acuda, porque

„ esta tarde me quizeraõ dar
„ saque, e o Capitaõ Joaõ Ta-
„ vares em nome de V. Senho-
„ ria, e o delle, quiz Deos, que
„ livrey, e toda a gente deste
„ barco; e assim peço a V. Se-
„ nhoria pela grande amisade,
„ e entrada, que tem com El-
„ Rey, peço muito de favor
„ queira ajudarnos, e favore-
„ cer; pois de presente o seu
„ Capitaõ livrou a minha gen-
„ te de hoje naõ ser toda mor-
„ ta, e eu tambem livrarme,
„ foy por elle se obrigar estar
„ neste navio, ou para bem di-
„ zer, chalupa; e o q̃ ordenar o
„ Senhor Capitaõ, fico sempre
„ como obrigado. Bordo, cujo
favor

„ favor, que receber, ficarey
„ confeſſando. Guarde Deos a
„ V. Senhoria. Servidor de V.
„ Senhoria Recli Vvallis.
„ Thom. Fraſon. „ Atèqui a
carta, que eſcreveo o Piloto
do barco, em que eſtava.

Sabendo o Governador o
que paſſava, e compadecen-
doſe naõ menos do Piloto In-
glez, que ſe valia delle, que
dos mais Chriſtãos, fallou ao
Interprete, dizendolhe, que em
ſeu nome pediſſe ao Rey, que
revogaſſe a ſentença, eſpecial-
mente naõ tendo aquelles po-
bres culpas, pelas quaes mere-
ceſſem taõ grave caſtigo,
quando já os dous mais culpa-
dos

dos tinhaõ pago com as vidas, e que ſoltaſſe o Inglez prezo. Ouvida pelo Rey eſta petiçaõ, ou requerimento do Governador, reſpondeo, que concedia tudo o que ſe lhe pedia, com condiçaõ, que elle Governádor paſſaſſe hum papel firmado, e ſellado, pelo qual prometteſſe, e ſe obrigaſſe a naõ favorecer, e ajudar aos Inglezes contra elle Rey, e que os ditos Inglezes cedeſſem do direito, ſe algum tinhaõ, às dez mil patacas, que elle Rey ſe obrigara a pagar; e que elle Governador tomaſſe à ſua diſpoſiçaõ o barco, e lhe pozeſſe Capitaõ, como julgaſſe. Sa-

bida pelo Piloto esta resoluçaõ, escreveo ao Governador a seguinte carta:

„ Senhor General. O Capi-
„ taõ de V. Senhoria escreve
„ sobre nosso particular, e es-
„ peramos na generosidade de
„ V. Senhoria, nunca haverá
„ cousa, que dé desaire à sua
„ pessoa, pois esperamos, que
„ com a reposta de V. Senho-
„ ria como para nossa redemp-
„ çaõ, pois confessamos taõ
„ obrigados, como se fosse o
„ mais sogeito de V. Senhoria,
„ pois nos tem libertado as vi-
„ das, navio, e o que nelle es-
„ tá, e que os agradecimentos
„ espero dar a V. Senhoria pes-
soal,

„ ſoal, que para iſto he neceſ-
„ ſario o papel, e petitorio de
„ V. Senhoria com ElRey; e
„ pedimos a V. Senhoria faça
„ iſto com brevidade, porque
„ naõ eſtamos aqui ſeguros, e
„ de tudo quanto V. Senhoria
„ tem ouvido de mim, foy tu-
„ do embrulhadas, e de tudo
„ darey a V. Senhoria ſatisfa-
„ çaõ em preſença, pois tenho
„ muita vontade de ver a V.
„ Senhoria, e tenho ſaudade; e
„ no mais Deos guarde, &c.
„ Bordo 9. de Abril de 1718.
„ De V. Senhoria os mais hu-
„ mildes ſervos, e leaes. Ricli
„ Vvallis. Thom. Fraſon. „ He
aqui digno de admiraçaõ, que
ſa-

ſabendo aquelles Malayos, que eſtavaõ de guarda no barco Inglez, que o Governador intercedia pelos Inglezes, ſem eſperar ordem do ſeu Principe, largaraõ o barco, ſem que lhe roubaſſem couſa alguma, que he aſſaz encarecimento do reſpeito que tinhaõ ao Governador, ficando os Inglezes notavelmente admirados; mas naõ ſe dando ainda por ſeguros, pediraõ ao Capitaõ Tavares, os naõ deſamparaſſe; o que elle fez atè que foy chamado do Rey.

Entendida pelo Governador a determinaçaõ do Rey, e que o Piloto Inglez, e os ou-

tros do ſeu barco, para ſe li vrarem do perigo, e vexaçaõ, em que eſtavaõ, vinhaõ no que o Rey queria, julgou devia paſſar o papel, que Raiaquichil pedia, na fórma ſeguinte:

„ Antonio de Albuquerque,
„ &c. Por quanto ElRey deſte
„ Reyno de Gior, que Deos
„ allumie (o qual tem ligado
„ amiſade comigo, em nome
„ de ElRey meu Senhor de
„ Portugal, que Deos guarde,
„ permittindo Igreja, e liber
„ dade Catholica Romana em
„ todo ſeu Reyno, de que te-
„ nho tomado poſſe) perdoou
„ asvidas a todos os Inglezes da
„ chalupa Succeſſo, e largou a

dita

,, dita chalupa , fazenda della
,, do Fiſco,em que tinha incor-
,, rido pelo crime, que com-
,, metteo o Capitaõ, e Jerubaſ
,, ſa da dita chalupa , já defun-
,, tos , querendo nas portas do
,, Palacio matar a tiros o meu
,, Capitaõ , que tinha manda-
,, do a deſpedir da minha par-
,, te do dito Rey, tudo por alei-
,, voſia do dito Jerubaſſa , &c.
,, e tendo o dito perdaõ a meu
,, rogo,e pelaReal amiſade con-
,, trahida;pelo q̃ me pede o di
,, to Rey, lhe paſſo eſte, para q̃
,, em nenhum tempo ſe poſſaõ
,, queixar os Inglezes do ſucce-
,, dido , nem taõ pouco reque-
,, rer o que lhes devia o Rey,

e Si-

„ e Sibandar fogidos , como
„ tambem pedir comprimento
„ da nova obrigaçaõ , que o
„ ditoRey tinha paſſado a meu
„ reſpeito ao dito Capitaõ de-
„ funto, de que os ajudaria, pa-
„ gandolhe o que os outros lhe
„ deviaõ ; porque me diz o di
„ to Rey ha a dita obrigaçaõ
„ por invalida , e a dita divida
„ por nenhuma , em pena do
„ crime ſuccedido , e em ſatis-
„ façaõ das vidas , que perdoa,
„ e da chalupa , e fazenda , que
„ do dito Fiſco larga, condiçaõ,
„ com que me deu palavra do
„ dito perdaõ , a que declaro
„ neſta para em nenhum tem-
„ po com razaõ haver queixa
 do

„ do dito Rey, naõ ſe lhe re-
„ querer a dita ſatisfaçaõ, pro
„ mettendo tambem, que naõ
„ ajudarey a dita chalupa em
„ couſa algũa contra o ſerviço
„ do dito Rey, mas antes im-
„ pedirey obre o contrario, o q̃
„ dos ditos Inglezes naõ eſpero,
„ pois reconhecem a merce, q́
„ a meu reſpeito lhe faz o dito
„ Rey, q̃ lhe naõ deve nada, e ſó
„ a meu reſpeito ſe tinha obri-
„ gado a ajudallos. Dado a bor-
„ do na barra deſte Reyno de
„ Gior, aos 10. de Abril, &c.

Viſto pelo Rey o papel do Governador, paſſou tambem o ſeu de perdaõ aos ditos Inglezes, o qual quero pôr aqui todo

do palavra por palavra, assim para que se veja a estimaçaõ, que fazia do Governador, como para que conste da verdade do succedido. Começa o consto do Rey:

„ Em nome de Deos. Amen.
„ Aos 1130. annos da nossa Era
„ &c. em nove da Lua de Abril
„ chegou a esta Corte o Capi-
„ taõ Portuguez com mais al-
„ guns Portuguezes a despe-
„ dirse de mim da parte do seu
„ General, que estava de par-
„ tida; e recebidos por mim
„ com aquelle agrado, que me
„ merecia a amisade, que te-
„ nho contrahida com o dito
„ General na fórma da minha,

„ e ſua Chapa, me pareceo ſa-
„ tisfazer ao dito General, ave-
„ riguando as falſidades, com
„ que quizeraõ perturbar a di
„ ta amiſade entre mim, e o
„ dito General; e como tudo
„ me tinha chegado pelo Jeru-
„ baſta dos Inglezes, o mandey
„ chamar, o qual veyo a meu
„ Palacio com o ſeu Capitaõ, e
„ gente armada, e averigua-
„ da a falſidade do dito Jeru-
„ baſta, com que pertendia
„ perturbar a amiſade, que ha-
„ via entre mim, e o dito Ge
„ neral, de que tinha naſcido
„ querer o dito General pe-
„ leijar com o dito Inglez, que
„ ſe retirou para eſta Corte,
por

„ por cuja cõsideraçaõ queria,
„ parecendome, que o Capi-
„ taõ Inglez naõ era culpado
„ na traiçaõ do dito Jerúbassa,
„ com o meu Conselho fazer,
„ que o dito General perdoas-
„ se ao dito Inglez, por cujo
„ respeito queria eu passar
„ obrigaçaõ ao dito General,
„ de que em termo de dous
„ annos mandaria satisfazer ao
„ Inglez, o que lhe devia o
„ Rey intruso já fogido, e o
„ seu Sibandar tambem ausen-
„ te, pois o dito General me
„ tinha pedido favorecesse nis-
„ to ao dito Inglez, para o que
„ tinha dado minha Chapa; e
„ mandando-os para a varanda

„ do meu Conſelho, antes de a
„ ella chegarem, foy ferido
„ hum Portuguez de hum tiro
„ de hum Inglez; ao que aco-
„ dindo a minha guarda, e ven-
„ do ao dito Portuguez ferido,
„ gente do dito General, com
„ quem tinha ligado particu
„ lar amiſade, deraõ ſobre os
„ ditos Inglezes, onde foy mor-
„ to o dito Capitaõ, e de varios
„ tiros, que houve, ſe achou
„ morto o dito Jerubaſſa, do
„ que informado, e averigua-
„ do o ſucceſſo, ſegundo as leys
„ do Reyno foraõ condemna-
„ dos todos os Inglezes à mor-
„ te com fiſco do barco, e fa-
„ zenda delle, reſervando taõ
ſómen-

„ ſómente a meu Conſelho as
„ vidas dos marinheiros Chriſ-
„ tãos,por ſerem da ley do dito
„ General , a cuja execuçaõ
„ acodio o dito Capitaõ Portu-
„ guez , pedindo da parte do
„ ſeu General ſuſpendeſſe a
„ execuçaõ do Decreto , porq̃
„ queria elle dar conta ao dito
„ General , e eu o fizeſſe, pela
„ boa amiſade , antes da dita
„ execuçaõ , o que feito, foraõ
„ taes os rogos , que me chega-
„ raõ do dito General , que
„ houve por bem o meu Con-
„ ſelho condeſcendeſſe nelles,
„ e perdoaſſe as vidas , e a mais
„ execuçaõ decretada; pelo que
„ mandey , foſſem todos logo

,, no navio entregues à diſpoſi
,, çaõ do dito General, por cu
,, jo reſpeito lhes tinha perdoa
,, do, naõ lhe faltando do dito
,, navio couſa alguma, como
,, conſtou ao Capitaõ do dito
,, General, a quem foy entre-
,, gue o dito navio, para o le-
,, var ao dito General, tudo
,, em conſideraçaõ da amiſade,
,, que com elle tenho feito, que
,, durará em quando no Mun-
,, do houver Sol, e Lua, fican-
,, do taõ ſómente condemna-
,, do o dito Inglez, em naõ vir
,, requererme a eſte Reyno, o
,, que o dito Rey intruſo, e Si-
,, bandar fogidos lhe naõ paga-
,, raõ; pois ſendo o crime, que
com-

,, cõmetteo o dito Capitaõ, taõ
,, grande, o naõ condemnou o
,, meu Conſelho, mais,que em
,, me naõ pedir para ſempre, o
,, que eu lhe naõ devia, e ſó a
,, rogos do dito General o que-
,, ria favorecer niſſo, do q̃ tudo
,, me paſſou obrigaçaõ o Capi-
,, taõ, e Piloto Inglez para em
,, nenhum tempo ſe praticar
,, o contrario;e como me acho
,, com o Reyno ainda pertur-
,, bado com inimigos por ter-
,, ra, e mar, e ha taõ ſómente
,, hum mez de minha aſſiſten-
,, cia neſte Reyno, naõ tenho
,, couſa capaz de offerecer ao
,, dito General em ſinal de mi-
,, nha amiſade,que ſó por lem-
bran-

„ brança lhe offereço humas
„ peças de artelharia de bron-
„ ze, esperando ter occasiaõ
„ para fazer o que desejo. Da-
„ da em Gior sob o meu final,e
„ sello. Era acima, &c.

Deste papel se vè a estima-
çaõ, que aquelle Rey fazia do
Governador, do qual se deve
tambem fazer huma observa-
çaõ, e he, que o Rey naõ tinha
bastante causa para temer o
Governador, especialmente
matando, ou prendẽdo a gente
do barco Inglez,quando sabia
muy bem, quaõ poucas eraõ
as forças, que tinha no seu na-
vio; logo a que fim tanta cor-
tezia, tantos sinaes de amor,
esti-

estimaçaõ, e benevolencia? A razaõ disto deixo eu a que a dê por mim o bem affecto leitor, que certamente dirá, que os honrados termos de hum animo nobre, generoso, e desinteressado por si se conciliaõ respeito, e veneraçaõ, ainda dos mesmos barbaros. Passado o dito papel, mandou o Rey chamar o Capitaõ Joaõ Tavares ao barco, que com grande difficuldade largaraõ os Inglezes, ficando só com o Portuguez ferido para sua defensa. O Rey recebeo com muito agrado ao dito Capitaõ, e lhe declarou o muito, que com elle podia o respeito, que ti-

nha

nha ao Governador, pelo que lhe offerecia aquelle barco com huma pequena dadiva de algumas peças de bronze, e humas poucas bufaras em final de ſua benevolencia, e animo agradecido. Deſpedio-ſe o Capitaõ Tavares do Rey, e juntamente com o lingua do meſmo Rey, e a offerta referida ſe meteo no Cacapo de Eſtado, e vieraõ atè o barco Inglez. Finalmente o barco Inglez foy dado por livre com a gente, que nelle eſtava, e entregue à diſpoſiçaõ do Governador, o qual liberalmente lhe confirmou, e ratificou a dita liberdade, e lhe determinou por Ca-

Capitaõ, em lugar do proprio morto no Palacio, ao Piloto. E desta sorte partio o dito barco Inglez, e veyo buscar junto da barra o navio do Governador, para que com sua sombra, e protecçaõ se segurasse das embarcaçoens de guerra, que andavaõ por aquelles canaes, e enseada, dos quaes ainda se naõ davaõ por seguros os Inglezes.

Tanto que o barco Inglez chegou junto do Governador, o salvou com toda a sua artelharia, agradecendo daquella sorte o favor, que delle tinha recebido: e logo o Capitaõ Piloto Inglez com alguns outros prin-

principaes ſe foraõ ao navio a render as graças ao Governador, reconhecendoſe por obrigados a ſeu taõ ſingular bemfeitor, e o Governador eſquecendoſe de aggravos recebidos, os tratou com benevolencia, e benignidade. Alguns marinheiros pela mayor parte Catholicos, que em peſſoa naõ poderaõ hir logo moſtrar ſeu animo agradecido, o fizeraõ por carta, que eſcreveraõ, e aſſignaraõ, como aqui vay tresladada fielmente:

„ Senhor General. Agrade-
„ cemos todos a diligencia, que
„ o Senhor Capitaõ de V. Se-
„ nhoria tem feito com ElRey

em

„ em nome de V. Senhoria,
„ por onde ficamos livres das
„ vidas, que eſtavamos ſenten-
„ ciados ao ſupplicio da morte;
„ mas como noſſo Senhor aco-
„ de aos mais deſamparados, a
„ iſſo achamos o patrocinio de
„ V. Senhoria para tal miniſ-
„ terio, de que todos, e cada
„ hum em particular agradeça,
„ e renda as graças a V. Senho-
„ ria pelo tamanho beneficio;
„ e como nos falta palavra
„ para conhecer, e agrade-
„ cer os favores, e zelo Ca-
„ tholico, como de V. Senho-
„ ria, que ſe naõ fora elle, eſ-
„ tiveramos os que eſcapaſſe-
„ mos vivos, infieis, e os mor-

tos

„ tos ſem nome de Jeſus; e no
„ mais nos falta palavras. Te
„ nha V. Senhoria muita vida,
„ e perfeita ſaude para ampa-
„ ro dos affligidos, como ſo
„ mos neſteGior. Guarde Deos
„ a V. Senhoria,&c. „ Os mais
humildes ſervos *Jotin Barver, Domingos Coutinho,&c.*Seguem-
ſe mais dez aſſinados, que ſe
deixaõ por brevidade.

Em concluſaõ deſteCapitulo quero aqui lançar o teſte
munho authentico, que o Capitaõ Piloto,e os mais Officiaes
do barco Inglez deraõ ao Go
vernador, em que ſe confeſſaõ
obrigados na fórma ſeguinte:

„ Confeſſamos nòs abaixo
aſſina-

„ aſſinados, Capitaõ, e mais
„ Officiaes, e gente da lotaçaõ
„ do vergantim Succeſſo, de
„ que he Senhorio Meſtre
„ James Vvilliamum, Merca-
„ dor Jotin Dean, que tendo
„ vindo a eſte porto do Reyno
„ de Gior a fazer contrato,che-
„ gou tambem a eſte no princi
„ pio de Outubro paſſado de
„ arribada o Senhor Antonio
„ de Albuquerque Coelho,Go-
„ vernador, e Capitaõ Gene-
„ ral da Cidade de Macao; a
„ quem abaixo de Deos deve-
„ mos todos as vidas, e o dito
„ Senhorio o vergantim, e as
„ fazendas; porque alèm do
„ dito Senhor nos ter ajudado,

„ para que o Rey passado, que
„ perdeo o Reyno, nos satisfi-
„ zesse a quantia de nove, ou
„ dez mil patacas, o que tinha
„ promettido, e effeituara, se-
„ naõ fosse a pouca verdade do
„ nosso Jerubassia, tambem
„ obrigou o Principe, que con-
„ quistou o Reyno para se va-
„ ler do dito Senhor, que nos
„ satisfizesse a dita quantia re-
„ ferida, vista a fogida do dito
„ Rey, cujo Reyno o dito Prin-
„ cipe conquistava, sendo nòs
„ obrigados a ajudallo no que
„ podessemos, de tudo o que
„ passou o dito Principe Cha-
„ pa de obrigaçaõ ao dito Se-
„ nhor, que entregou ao Capi-
taõ

,, taõ Ricardo Langdon, que
,, Deos haja, e ultimamente a
,, 8. deſte mez de Abril, tendo
,, os Malayos morto o dito Ca-
,, pitaõ Langdon, e ſendo tam-
,, bem morto o noſſo Jerubaſ-
,, ſa, em occaſiaõ, que o Ca-
,, pitaõ Joaõ Tavares de Vel-
,, lez Guerreiro ſe tinha vindo
,, deſpedir do Principe Rey, da
,, parte do dito Senhor Gene-
,, ral, paſſando o dito Princi-
,, pe ordem, para que todos foſ-
,, ſem mortos, tomando o ver-
,, gantim, acodio o dito Capi-
,, taõ, pedindo ao Principe da
,, parte do dito Senhor Gene-
,, ral ſuſpendeſſe a dita execu-
,, çaõ, por quanto naõ havia de

 ſer

,, ser contente della ; e Sua Al-
,, teza como seu amigo , e ir
,, maõ , naõ devia proceder
,, nella , sem lha dar a saber ,
,, pois eraõ tambem Europeos,
,, amigos do dito Senhor Ge-
,, neral. A' vista do que man-
,, dou o dito Principe se metes-
,, se o Capitaõ no dito vergan-
,, tim para evitar alguns atrevi-
,, mentos dos Malayos , em
,, quanto o dito Principe noti-
,, ciava ao dito Senhor General
,, pelo seu lingua de Estado ;
,, pelo qual mandou logo o di-
,, to Senhor General pedir por
,, nòs taõ encarecidamente, re-
,, comendando assim ao dito
,, seu Capitaõ , que quando a
dita

,, dita ſupplica chegou, eſta-
,, vão já os ditos Malayos apo-
,, derados do noſſo vergantim,
,, eſperando taõ ſómente ſinal
,, para todos ſermos mortos
,, em caſo, que o dito Senhor
,, não procuraſſe por nòs, com
,, a qual ſupplica fomos per-
,, doados nas vidas, vergantim,
,, e fazendas, e nos mandou o
,, dito Principe entregar ao
,, dito Senhor Governador, a
,, quem confeſſamos dever o
,, acima declarado, moſtrando
,, por eſte o noſſo reconheci-
,, mento, para em todo o tem-
,, po o naõ deixarmos de con-
,, feſſar, offerecendonos aſſim
,, ao dito Senhor, em ſinal do

„ nosso agradecimento. Na
„ barra de Gior, aos 17. de
„ Abril de 1718. annos „ *Ricli Vvallis. Thom. Frason. Jotin Barber. Danell Stingsbis.* Eraõ assinados mais por sua ordem 21. com seu nome, e sinal. A' vista deste testemunho, e dos papeis referidos neste Capitulo, naõ resta mais, que se possa dizer; e assim naõ ha para que nos detenhamos nesta materia.

Antes que os dous navios do Governador, e Inglez se apartem, he bem que naõ deixemos passar em silencio hũa notavel acçaõ de piedade, e religiaõ do nosso Governador.

He ella, que como no barco Inglez havia muitos marinheiros naſcidos na Coſta, e criados com a doutrina Catholica, e no dito barco ſe naõ uſavaõ os Ritos Romanos, nem ſe guardavaõ os preceitos da Igreja, os ditos marinheiros Chriſtãos naõ podiaõ ſatisfazer às obrigaçoens de Catholicos; o que vendo, e ſabendo o Governador, com ſua ingenita propençaõ às couſas da Igreja Romana, pedindo, ou uſando da authoridade, que alli ſe tinha conciliado, obrigou ao Capitaõ herege, que permittiſſe aos ditos Catholicos ſeus marinheiros, a que nos dias de Feſ-

ta fossem ao seu navio a ouvir Missa; e naõ parando aqui o seu pio, e generoso animo, mandava a lancha do seu navio para os conduzir, e juntamente para levar alguns Mouros, que comsigo trazia, os quaes servissem no barco Inglez no tempo, que os Catholicos assistiaõ à Missa, obrando com huma unica acçaõ dous heroicos actos, hum de piedade, e religiaõ, outro de justiça, se he que se lha devia, em que se naõ faltasse ao necessario serviço do seu barco; e naõ obstante esta cautela, levava tanto a mal o Herege a assistencia à Missa dos seus marinheiros,

ros, que naõ podendo moſtrar ao Governador o diſſabor grãde, que diſto tinha, o manifeſtava aos pobres Chriſtãos, caſtigando os, quando della voltavaõ para o barco. Finalmente, como eſtavaõ para ſe apartarem os barcos, e era ſemana Santa, uſando de mayor authoridade para aquelles, que ſe reconheciaõ, e confeſſavaõ por obrigados, fez que todos aquelles marinheiros Catholicos ſe confeſſaſſem, e commungaſſem em ordem a ſatisfazer à obrigaçaõ do preceito da Igreja, couſa, que naõ tinhaõ feito havia annos: que tal he a deſgraça dos Catholicos, que vaõ

ſervir

ſervir em barcos de Hereges: mas felices eſtes, q̃ acharaõ a occaſiaõ de hum tal Patrono, q̃ naõ ſómente lhe defendeo as vidas, e liberdade, mas tam bem lhes livrou as almas do cativeiro do demonio.

## CAPITULO ultimo.

*Parte o Governador para Macao, e daſſe noticia do que lhe ſuccedeo no caminho.*

AOs 18. de Abril deraõ à vèla os dous barcos, o do Governador, e o do Inglez; e eſte por quaſi todo aquelle dia

dia foy sempre acompanhando ao Governador, naõ tanto por obsequio, quanto por medo das embarcaçoens Malayas, e só quando se vio fóra, e longe da barra de Gior, se apartou, salvando com toda a sua artelharia ao Governador. Foy trabalhosa a viagem, principalmente por falta de Piloto; porque hum só, que havia no navio, era falto de noticia, e experiencia daquella viagem: pelo que foy obrigado o Governador a tomar à sua conta a direcçaõ della, guiado de alguma estimativa, e reminiscencias, que tinha das vezes, que passou aquelles mares.

Com esta determinaçaõ na noite daquelle mesmo dia 18. mandou lançar ancora no meyo do estreito, que desemboca para o fatal penedo, inimigo das embarcaçoens, a que chamaõ Pedra branca, naõ sey se tanto pela cor, que em si tem, quanto pela que causa nos que de perto a avistaõ; e com razaõ, pois tem servido a tantos de naufragio, e de instrumento da justiça, e furor Divino, pagando nella sua soberba, e cobiça. He perigosa, e terrivel, ainda aos mais experimentados, e insignes Pilotos, assim porque se costuma ordinariamente passar por junto
della

della espacio de hum tiro de mosquete, como pelo grande baixo, que corre da parte do Oeste, que he o caminho, que costumaõ fazer os barcos, que vem do estreito de Malaca.

Rompeo o dia 19. de Abril com medonha carranca de ameaças, e sinaes evidentes de furioso vento, que estava para soprar; o qual accrescentou tanto mais o medo, quanto mayor era o perigo da Pedra branca, que estava por proa. A' vista de taes annuncios, o provido, e experimentado Governador Piloto manda logo ao mesmo tempo suspender a ancora, recolher o escaler, se-

gurar pela poupa a lancha, e desfazer outra, que trazia de reſerva, paſſar contrabraços ao Traquete, pôr gente capaz, e expedita nos topes, e diſpor tudo o mais neceſſario para reſiſtir à tempeſtade; e correr com ella ſeguro; e foy tudo executado com taõ feliz acerto, e opportuna conjunçaõ, que o meſmo foy acabar com eſta obra de acautelada prevençaõ, que começar hum temporal taõ furioſo, que a naõ eſtar o navio providamente preparado, corria evidente perigo de ſe perder. Foy neceſſario dar a poupa ao vento, e foy com taõ bom ſucceſſo, que

o na-

o navio ſó com o Traquete, valendoſe das vigias dos topes, diſtando a dita Pedra nove leguas, donde eſtava, paſſando por junto della, em tres horas e meya ſe achou ter o navio andado quatorze leguas; naõ ſe affaſtando todo eſte tempo o Governador do tombadilho, que coberto com hum capote, reſiſtia à furia do vento, e rigor da chuva, por acudir ao governo do navio, que ſó do ſeu mando, e direcçaõ dependia a ſegurança delle, e de tantas vidas.

Deſta ſorte livre o barco do perigo, ſe aviſinhou a Pulolaor, Ilha engraçadamente viſtoſa,

e fer-

e fertil, aonde costumaõ ordinariamente hir os barcos proverse de frutas, gallinhas, e outras cousas necessarias. Pertence esta ao Rey de Gior, e tem alli seu Sibandar, que a governa. Como o navio trazia sómente o arroz necessario, agua, e carne de duas bufaras, que o Rey tinha mandado de presente ao Governador, e estava falto de outras cousas necessarias, de que se naõ tinha feito provimento em Gior, por quanto depois que se começaraõ as guerras, com a gente, que fogia para os matos, desappareciaõ tambem os mantimentos, julgou o Governador

nador

nador ſe devia prover na dita Ilha de algumas couſas. Mandou preparar hũa lancha com a gente neceſſaria, e que levaſſem hum ſombreiro, ou chapeo de Sol, dadiva, que o Rey de Gior tinha feito ao Capitaõ Joaõ Tavares, e favor entre outros ſingular, com que por ſeus merecimentos o premiara, e com que naquelle Reyno ſe naõ coſtumaõ honrar, ſenaõ aos ſeus Grandes. Quanto que na Ilha o Sibandar conheceo o ſombreiro, nobre inſignia dos ſeus mais honrados Malayos, deſceo logo à praya a render a devida honra, e obſequio, e executar as

ordens, que se lhe déssem, e
como entendeo quem era o
que estava no navio, e o que
pertendia, procurou buscar o
refresco necessario, de que a
Ilha naõ estava muy abundan
te; quando neste tempo da par-
te de terra se começaõ a en
grossar as nuvens, e logo a fu-
zilar com relampagos, e rom-
per com estrondosos trovoens,
e o que se costuma seguir, fu-
rioso vento, que ameaçava rui-
na ao navio, se quizesse fiarse
na ancora: pelo que o Gover-
nador a toda a pressa dando
sinal à lancha, para que se reco-
lhesse, procurou fazerse ao
mar, onde mais livre dos pe-
rigos

rigos da terra, recebesse os arrebatados impetos do vento, ficando a gente da nao desconsolada com a falta de refresco, de que tanto necessitava.

Proseguiose a viagem atè passar Polocondor, Ilha, que fica nove graos para o Norte, e serve de baliza aos Pilotos, para se livrarem dos baixos de Pulo Sissi, e Rabo de Lacrao; e por mais que o Governador advertio ao Piloto navegasse por fundo de trinta, e trinta e cinco braças em demanda da terra, para que assim fosse igualmente affastado das correntes da boca de Camboja, e dos ditos baixos, foy tal a iner-

cia daquelle Piloto, que devendo hir tomar a terra de Cochinchina, ſe hia embocando nos perigoſos baixos de Camboja, deſorte, que advertindo o Governador no lugar, em que ſe achava, nunca pode conhecer qual foſſe, ſendo que tinha baſtante noticia daquella Coſta, pelo que julgou, que para ſegurarſe, devia buſcar fundo, em que commodamente ſurgiſſe, o que fez em altura de ſete braças, atè que a obſervaçaõ do Sol podeſſe dar a conhecer, que terra foſſe aquella, onde eſtavaõ. Finalmente luzio o dia com Sol claro, que a hora competente ſe pode tomar,

mar, mas a altura do Sol naõ concordava com a ſituaçaõ da Coſta deſcrita nas Cartas de marear. Entra neſte caſo o Piloto em confuſos labyrinthos, e perturbadas fantaſias, ſem que podeſſe dar razaõ de ſi, nem da viagem, que levava. Accreſcentou o medo, e perturbaçaõ o vento algum tanto rijo, e contrario, que começou a aſſoprar. Difficultoſo he o paſſo, que ſe dá por caminho cego, e muito mais, ſe quem guia o caminho, tambem he cego!

Naõ deſmayou o Governador, manda fazer na volta do mar; carrega o vento, e com elle as correntes para as bocas,

que abria a Costa; e como estas eraõ arrebatadas, ainda que o vento impellia o navio, ajudado do leme para o mar, ellas como mais poderosas, e senhoras daquella Costa, naõ cediaõ ao vento, antes soberbamente o venciaõ, e levavaõ o navio para terra; de tal sorte, que em pouco tempo descahio tres leguas para Oeste. Que remedio? Manda o Governador dar fundo em doze braças, e dispondose para levar sobre ancoras o temporal, que espantosas, e cerradas as nuvens ameaçavaõ, como prudente q̃ era, tratou com todo o afinco de se certificar, que terra
era

era a que apparecia , quando o primeiro grao da providente cautela he conhecer o inimigo , de que ſe deve fugir; e depois de varias conferencias com o Piloto,e Cartas,ſe aſſentou , que era a boca de Camboja , taõ cerrada de baixos, que metia horror , eſpecialmente a quem naõ tinha experiencia daquella entrada. Por tanto a reſoluçaõ acertada foy dobrar ancoras , e amarras , e eſperar mudança de vento favoravel. Entre tanto começaraõ a encreſparſe as ondas deſafiadas do vento , que furioſamente ſe hia embravecendo , e deſcarregaraõ ſua colera no

navio com tanto impeto, que parecia o pertendiaõ ſepultar. Foy neceſſario arriar todos os maſtareos, e vergas, para que aquelle bruto, e furioſo combate tiveſſe menos em que fazer ſeus golpes. Carregou a noite com horriveis trevas, e à viſta deſtas, tomando mayor ouſadia a tempeſtade, deſcarregou com mais força. Entra o medo em todos, de que faltando as amarras, o navio embarraſſe em terra, e ſe fizeſſe em pedaços com diſpendio de tantas vidas. Entre tantas afflicçoens, e perigos, o Padre Capellaõ tomou por expediente remedio o dos exorciſmos,

mos, que cheyo de confiança em Deos devota, e compungidamente fez contra a tempeſtade; e o Governador a exemplo do Apoſtolo da India S. Frãciſco Xavier, deitou reliquias de Santos ao mar, e com bom ſucceſſo, pois antes de amanhecer, ſocegou algum tanto a tempeſtade, e o mar, ſentindo aquelle inſenſivel elemento a efficacia da virtude Divina, e dos merecimentos dos Santos.

Succedeo naquella noite huma couſa naõ medonha, quaõ ridicula. Seriaõ dez horas da noite, quando o Governador obſervou, que arrebentavaõ os mares pela poupa. En-

tra

tra providamente solicito em duvida, se seriaõ baixos, que antes com a perturbaçaõ, por causa da principiada tempestade, se naõ advertiraõ; manda secretamente pessoa de sua confiança, que da poupa com cuidado observe, e examine, se aquelle reluzente quebrar de ondas perseverava no mesmo lugar, e achouse, que era permanente. Mais cuidado dava ao Governador a perturbaçaõ, q̃ causaria aquelle accidente à gente da nao, do q̃ o mesmo accidẽte; por tanto poz toda a cautela, para q̃ esta se naõ alterasse: quando pela parte de bombordo apparece outro

sinal

ſinal, reluzindo o mar com alvejantes ondas. Perturbouſe a gente igualmente medroſa, que deſconfiada das vidas, acode ao Governador pedindo, que levando ancoras, ſe faça à vèla; mas eſte pertendendo ſocegallos, moſtrava ſer aquelle remedio inutil, e improporcionado, e o proprio era confiarſe nas ancoras, e eſperar, que amainaſſe o temporal; porque aquelles ſinaes ſe eraõ de verdadeiros baixos, naõ falhando as ancoras, e amarras, naõ havia que temer; e mais digno de temor era levar ancora, e largar vèla, fiando o navio da inconſtancia dos mares, e correntes

rentes com evidente perigo de de cahir nos apparentes baixos.

Assim fluctuavaõ, naõ menos o navio, que os animos daquella gente em cega confusaõ, quando o Governador repara, que aquelles representados baixos se vinhaõ chegando para o navio. Neste passo os marinheiros perderaõ o tino, e persuadindose, q̃ eraõ, ou fantasmas marinhas, ou as Ilhas nadadoras, que no mar Egeo fingio a fabulosa Grecia, pediraõ ao Padre Capellaõ lhes fizesse os exorcismos. O Governador entre riso, e impaciencia, advertindo já o que aquillo poderia ser, os exhortou, a

que

que depozessem o medo, quando cardumes de pequenos peixes, ou çargassos, ou outros quaesquer partos do mar, levados à toa da agua, naõ eraõ bastante causa para assim os perturbar, e obrigar a valerse dos exorcismos. Finalmente se socegou a gente algum tanto com o que ouvio ao Governador, e a luz do dia os acabou de serenar, experimentando com seus olhos, ser verdade o que às escuras tinhaõ ouvido: e em dez dias, que durou o vento contrario, pela qual causa foy necessario, que o navio estivesse alli ancorado, se viraõ aquelles fluctuantes baixos,

xos, ou ilhotas de ovas de pei
xe, que entravaõ pela boca da-
quelle rio com a corrente em
tanta quantidade, e taõ juntas,
que faziaõ ſuas diviſoens, e ca
minhos; e como as noites eraõ
eſcuras, a eſcuma das ondas re
batidas entre aquelles partos
maritimos, repreſentavaõ bai-
xos. Paſſados dez dias, moſtran-
doſe o tempo algum tanto
mais favoravel, ſe foy coſtean-
do a terra, ſempre com a ſonda
na maõ, e lancha expedita,
porque era neceſſario paſſar
pelos baixos, e vencidos eſtes,
ſe foy navegando com baſtan-
te trabalho, atè que finalmente
aos 23. de Mayo ſe aviſtou ter-
ra da China. Aqui

Aqui ſe exaſperou a doença, de que vinhaõ tocados já algũs da nao. Era ella a que chamaõ Berobere, ſó conhecida dos que navegaõ por climas humidos, e irregulares. Como a detença em Gior foy grande, fez nos da nao notavel impreſſaõ o clima daquella terra, humido em ſummo grao, a que coſtuma acompanhar a frialdade, q̃ faltandolhe a intençaõ nos graos, lhe ſobeja a malignidade por cauſa das muitas chuvas, e alagoas. Mudaraõ de ares na Coſta de Camboja, e Cochinchina, experimentando diverſas calmas, e calores, e como faltavaõ couſas

ſas freſcas, e verdura para o comer, e ſó uſavaõ de mantimentos ſalgados, davaõ mayor paſto à doença, e começaraõ muitos a inchar; e aſſim que ſe aviſtou terra da China, dous, nos quaes o mal tinha lançado mayores raizes, quaſi de repente, e fallando acabaraõ ſeus dias. Dava grande moleſtia ao Governador ver a ſua gente taõ afflicta, e naõ poder remedialla; mas procurava conſolalla do melhor modo, que podia; e ainda que eſtava algum tanto tocado da meſma enfermidade, nem por iſſo deixava de deſcer a viſitar, e animar os enfermos, ſoccorren

do-os

do-os com o que havia; e de tal ſorte diſſimulava o mal, que ſentia, que para dar animo aos deſcahidos, e moſtrar, que tinhaõ Pay, que delles tiveſſe cuidado, ſe fingia ſam, e expedito para os conſolar em ſuas moleſtias, e affliçoens.

Finalmente o Piloto pouco experimentado, perſuadindo ſe, contra a eſtimativa do Governador, que eſtava mais a Leſte, do que na verdade era, deu com o navio em ſeco no tempo, que o Governador ſe tinha recolhido na Camera para deſcançar; mas paſſadas algumas horas com a enchente da maré ſahindo daquelle lu

gar aos 25. de Mayo embocou pelo canal, que vay entre as duas Ilhas, das quaes a que eſtá à maõ direita, he a que teve a felicidade de receber em ſi o incendio do amor Divino, e zelo das almas, o grande Apoſtolo das Indias Saõ Franciſco Xavier, chamada vulgarmente Sanchuaõ, ou Xamchuen, como dizem os Chinas. Como o Governador eſtava com a doença de que ſe fez mençaõ, foy obrigado a deſembarcar, dizendo o Medico Fr. Angelo, que ſe naõ deſembarcava, certamente morreria em termo de 24. horas. Em terra foy bem tratado dos Chi-

nas naturaes; mas como era necessario para melhorar, vir logo para Macao, se meteo em huma barca Cinica, bastantemente petrechada, na qual chegou a Macao aos 29. do dito mez de Mayo, e logo foy conduzido pelos Reverendos Padres da Companhia de Jesu para o seu Collegio, aonde a primeira entrada, que fez, foy na Igreja, render as graças a Christo Sacramentado por taõ singulares beneficios, alcançados da Divina misericordia; e logo encaminhando-se para a Capella de Saõ Francisco Xavier, onde se expoz a reliquia do seu Sagrado braço, devota-

mente a beijou, e ſacrificou nas aras daquelle grande Apoſtolo não menos ſua affectuoſa piedade, que o governo, de que vinha tomar poſſe, pro teſtando mais com o coraçaõ, do que com a boca o deſejo, que tinha de ſe pôr debaixo de ſua protecçaõ; e como pertendia logo no ſeguinte dia tomar poſſe do governo, como na verdade tomou com toda a paz, e quietaçaõ, procurou primeiro aliſtarſe debaixo da bandeira deſte grande Generaliſſimo do Oriente, aſſentando comſigo, que ſeguindo as maximas de tal Anteſignano, quanto ſeu eſtado lhe permitiſſe,

ſe, todas ſuas emprezas teriaõ o acertado fim, ou foſſem dirigidas pelas regras da prudencia, ou livradas na bem fundada eſperança da fortuna, ou movidas de huma neceſſaria reſoluçaõ, ou finalmente levadas do zelo da honra Divina, e ſerviço de Sua Mageſtade. E certamente os principios do ſeu governo, fundados nas regras da Chriſtandade, e benevolencia, com que procura attrahir aos mal contentes, cortando muitas vezes por ſi, daõ a entender quaes ſeraõ ſeus progreſſos, aſſim nas bem acertadas maximas do ſeu proceder, como no augmento tem-

poral da Cidade , que a Divina bondade começou a profperar com muitos, e ricos barcos, depois de huma fumma pobreza, e defamparo. Seja tudo para mayor gloria Divina , e bem temporal, e efpiritual defta Cidade de Macao, e das Miffoens dependentes della.

F I M.

# INDEX
## DOS CAPITULOS
### da primeira parte deſte livro.

## SEGUNDA PARTE.

FIM.

Tavares de Vellez Guerreiro
João, fl. 1718
Jornada, que Antonio de
Albuquerque Coelho. [Lisb…]
1732.

Felix